

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
DEPARTAMENTO DE LETRAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS DA LINGUAGEM
MESTRADO EM ESTUDOS DA LINGUAGEM
ÁREA DE CONCENTRAÇÃO LINGUÍSTICA

MARLY ROCHA MEDEIROS DE VARGAS

**OS POSSESSIVOS DE SEGUNDA PESSOA EM CARTAS DE LEITORES DE
JORNAIS BRASILEIROS DOS SÉCULOS XIX E XX**

Natal, RN
2014

MARLY ROCHA MEDEIROS DE VARGAS

**OS POSSESSIVOS DE SEGUNDA PESSOA EM CARTAS DE LEITORES DE
JORNAIS BRASILEIROS DOS SÉCULOS XIX E XX**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem, da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, como parte dos requisitos para a obtenção do título de Mestre em Linguística.

Orientador: Prof. Dr. Marco Antonio Martins.

Natal, RN
2014

Aos *Rocha-Firmino-de-Medeiros*, pelas razões dos exemplos, da Força e das Luzes, sob a afinada regência do professor Manoel Firmino de Medeiros (meu pai) e D. Rita (Lilita) Ferreira da Rocha Medeiros (minha mãe, *in memoriam*).

AGRADECIMENTOS

. . . Ser grato vai além; segue destino!

De sorte que ser grato é mais que verbo. Ato. Fato.

Entre portos, o mar aporta em marcantes marcos: de Antonio e Leonardo, a Alice

Quando você menos espera...Vem o abraço!

A gente - da forma mais sincera e profunda – celebra agradecendo sensibilizada.

Foram suas oportunas, pertinentes, valiosas e legítimas contribuições que enriqueceram este trabalho.

De modo especial, enfatizo minha gratidão ao meu muito querido Professor Doutor Marco Antonio Martins, Mestre na arte de incentivar, estimular, investir e acreditar. A ele, toda a minha deferência!

. . . E nesse entrelaçamento, cada fio guarda em si uma forma particular de contribuição que termina por consolidar laços. Laços consubstanciados em *vossa mercê, você e tu*, mesclados de *seu-e-teu* pra dizer – em clima de íntima cortesia – que assim a Obra passa a significar, ganhar sentido e assumir lugar-no-mundo. Igualmente à amizade! Com esse espírito, eu agradeço às amigas, aos amigos e colegas – *nada senso comum* – que estiveram comigo ao longo desse percurso (e haja fôlego!).

E em se tratando de AMIGOS, existem aqueles que nos cuidam lá dos Céus. . . São os não menos amados, queridos e irmãos; mestres e guias espirituais. Os que – incansável e incondicionalmente – nos emanam luzes e bênçãos noite-e-dia, só pra nos ver bem! Esses não merecem mesmo os nossos deferentes agradecimentos?!

[...] Cantar e cantar e cantar a beleza de ser

Um eterno aprendiz [...]

Gonzaguinha

RESUMO

Com base nos pressupostos teórico-metodológicos da teoria da variação e da mudança linguística (cf. WEINREICH; LABOV; HERZOG, 2006 [1968]), segundo os quais a heterogeneidade na/da língua lhe imprime um caráter intrínseca e eminentemente variável, nesta dissertação, descreve-se e analisa-se o processo de variação/mudança envolvendo o quadro dos pronomes possessivos de segunda pessoa em cartas de leitores de jornais brasileiros dos séculos XIX e XX. Essas cartas apresentam um retrato das cartas de leitores da imprensa brasileira das regiões Sul (Santa Catarina), Sudeste (Rio de Janeiro) e Nordeste (Bahia e Rio Grande do Norte) nos diferentes séculos e fazem parte do *corpus* mínimo comum impresso do Projeto para a História do Português Brasileiro (PHPB). Parte-se do pressuposto de que o uso das formas variantes para a expressão dos pronomes possessivos de segunda pessoa – *teu/tua*, *seu/sua* – resulta da interação que caracteriza os papéis sociais exercidos pelos interlocutores nas cartas. Configurando unidades comunicativas que reúnem elementos/traços denotadores de espaço e tempo condicionados e determinados por aspectos sócio-históricos e culturais, as cartas de leitores mostraram-se como universo promissor de pesquisa na perspectiva aqui eleita para estudo. Mais especificamente, na esteira de resultados apresentados em estudos sobre o sistema pronominal na diacronia do/no Português Brasileiro (PB), nos quais se inserem aqueles referentes aos possessivos (FARACO, 2002; LORENGIAN-PENKAL, 2007; CALLOU; LOPES, 2003; LOPES; DUARTE, 2003; MENON, 2005; ARDUIN; COELHO, 2006; LOPES, 2009; MARCOTULIO, 2010), os resultados obtidos na análise apontam para diferentes usos dos possessivos, registrando-se a coexistência das formas *teu/tua*, *seu/suas* fortemente condicionadas pela natureza sociodiscursiva das cartas de leitores no curso dos séculos e pela diferentes regiões.

Palavras-chave: Pronome *SEU*. Possessivos de Segunda Pessoa. Cartas de Leitores. Português Brasileiro.

ABSTRACT

Based on the theoretical and methodological presuppositions of the theory of language variation and change (cf. WEINREICH; LABOV; HERZOG, 2006 [1968]), it is described and analyzed in this article the process of variation/change concerning the second person possessive pronouns in letters from readers of Brazilian newspapers from the XIX and XX centuries. These letters feature a portrait of the Brazilian press from the South (Santa Catarina), Southeast (Rio de Janeiro) and Northeast (Bahia and Rio Grande do Norte) regions in each century and are part of the Project for Brazilian Portuguese History's (PHPB) printed common minimal corpus. The point of departure of this work is the idea that the use of variant forms of expressing second person possessive pronouns – *teu* and *seu* – results from the interaction characterizing the varied social roles performed by the letters' senders. Arranging communicative units, which gather elements/features denoting time and space, conditioned and determined by socio-historical and cultural aspects, the readers' letters, turn out to be a promising research field under the light of this paper. More specifically, In the row of presented results in studies about the pronominal system in the diachroneity of/in Brazilian Portuguese (PB) (FARACO, 2002; LORENGIAN-PENKAL, 2007; CALLOU; LOPES, 2003; LOPES; DUARTE, 2003; MENON, 2005; ARDUIN; COELHO, 2006; LOPES, 2009; MARCOTULIO, 2010), the results featured in here point at different usages of the possessives, noticing the coexistence of the forms *teu/tua* and *seu/sua* strongly conditioned by the socio-discursive nature of the readers' letters in the course of the centuries and through different regions.

Key-words: Pronoun *SEU*. Second person possessive pronouns. Readers' letters. Brazilian Portuguese.

LISTAS DE QUADROS

Quadro 1 - O Sistema Pronominal do Português	35
Quadro 2 - Relação entre os pronomes pessoais e os possessivos (CUNHA E CINTRA, 2008)	37
Quadro 3 - Pronomes pessoais no Português Brasileiro - fala e escrita (DUARTE, 2003)	50
Quadro 4 - Paradigma dos pronomes pessoais e possessivos em uso no PB	53
Quadro 5 - Quantitativo das cartas de leitores de jornais brasileiros: séculos XIX e XX	58

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Percentual de <i>seu</i> e <i>teu</i> em relação à variável Pronome na posição de sujeito	78
Tabela 2 - Percentual de <i>seu</i> em relação à variável <i>Posição do possessivo em relação ao nome</i>	82
Tabela 3 - Percentual de <i>seu</i> e <i>teu</i> em relação à variável <i>tipo de sintagma</i>	84
Tabela 4 - Percentual de <i>seu</i> e <i>teu</i> em relação à variável <i>Contração do determinante</i>	85
Tabela 5 - Percentual de <i>seu</i> e <i>teu</i> em relação à variável Período de publicação das cartas	86
Tabela 6 - Percentual do pronome <i>seu</i> vs <i>teu</i> considerando o cruzamento entre as variáveis Pronome na posição de sujeito na totalidade da carta e Período	87
Tabela 7 - Percentual do pronome <i>seu</i> em relação à variável Localidade	90
Tabela 8 - Cruzamento de dados relativos ao pronome sujeito na totalidade	93
Tabela 9 - Percentual de <i>seu</i> em relação à variável Período vs Localidade	94

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	13
CAPÍTULO 1 - A TEORIA DA VARIAÇÃO E DA MUDANÇA LINGUÍSTICA	19
1 INTRODUÇÃO	19
1.1 A TEORIA DA VARIAÇÃO E MUDANÇA LINGUÍSTICA: UMA MUDANÇA DE PERSPECTIVA NA LINGUÍSTICA DO SÉCULO XX	19
1.2 A REGRA VARIÁVEL E A HETEROGENEIDADE ORDENADA.....	22
1.3 PROBLEMAS EMPÍRICOS PARA UMA TEORIA DA VARIAÇÃO E DA MUDANÇA LINGUÍSTICA	27
1.4 CONCLUSÕES DO CAPÍTULO E ENCAMINHAMENTOS	29
CAPÍTULO 2 - O SISTEMA PRONOMINAL NO PORTUGUÊS BRASILEIRO	31
INTRODUÇÃO	31
2.1 O PRONOME NO CONTEXTO DA CONSTRUÇÃO METALINGUÍSTICA: O QUE (NOS) DIZ A TRADIÇÃO	31
2.2 PARADIGMAS E DEFINIÇÕES VIGENTES NAS GRAMÁTICAS TRADICIONAIS EM RELAÇÃO AOS PRONOMES EM PORTUGUÊS	33
2.3 PANORAMA DO SISTEMA PRONOMINAL: O QUE NOS DIZEM OS ESTUDOS LINGUÍSTICOS SOBRE O PB	39
2.3.1 Uma perspectiva diacrônica – a entrada do <i>você</i> e a reestruturação do sistema pronominal	39
2.3.2 Considerando a reestruturação do sistema pronominal, algumas notas sobre o quadro dos pronomes e a norma culta no PB	49
2.4 CONCLUSÕES DO CAPÍTULO E ENCAMINHAMENTOS	55
CAPÍTULO 3 - PERCURSO METODOLÓGICO DA PESQUISA	57
INTRODUÇÃO	57
3.1 CARACTERIZANDO O PROCEDIMENTO	57
3.2 A CARTA E AS CARTAS DE LEITORES DE JORNAIS BRASILEIROS: A PROPÓSITO DO GÊNERO	60
3.3 O ENVELOPE DE VARIAÇÃO	63
3.3.1 As variáveis independentes estruturais	65
3.3.1.1 <i>Traço de número do possessivo</i>	65
3.3.1.2 <i>Traço de gênero do possessivo</i>	66
3.3.1.3 <i>Pronome na posição de sujeito na totalidade da carta</i>	66

3.3.1.4 Animacidade do sintagma possessivo	70
3.3.1.5 Posição do possessivo em relação ao nome	71
3.3.1.6 Artigo definido no sintagma possessivo	72
3.3.1.7 Tipo de sintagma	72
3.3.1.8 Contração do determinante com a preposição.....	72
3.3.2 As variáveis independentes extralinguísticas	73
3.3.2.1 Localidade	73
3.3.2.2 Período	75
3.4 CONCLUSÕES DO CAPÍTULO E ENCAMINHAMENTOS	76
CAPÍTULO 4 - DESCRIÇÃO E ANÁLISE DOS RESULTADOS	77
INTRODUÇÃO	77
4.1 VARIÁVEIS INDEPENDENTES LINGUÍSTICAS.....	77
4.2 A VARIAÇÃO NO UNIVERSO DAS VARIÁVEIS LINGUÍSTICAS	78
4.2 A VARIAÇÃO NO UNIVERSO DAS VARIÁVEIS EXTRALINGUÍSTICAS.....	86
4.1.3 Localidade	90
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	97
REFERÊNCIAS	99

INTRODUÇÃO

O trabalho que ora se apresenta tem como objeto de estudo o processo de variação/mudança dos pronomes possessivos de segunda pessoa em cartas de leitores de jornais brasileiros dos séculos XIX e XX e respalda-se, teórico-metodologicamente, na Teoria da Variação e da Mudança Linguística, para a qual a heterogeneidade na língua lhe imprime um caráter intrínseca e eminentemente variável (cf. WEINREICH; LABOV; HERZOG, 2006 [1968]).

As cartas apresentam um retrato das cartas de leitores da imprensa brasileira das regiões Sul (Santa Catarina), Sudeste (Rio de Janeiro) e Nordeste (Bahia e Rio Grande do Norte) nos diferentes séculos e fazem parte do *cópus* mínimo comum impresso do Projeto para a História do Português Brasileiro (PHPB). Parte-se do pressuposto de que o uso das formas variantes para a expressão dos pronomes possessivos de segunda pessoa – *teu e seu* – resulta da influência de determinados fatores linguísticos e extralinguísticos. Configurando unidades comunicativas que reúnem elementos denotadores de espaço e tempo condicionados por aspectos sócio-históricos e culturais, as cartas de leitores mostraram-se como universo promissor da pesquisa, na perspectiva aqui eleita para estudo.

O fenômeno da variação, no que se refere ao sistema pronominal do português, decorre do fato de que a língua se realiza em meio às relações sociais estabelecidas entre sujeitos, inseridos numa comunidade de fala, sendo passíveis de influências sociopolíticas, econômicas, culturais e linguísticas. Tais influências compõem-se de uma complexa rede de interação de fatores, vinculados às diferentes características do sujeito falante, como idade, sexo, escolaridade, profissão, igualmente contando questões relacionadas a tempo e espaço. Esses fatores trazem em si elementos que imprimem e asseguram uma heterogeneidade às relações sociais e pessoais, cuja viabilização tem na língua/linguagem seu instrumento de realização mais legítimo. Assim, pois, a heterogeneidade se atesta como lastro, tanto para a variação quanto para a mudança linguística, segundo os processos de ordem interna e/ou externa, operados na própria língua por seus usuários.

A pesquisa aqui empreendida responde ao interesse em contribuir com os estudos nessa área do conhecimento, por meio da ampliação das discussões sobre o processo de variação no sistema pronominal do português em uso no Brasil, fruto de intervenções decorrentes dos usos efetivos da língua por parte dos seus falantes.

Esta pesquisa está vinculada ao Projeto para uma História do Português Brasileiro - PHPB RN - coordenado pelo professor Doutor Marco Antonio Martins. O projeto nasceu no Brasil, no seio de uma corrente de estudos diacrônicos, expandindo-se nos anos 1990, tendo como coordenador nacional o Professor Doutor Ataliba de Castilho.

Visando à constituição de um *córpus* mínimo comum de impressos, o PHPB conta atualmente com uma diversidade de gêneros textuais cujo acesso se dá por meio de consulta *on-line*, em *homepage* integrada ao Corpora Impresso Nacional. Saliente-se que o PHPB dispõe, na atualidade, de um contingente de 13 equipes regionais distribuídas nos diversos estados brasileiros, que empreendem pesquisas acerca da história do português na perspectiva diacrônica, nas mais diversas abordagens linguísticas, tanto na modalidade oral quanto na modalidade escrita.

Tomando por base os pressupostos e postulados de Labov (2008 [1972]) da Teoria da Variação e da Mudança, e Labov, Weinreich e Herzog – doravante WLH – (2006 [1968]), para os quais toda variação/mudança na língua responde aos condicionamentos linguísticos e extralinguísticos, pretende-se mostrar que as influências daí decorrentes terminam por influenciar o processo de variação cuja dimensão atinge as diversas instâncias da língua. Assim, busca-se situar o processo de variação no quadro de possessivos de segunda pessoa do singular, com base nas características linguísticas vigentes no processo de formação do Português Brasileiro – PB –, pressupondo-se que já se faziam presente, em cartas de leitores de jornais brasileiros dos séculos XIX e XX, o uso variável dessas expressões linguísticas. Espera-se que, nessas cartas, o uso do pronome *seu/sua*, *seus/suas* referentes à segunda pessoa do singular já se faça presente nos séculos estudados, em substituição da forma arcaica *vosso(s)/vossa(s)*, correlacionada à expressão de tratamento *vossa senhoria* e em variação com a forma original *teu/tua* (cf. ARDUIN; COELHO, 2006; LOPES; DUARTE, 2005; MENON, 2005; GÖRSKI; COELHO, 2009; LOPES, 2009; MARCOTULIO, 2012).

Parte-se do princípio de que o referido uso – *teu e seu* em cartas de leitores de jornais – tanto encontra respaldo no processo de reorganização no quadro dos pronomes pessoais no PB como decorrência da inserção de *você* como pronome pessoal de segunda pessoa, em variação com um *tu* com implicações interacionais de [+intimidade], quanto porque pode estar associado a um *você* originário da expressão polida *Vossa Mercê*, logo um *você* carregado semântico-pragmaticamente de cortesia.

Assim sendo, para trabalhar nossa regra variável traduzida pelas variantes *teu e seu*, elencamos os seguintes grupos de fatores como possíveis condicionantes da variação: a) traço de número do possessivo em relação ao traço de número do nome; b) traço de gênero do

possessivo em relação ao traço de gênero do nome; c) pronome sujeito na totalidade da carta; d) animacidade do sintagma possessivo; e) posição do possessivo em relação ao nome; f) artigo definido no sintagma possessivo; g) tipo de sintagma; h) contração do determinante com a preposição; i) o período; e j) a localidade.

Vale salientar que alguns grupos serão controlados apenas para verificar o comportamento das formas variantes, o que significa não disporem de hipóteses delineadas.

Como hipótese geral, defendemos que a variação dos possessivos de segunda pessoa está relacionada à variação dos pronomes pessoais de segunda pessoa *tu/você*, fazendo-se presente nos séculos XIX e XX em substituição da forma arcaica *vosso/vossa*, forma essa correlacionada à expressão de tratamento *Vossa Senhoria* e à forma original *teu/tua*, podendo essa apresentar diferenças em cada estado. Assim sendo, admite-se que existe diferença no uso dos possessivos nas diferentes regiões.

Igualmente, consideramos que o uso de uma ou de outra forma pronominal possessiva pode responder a motivações estabelecidas pelas relações de mais cortesia, configurando uma maior formalidade e/ou menor formalidade na comunicação, caracterizando uma relação de mais proximidade/distanciamento, segundo o uso dos possessivos nas diferentes regiões.

As questões norteadoras para o desenvolvimento da pesquisa são as que seguem:

1) As variantes *teu* e *seu* se fazem presentes em cartas de leitores de jornais brasileiros dos séculos XIX e XX nos quatro estados investigados?

2) A pronominalização da forma linguística *você* influencia o uso da variante *teu* e *seu* nas referidas cartas?

3) Que variáveis linguísticas independentes exercem controle sobre o uso das formas variantes *teu* e *seu* nas cartas estudadas?

4) Que variáveis independentes extralinguísticas (período e localidade) influenciam nas ocorrências de realização da variável linguística aqui em análise?

Temos como hipóteses para as questões acima listadas.

1) Existe sim, o uso do pronome possessivo de segunda pessoa *seu* nas cartas de leitores de jornais brasileiros dos séculos XIX e XX, em covariação com o pronome *teu*, com a possibilidade de que prevaleça o uso do possessivo *seu*, considerando a análise das variáveis linguísticas e extralinguísticas, categorizadoras dos dados da pesquisa.

2) A coocorrência das formas de segunda pessoa *teu* e *seu* nas cartas estudadas se dá sob condicionamentos linguísticos e extralinguísticos, em resposta à pronominalização da forma *você* no contexto das relações sociais nas quais a língua se constitui e em função das quais a variação linguística se estabelece.

3) A variável estrutural extralinguística pronome sujeito na totalidade da carta se mostrará alternante segundo a variação dos pronomes possessivos de segunda pessoa *teu* e *seu* nas cartas de leitores pesquisadas, ocorrendo em função da localidade, sendo o possessivo *teu* usado com maior frequência nas regiões em que o *tu* ainda se mostre resistente como pronome de segunda pessoa.

4) A variável extralinguística localidade exerce influência sobre o uso das variantes possessivas *teu* e *seu* nas cartas aqui estudadas, mostrando que quanto mais significativo for o uso do pronome pessoal *tu*, maior será a ocorrência do possessivo *teu*. Essas relações são motivadas e mediadas interações estabelecidas por cada estado brasileiro estudado, considerando as relações de maior e/ou menor intimidade/distanciamento, formalidade e/ou informalidade estabelecidas entre os interlocutores das cartas.

5) A variável extralinguística período exerce influência sobre o uso da variante possessiva *teu* e *seu* nas cartas aqui estudadas, porque reflete as transformações ocorridas no sistema pronominal do português, ocasionadas pela inserção da forma gramaticalizada *você* no paradigma de segunda pessoa, fruto das variações e mudança realizadas na língua, e a consequente formação do PB.

6) As cartas de leitor, enquanto construções textuais sociodiscursivas, suscitam uma relação entre emissor e destinatário definidas por interações sociais de mais cortesia e menos intimidade, portanto mais formais.

7) Relações de poder e solidariedade regem a variação dos possessivos *teu* e *seu*, sendo a ocorrência do *teu* encontrada em maior grau no contexto das relações simétricas e assimétricas de superior para inferior, e a ocorrência do *seu* identificada, contrariamente, no contexto de cartas entre pessoas não próximas, ou que, por algum motivo, prezam pela polidez e cortesia.

Para o objetivo geral, temos como intuito descrever e analisar o processo de variação que envolve a variável constituída pelos pronomes possessivos de segunda pessoa *teu* e *seu* em cartas de leitores de jornais dos séculos XIX e XX nos estados do Rio Grande do Norte, Salvador, Rio de Janeiro e Santa Catarina, considerando-se as modificações realizadas no quadro de pronomes do PB como decorrência da inserção de *você* no quadro dos pronomes pessoais de segunda pessoa.

Seguem os objetivos específicos:

1) Investigar como se comporta a variável *teu* e *seu* no contexto de cartas de leitores de jornais, durante os séculos XIX e XX, situados em quatro estados brasileiros, atrelado aos fatores condicionantes;

2) Investigar em que medida os grupos de fatores linguísticos e extralinguísticos condicionam a variação em relação aos traços do possessivo *seu*, como decorrência do movimento desencadeado pela inserção de *você* no quadro pronominal do PB.

Na Introdução, estão contidos os itens relativos à apresentação do estudo, tais como as questões de pesquisa, as hipóteses e os objetivos. O primeiro capítulo versa sobre os pressupostos teórico-metodológicos em que o estudo está ancorado para empreender a análise do processo de variação e mudança, envolvendo os possessivos de segunda pessoa do singular – *teu/teus, seu/seus, tua/tuas, sua/suas* – em cartas de leitores de jornais brasileiros. Aborda os fundamentos da teoria, a definição de regra variável, o contexto da heterogeneidade sistemática e os problemas empíricos para o estudo da variação e da mudança.

O segundo capítulo situa o fenômeno linguístico a ser estudado – o possessivo de segunda pessoa singular *teu e seu* – à luz da perspectiva teórico-metodológica exposta no capítulo anterior, bem como na perspectiva histórico-normativa.

Estruturado em três partes, se fez, em princípio, uma recuperação histórico-linguística em relação à construção do conceito de pronome na perspectiva da tradição e, por extensão, uma revisão dos paradigmas e definições vigentes na gramática normativa em relação a alguns aspectos do sistema pronominal, com destaque para os pronomes possessivos em português, na interface com os estudos mais recentes acerca do tema. Nosso objetivo foi oferecer um panorama do processo de variação em relação à regra variável mencionada, tomando por base o contexto da reorganização por que passou o paradigma pronominal do português com a inserção de *você* no quadro dos pronomes pessoais e a conseqüente repercussão desse processo no uso de tais possessivos nas cartas de leitores de jornais escritas nos séculos XIX e XX.

Já o terceiro capítulo mostra os caminhos empíricos empreendidos na realização da pesquisa, tomando por base os grupos de fatores (variáveis independentes) eleitos para controlar a regra variável *teu e seu* (variável dependente) objeto do estudo em cartas de leitores da imprensa brasileira dos séculos XIX e XX. Como se trata de um trabalho envolvendo *cópus*, inauguramos o capítulo com a seção que retoma o conceito de carta enquanto gênero textual aplicado à carta de leitor de jornal, contextualizando características, modalidades e demais formatos em relação ao conteúdo por elas veiculados. Apresentamos, em seguida, os lugares (localidades) pesquisados e o tempo (período) em que se situa a pesquisa, esses representados pelos séculos XIX e XX. Igualmente, faz parte do capítulo a exposição e o delineamento dos grupos de fatores utilizados na categorização dos dados da

pesquisa – ou o envelope de variação, esses descritos segundo as hipóteses que nortearam sua eleição.

Já no quarto capítulo, expomos a descrição e a análise do fenômeno variável eleito como objeto de pesquisa da dissertação – o pronome possessivo de segunda pessoa do singular *teu e seu* – em cartas de leitores de jornais brasileiros dos séculos XIX e XX: a nossa variável dependente.

Considerando a diversidade de universos investigados – os estados do Rio Grande do Norte, Bahia, Rio de Janeiro e Santa Catarina – descreve-se e analisa-se o processo de variação no uso de tais pronomes à luz dos fatores linguísticos e extralinguísticos influenciadores desse processo, a fim de levantar as variantes utilizadas por cada comunidade linguística do *cópus* eleito para o estudo. O objetivo é mostrar a(s) influência(s) exercida(s) por cada fator interno e externo ao sistema linguístico, em relação a uma e/ou outra variante. É nesse sentido que a análise sociolinguística permite, possibilita e estabelece a relação entre o processo de variação num dado momento – uma fotografia sociolinguística numa perspectiva sincrônica – com os processos de mudança que ocorrem na língua ao longo do tempo – uma filmagem sociolinguística numa perspectiva diacrônica.

CAPÍTULO 1 - A TEORIA DA VARIAÇÃO E DA MUDANÇA LINGUÍSTICA

1 INTRODUÇÃO

Este capítulo versa sobre os pressupostos teórico-metodológicos em que o estudo está ancorado para empreender a análise do processo de variação e mudança, envolvendo os possessivos de segunda pessoa do singular – *teu/teus, seu/seus, tua/tuas, sua/suas* – em cartas de leitores de jornais brasileiros. Aborda os fundamentos da teoria, a definição de regra variável, o contexto da heterogeneidade sistemática e os problemas empíricos para o estudo da variação e da mudança.

1.1 A TEORIA DA VARIAÇÃO E MUDANÇA LINGUÍSTICA: UMA MUDANÇA DE PERSPECTIVA NA LINGUÍSTICA DO SÉCULO XX

Dentre as vertentes contempladas pela Linguística do século XX, insere-se a Sociolinguística Variacionista, que tem como cerne as relações estabelecidas entre língua e sociedade e seus consequentes resultados, consubstanciados nos dados empíricos representados pela diversidade linguística. Tendo essas relações como fundamento, o enfoque assumido por essa teoria, também chamada de Teoria da Variação e da Mudança, mostra que variabilidade e sistematicidade na língua não se excluem, mas se complementam, visto que a variação linguística é algo inerente à própria estrutura das línguas. Essa vertente, portanto, reinaugura a pesquisa linguística do século XX, quando reconhece a língua como materialização de uma diversidade de falares submetidos aos ditames da estrutura linguística e social, ou seja, uma língua condicionada e determinada por fatores linguísticos e extralinguísticos. Competiu, portanto, a esse modelo teórico-metodológico, sistematizar os pressupostos teóricos para uma teoria da mudança linguística que considerasse esses fatores.

No âmbito dos estudos linguísticos, a conferência de destaque para a linguística que considerasse, no contexto da mudança linguística, um lugar para a variação como resultado da atuação de forças e valores sociais veio com Weinreich, Labov e Herzog (2006 [1968]), por ocasião de sua participação em um Simpósio sobre as novas direções para a linguística histórica, notadamente em 1966. Esses estudiosos criticam, nesse evento, a tradição neogramática e a linguística estrutural e expõem seus estudos empíricos sobre contato linguístico em situação de bilinguismo (WEINREICH), interação dialetal (HERZOG) e investigações da realidade sociolinguística urbana (LABOV).

Na verdade, o primeiro estudo sociolinguístico foi empreendido por William Labov no início da década de 1960, quando ele observou a comunidade de Martha's Vineyard em Massachusetts, nos Estados Unidos e constatou que a presença de veranistas na ilha motivava fortes mudanças sociais e, conseqüentemente, linguísticas. A partir de então, passa a realizar repetidos estudos e análises empíricas nessa ótica, assim imprimindo cientificidade à teoria da variação e da mudança linguística, ante a profundidade que seus estudos iam assumindo a cada nova pesquisa empreendida. Desse modo, trabalha com a perspectiva de análise dos efeitos sociais sobre as estruturas linguísticas (análise linguística de regras variáveis), mediante um tratamento estatístico por meio do qual se mede o peso de cada grupo de fatores ou inibidores da aplicação de uma dada regra variável. Se estabelece, desse modo, a vinculação das pesquisas de base empírica que consideram a língua atrelada aos fatores de ordem social, estando ambos (língua e sociedade) sujeitos às variáveis que sobre elas operam (LABOV, 2008 [1972]).

Na verdade, um dos objetivos desse estudioso era mostrar que o insucesso escolar das crianças negras americanas não se devia às diferenças entre seu padrão de fala e o padrão de fala dos brancos, não obstante as significativas diferenças entre eles. O insucesso, de fato, estava atrelado a uma questão de discriminação linguística (preconceito linguístico) em relação ao inglês vernacular dos negros, dado o racismo exacerbado vigente na sociedade americana de então. Essa constatação foi resultado do estudo realizado sobre a língua do gueto, o qual tomou por base o inglês vernacular dos adolescentes negros do Harlem, Nova York (LABOV, 2008 [1972]). Nesse sentido, as pesquisas de Labov terminaram por fazê-lo concluir que as dificuldades quanto ao aprendizado do inglês, por parte dos jovens negros, decorriam do conflito existente entre seu inglês vernacular e a variedade padrão adotada pelos brancos.

Com tal perspectiva, Labov procedeu a inúmeros outros estudos, dentre os quais podemos citar a estratificação social do inglês falado em Nova York (1966) e os estudos sociolinguísticos da Filadélfia. Suas pesquisas vieram mostrar que a variação linguística constitui objeto de sistematização e análise, tomando por base um universo empírico, em que o uso da língua se faz inquestionavelmente necessário pela comunidade linguística, cujos indivíduos têm competência suficiente para conviver com a regra variável.

A Sociolinguística laboviana, portanto, não traduz uma teoria da fala, nem apenas o estudo descritivo do emprego da língua, mas sim o estudo desse emprego, buscando investigar o que essa descrição diz sobre um processo de variação e mudança e, conseqüentemente, também sobre a própria estrutura linguística. Esses estudos se opõem à

visão defendida pela linguística que lhes antecedeu, cujo pensamento afirmava que os conceitos de variabilidade e sistematicidade não se conciliavam.

Em meio a tais estudos, Weinreich, Labov e Herzog – WLH (2006 [1968]) propõem uma teoria que reaja ao axioma da homogeneidade da língua, advogando como ponto central sua eficiente estruturalidade enquanto a estrutura muda. Nessa perspectiva, se inscreve a noção de mudança linguística concebida por WLH (2006 [1968], p. 21), sob o pressuposto de que “a mudança, no tempo, tem relações com a variação sincrônica e que essa variação está correlacionada com os aspectos da estrutura social”. Desse modo, para que de fato se identifique um fenômeno em variação/mudança, no contexto da investigação histórica da língua, deve-se tomá-lo sob duas nuances: em seu contexto estrutural interno e em seu contexto externo (social e estilístico). Eis que aí se assentam os fundamentos da teoria variacionista segundo os estudos empíricos que lhe dão suporte, mostrando que um sistema linguístico é feito, em princípio, de possibilidades de flexibilizações para as mudanças, sendo estas inerentes às estruturas sociais em sua totalidade.

No contexto das considerações relativas ao caráter heterogêneo da língua, no confronto com sua organização estrutural, situa-se o histórico e persistente questionamento acerca do eficiente funcionamento da língua no contexto de estruturalidade. Noutros termos, significa indagar como é que as pessoas falam enquanto a língua muda (WLH, 2006 [1968]). Eis que aí reside o cerne da questão da mudança linguística. Trata-se de “desatrear” estruturalidade de homogeneidade, considerando que, se a língua serve a uma comunidade complexa (real), a ausência de heterogeneidade estruturada é que estaria sendo disfuncional (WLH, 2006 [1968]). Enquanto sistema, então, a língua desempenha funções tanto sociais quanto ideológicas, pelas quais o falante, sociopolítico e culturalmente situado, se adéqua, no contexto das interações, ao interlocutor.

Ratificando com Lucchesi (2004), vemos que os estudos que tratam da variação e da mudança mostram sua relação com questões dessa ordem, estabelecidas no interior das próprias comunidades de fala, sendo a mudança linguística reflexo dessas mesmas relações, enquanto relações de prestígio e poder, posição social e orientação cultural do falante. Sendo assim, a mudança linguística é consequência dos processos interacionais veiculados pela língua, considerando-se a vinculação de sua estrutura interna com o contexto social em que ela se realiza.

Como se pode observar, no contexto da Sociolinguística Variacionista a língua é tomada em seu uso real, efetivo, levando-se em consideração as relações entre a estrutura linguística e os aspectos sociais, estilísticos e culturais da fala. Eis por que Labov não

consegue dissociar língua de sociedade. Tanto é que para ele o termo sociolinguística é redundante, o que deixa patente na obtenção dos dados de pesquisa nessa área de estudos; na verdade, esses dados não podem se limitar a um único falante, senão a um grupo, ou a uma comunidade de fala, configurada por um grupo de falantes que compartilham normas comuns em relação ao uso da língua (LABOV, 2008 [1972]).

No contexto da teoria da variação e da mudança, a ocorrência de variação, na língua, traduz-se como um fenômeno próprio do sistema linguístico, o qual tem suas regras, essas configurando tanto possibilidade de mudança (regras variáveis) quanto as que não admitem mudança, ou seja, regras categóricas. As primeiras configuram a coexistência de uso de duas ou mais formas linguísticas no mesmo contexto, a depender de fatores de ordem tanto estrutural quanto social.

Já as regras imutáveis, chamadas de categóricas, referem-se a usos linguísticos de caráter uniforme; nesse sentido, o fenômeno linguístico tem uma única possibilidade ou forma de ocorrência na língua. Ainda nesse contexto de abordagem, existem as regras invioláveis, chamadas de invariantes. Vejamos como isso ocorre.

1.2 A REGRA VARIÁVEL E A HETEROGENEIDADE ORDENADA

A Sociolinguística Variacionista propõe-se a identificar, registrar e explicar usos linguísticos, deixando claro que as variantes, os dialetos e as mudanças não podem, nem devem ser considerados o caos de uma língua.

Um ponto considerado importante no quadro dessa teoria é o fato de que nem sempre à forma variante corresponde uma mudança, senão formas variantes em coexistência. Ou seja, nem toda variação implica mudança, mas toda mudança implica necessariamente variação. No Brasil, por exemplo, qualquer falante nativo do português tem a consciência de que existem várias maneiras de falar a mesma coisa de formas diferentes, dependendo do lugar e/ou da situação em que o enunciado é articulado. Isso retrata uma visão da língua como uma estrutura heterogênea e sujeita a mudanças e rompe com o pensamento que atrela homogeneidade à estruturalidade linguística, logo com o pensamento de que ela é isenta de interferências do meio. Isso reforça o pressuposto de Labov (2008 [1972]) de que toda variação é motivada ou controlada por fatores, de tal modo que a heterogeneidade se delinea sistemática e previsível.

Emergem, portanto, no seio desse contexto, as formas linguísticas variantes, cujos usos, concomitantes, não implicam mudança de significado. São variações dentro da língua

(variáveis linguísticas), cujo uso é condicionado por fatores tanto de ordem linguística quanto sociais, ou extralinguística, sendo o sexo, a faixa etária, a escolaridade, a profissão e a classe social alguns dentre os fatores que influenciam na escolha de uma ou outra variante.

De acordo com Labov (2008 [1972]), para explicar a variação, deve-se considerar o contexto social de produção, o uso da língua dentro da comunidade de fala e a análise quantitativa dos dados obtidos na fala espontânea, ou vernacular, sem monitoração. Para isso, é preciso considerar o princípio fundamental da Sociolinguística Variacionista: a heterogeneidade da língua, já que ela possibilita a análise e a descrição do uso de variáveis linguísticas pelos falantes de uma dada comunidade linguística. Uma das características da variação, portanto, é correlacionar dados empíricos ao contexto social e linguístico, sendo a língua, nessa perspectiva, entendida em sua produção real, ou no interior da comunidade linguística. Esse é o modo pelo qual se entende a regularidade dentro da variação da fala.

Na prática, descreve-se e explica-se um processo de variação/mudança tendo como instrumento o controle de grupos de fatores sociais (sexo, faixa etária, escolaridade, profissão) e linguísticos (variáveis internas da língua), observando os fatores que mais influenciam, ou mesmo condicionam o uso dessa e/ou daquela variante.

Nessa perspectiva se instala a noção de regra variável, quando Labov substitui a noção de variação livre por variação condicionada. Nesse caso, a variação deve apresentar frequência significativa de uso e adequar-se às intervenções dos fatores linguísticos e extralinguísticos. As formas linguísticas alternantes (ou as que têm o mesmo significado) são chamadas de variantes. Para que elas sejam assim consideradas, ou para que o fenômeno linguístico seja considerado variável, necessário se faz que ele mantenha o mesmo significado referencial e que ocorra num mesmo contexto. De outra forma, são as diversas maneiras de “dizer a mesma coisa com o mesmo valor de verdade, ou com o mesmo sentido referencial” (LABOV, 2008 [1972], p. 78).

Observemos, entretanto, que não obstante as variantes possuam o mesmo valor de verdade, elas podem ter valor ou significação social diferente, segundo a avaliação feita por falantes que não compartilhem as mesmas normas linguísticas. Nesse sentido, há sempre de existir a prevalência de uma variante – nesse caso, a de prestígio – vinculada ao grupo socialmente mais favorecido, ou de *status* elevado. Caso os falantes das demais variedades linguísticas passem a imitar essa forma variante, a mudança poderá se instalar na comunidade linguística, ou não.

Igualmente, existem formas linguísticas variantes discriminadas, estigmatizadas pela sociedade, que, por extensão, discriminam ou estigmatizam seus usuários. Isso corrobora o

indissociável atrelamento entre variação e avaliação social. Significa que quanto mais o falante pertencer a uma classe socioeconomicamente menos favorecida, mais ele estará fadado ao preconceito e à discriminação. Entretanto, se a forma linguística variante usada por ele migrar para o segmento social de maior prestígio, ela se destitui de quaisquer resquícios de rechaço. Como se vê, a heterogeneidade, na língua, concorre para que se instale um processo de conflito entre formas linguísticas, que por sua vez passam por restrições até que uma prevaleça, gerando mudança, ou ainda as duas coexistam em permanente estado de variação. Vale dizer que as marcas sociais negativas quase sempre recaem sobre a variante inovadora. Para Labov, são três as vias de explicação da mudança linguística: pela origem, pela difusão/propagação e pela regularidade com que ocorrem, observando que as razões para a propagação de novos usos linguísticos estão sempre na origem.

Os trabalhos iniciais de Labov acerca da variação se desenvolveram no plano da fonologia, quando ele mostrou que as variáveis são motivadas por fatores sociais ou estilísticos. Pontue-se, entretanto, que o conceito de variantes, e seu conseqüente valor de verdade, foi inicialmente pensado para o campo da fonética/fonologia - conforme dito antes - estendendo-se posteriormente aos campos da morfossintaxe e da semântico-pragmática. Na fonologia, esse valor não é questionado; entretanto, ele o é no plano da sintaxe, em se tratando da demarcação da regra variável.

Essa discussão foi empreendida por Weiner; Labov (1983 [1977]), em seus estudos sobre a oposição entre passivas sem agente e ativas genéricas no inglês, para eles variantes de uma mesma variável de natureza sintática. Os autores defendem que as estruturas de ambas as formas mantêm o mesmo significado referencial porque remetem ao mesmo estado de coisas. Suas conclusões apontaram uma equivalência semântica entre as duas formas, cabendo aos fatores internos motivar a escolha de uma ou outra forma. Tais estudos mostraram que os fatores sociais, relevantes na esfera dos estudos fonológicos, não repercutiam nessa análise.

Com seu olhar crítico sobre o tema, Lavandera (1978) defende que cada unidade, para além do nível fonológico - a exemplo das construções sintáticas, de um item lexical, de um morfema - tem por definição um significado. E isso justificaria a não aplicação da noção de regra variável fora do plano da fonologia. Eis que aí a autora propõe como noção de mesmo significado, para variantes no plano sintático, a expressão terminológica comparabilidade funcional.

Concordando com Lavandera sobre essa questão, Bentivoglio (1987 *apud* MARTINS, 2005) diz que, por razões que não se sustentam, não há como encontrar, em sintaxe, contextos iguais, segundo ocorre na fonologia. Nesse aspecto, nem sempre se estará diante de variantes

perfeitas, conforme concebe Labov, visto que o mesmo valor de verdade nem sempre se verifica como tal.

Analisar a língua sob esse prisma, à luz de Labov (2008 [1972]), significa entender que a língua se constitui no uso; que ela só varia e muda mediante um entrelaçamento indissociável de forças linguísticas e sociais, em meio ao qual a regra variável se institui e se constitui. Nessa perspectiva, o usuário da língua deve ter competência para reconhecer, por exemplo, uma forma *B* – ainda que esta não faça parte do seu dialeto – possui o mesmo valor de verdade que uma forma *A* utilizada em seu dialeto.

Ao defender tal ideia, Labov afirma que não basta a competência para que ocorram o processamento e a assimilação das formas variáveis; mas que essas habilidades supõem que se considere a empiria como espaço de realização para essa regra, sob o pressuposto de que não existe uma língua, ou sistema linguístico, fora de um uso de caráter efetivo.

Referir-se, pois, à regra variável, nesse contexto, implica estar atento aos fenômenos em pauta, para não incidirmos no equívoco de trabalhar estatisticamente um fenômeno sem que este represente de fato uma regra variável; assim, é preciso ter claro seu conceito de regra variável. Conforme Martins (2005) pode-se mensurar estatisticamente um dado fenômeno sem que este seja necessariamente linguístico. Se num mesmo contexto uma dada forma ou estrutura mantém igual valor de verdade (referencial) que outra, a regra é aplicável. Se não, estamos diante de fenômenos diversos, logo distantes de se constituírem em objeto de estudo num contexto de regra variável. Nesse caso, apenas se prestam ao estudo estatístico.

Em se tratando do caso em estudo nesta dissertação, quando da regra variável constituída pelas variantes *teu e seu* para a expressão da segunda pessoa, convém situá-la no contexto da variação e da mudança como decorrência de um processo desencadeado pela reestruturação do paradigma pronominal do Português Brasileiro, resultante da inserção de *você* no quadro dos pronomes pessoais.

Essa forma pronominal teria derivado da forma de tratamento *vossa mercê*, que funcionava como uma estratégia de tratamento cortês no português do século XV. Até o século XVIII, as formas linguísticas *tu* e *você/vossa mercê* não podiam ser consideradas variantes devido ao fato de serem formas pragmaticamente distintas. Entretanto, a partir do século XIX *você* se distancia de sua forma originária, destituindo-se da carga semântico-pragmática vinculada à cortesia e polidez. Inaugura-se, com isso, o processo de variação *tu/você*, quando da inserção de *você* no quadro de pronomes. O que foi dito resume a afirmação de que a igualdade pragmática é, em si, condição para que a variação ocorra, e não um simples condicionamento para que ela se instale (FARACO, 1996).

Na verdade, ao menos para as formas de tratamento, em português, a noção pragmática de cortesia deve integrar a própria definição das variantes linguísticas quando consideradas as formas de segunda pessoa em português; foi exatamente o que se deu em relação à “invasão” de *você* no quadro de pronomes do português: a igualdade pragmática levou essa forma linguística a conviver com o *tu*, dividindo e somando território, ante sua gramaticalização como pronome pessoal de segunda pessoa¹.

Particularizando com o nosso objeto de estudo – a regra variável constituída pelas variantes na expressão do possessivo de segunda pessoa *teu e seu* – dir-se-ia que essa regra variável se originou no seio de uma relação refletida pela/na variação entre as formas linguísticas *vós e vossa mercê/você* no campo da cortesia. Assim, em princípio, os possessivos de segunda pessoa *vosso e seu* se constituiriam variantes por influência da variação *vós e vossa mercê/você* na esfera da cortesia. Isto sem competir com *teu*. Num momento posterior, já devido ao desgaste pragmático por que passou o pronome *você*, os possessivos *vosso e seu* continuam a ser variantes, refletindo as formas *vós e vossa mercê*, enquanto *seu* começa a conviver com *teu*, refletindo a variação *você e tu* em um campo semântico diferente. Dá-se, então, o início de um novo fenômeno de variação, mesmo que os valores das formas ainda sejam pragmaticamente marcados. Finalmente, quando as formas *vós e vossa mercê* se arcaízam, ou caem em desuso, e *você* passa a ocupar o mesmo espaço de *tu*, a variação *teu e seu* se instala na esfera da segunda pessoa do singular no plano da intimidade.

Na esteira do percurso exposto sobre a construção da regra variável *teu e seu*, tem-se o seguinte mapeamento: 1) *seu* referente a *vossa mercê*, carregando traços de [+ polidez] e [- intimidade], variante de *vosso*>; 2) *seu* referente a *você*, carregando traços de [+ polidez] e [- intimidade], ainda variante de *vosso* > *seu* referente a *você*, carregando traços de [- polidez] e [+ intimidade], variante de *teu*².

Em síntese, reafirma-se, com Labov (2008 [1972]), que variantes podem ser definidas como formas distintas que apresentam o mesmo valor de verdade. No caso desta investigação, se traduz como o mesmo valor referencial, expresso pela capacidade de fazer referência à segunda pessoa do singular do discurso.

¹ Para um estudo referente ao processo de gramaticalização de *vossa mercê* em português, ver Marcotulio (2012).

² Esse mapeamento – dentre outras igualmente significativas contribuições – faz parte das orientações disponibilizadas pelo professor Doutor Leonardo Marcotulio, por ocasião do exame de qualificação do trabalho, via comunicações pessoais com ele estabelecidas, pelas quais eu sou/serei profundamente grata!

1.3 PROBLEMAS EMPÍRICOS PARA UMA TEORIA DA VARIAÇÃO E DA MUDANÇA LINGUÍSTICA

De acordo com WLH (2006 [1968]), a proposta de uma teoria da mudança linguística exige a observação de alguns requisitos por ela impostos, a exemplo dos fatores condicionantes, os quais estão atrelados a questões sociais, econômicas, históricas e linguístico-estruturais. Eis que aí se inserem cinco problemas relativos ao processo de investigação da mudança numa abordagem variacionista.

Esses estudiosos dizem que, para captar o curso da mudança, é preciso considerar a heterogeneidade sistemática da língua, partindo-se da competência sociolinguística do falante. Depois, devem-se procurar os mecanismos presentes nas mudanças: os fatores que as condicionam, motivam e determinam. Os autores propõem, como princípios empíricos intervenientes da mudança, a transição, a restrição, o encaixamento, a implementação e a avaliação, os quais serão explicitados a seguir.

1) Transição - esse problema trata da forma como uma mudança linguística ocorre. Se uma língua tem de ser estruturada para funcionar, como é que as pessoas continuam falando enquanto a língua muda? Ou como é que as mudanças acontecem? Isso implica se considerar o que configura o momento/percurso em que duas formas variantes seguem se alternando, até que uma das estruturas seja substituída pela outra (forma arcaica *versus* forma inovadora), sendo esse o estudo pelo qual se compreende de fato a ocorrência da mudança. A transição é o processo em que constam na comunidade de fala a coocorrência e a concorrência das formas linguísticas convencionais e inovadoras naquilo que lhes compete enquanto *continuum* entre um estágio e outro, em meio ao qual se consideram como o falante aprende a forma inovadora, o tempo que essa forma convive simultaneamente à forma tradicional e o momento em que uma ou outra se torna decisiva em termos de prevalência na comunidade de fala. Para tentar explicar esse processo, Labov (2008 [1972]) questiona sobre as implicações que se fariam presentes no processo de variação, de onde ele se originaria e como se difundiria ou se propagaria. Resumindo, é pela transição que se percebe o andamento da mudança, seja em estágios discretos, seja por meio de um *continuum*, conforme já posto.

2) A restrição - O problema de restrição articula-se com problema da transição, na medida em que considera o que mudou e/ou o que está mudando na língua, aí se observando as condições em que essa mudança ocorreu ou está ocorrendo. Nesse sentido, há de se notar os condicionamentos e as restrições linguísticas e extralinguísticas aos quais essa mudança está sendo submetida, no contexto de uma realidade linguística sistematicamente organizada,

em meio à qual a mudança assim também ocorre. Esse é, de fato, um dos problemas mais importantes no estudo da mudança, porque nos dá os contextos linguísticos e sociais condicionadores desta.

3) O Encaixamento - As condicionantes que se referem ao encaixamento são as que implicam fatores linguísticos responsáveis pelos diversos tipos de desencadeamento da mudança, provocando ao mesmo tempo a geração de novas formas linguísticas. O encaixamento linguístico e social revela a língua como um parâmetro de estratificações, cujo funcionamento é pautado nas diferenças inerentes a cada comunidade de fala, tendo suas variáveis determinadas por elementos linguísticos e extralinguísticos. Nesse aspecto, destaca-se a relevante influência que as variações sociais e geográficas exercem no sistema da língua em sua totalidade. É notadamente o encaixamento que determina a natureza e a extensão do grau de correlação social ali existente, mostrando como a variação pesa sobre o sistema linguístico abstrato (WLH, 2006 [1968]). Sendo a língua um sistema tecido por relações linguísticas e extralinguísticas, cabe ao encaixamento responder, de acordo com a natureza das estruturas social e linguística, como essas estruturas reagem às alterações promovidas pela mudança linguística, tendo em vista que quaisquer alterações na estrutura da língua certamente repercutirão/se refletirão na totalidade do sistema.

4) A avaliação - Tem como foco os possíveis efeitos da mudança sobre a estrutura linguística, com implicações subjetivas sobre as variáveis no contexto da heterogeneidade linguística. A avaliação das variáveis linguísticas, numa comunidade linguística dada, carrega em si o estabelecimento de correlatos de diversos estratos. Trata-se de um problema intrinsecamente vinculado ao processo de transição, em meio ao qual se poderá evidenciar tanto uma mudança – com uma das formas substituída por outra – ou não, quando se configurará uma variação estável, podendo essa permanecer por mais tempo, mostrando que uma e outra forma variável mantêm-se em igualdade de concorrência.

5) A implementação - Tem implicações mais complexas, pois contempla indicadores de tempo, espaço, comportamento social, elementos influenciadores cujas precisões não podem ser previstas, ante o elevado número de fatores que condicionam (e determinam) a mudança linguística. Eis a razão por que WLH (2006 [1968]) alegam a dificuldade de se identificar quando, de fato, um/o fenômeno passou a pertencer a uma estrutura sociolinguística de uma comunidade. Em suas palavras, “a dificuldade do enigma da implementação é evidente no número de fatores que influenciam a mudança [sendo] provável que todas as explicações a serem propostas no futuro próximo serão *a posteriori*” (WLH, 2006 [1968], p. 124). Ainda que os autores afirmem a impossibilidade de hipóteses preditivas

nesse aspecto, eles salientam que essas considerações não nos impedem o exame de tantos casos quanto pudermos investigar, com todos os pormenores, a fim de que as respostas obtidas componham o conjunto abrangente do processo de mudança. A implementação pressupõe considerar igualmente a origem, a propagação e a completa realização da mudança segundo seu encaixamento na estrutura tanto linguística quanto social. Eis que aí reside a resposta para o problema desencadeador das discussões sobre a variação e a mudança na língua, no dizer de WLH (2006 [1968]), ao questionarem o fato de as pessoas continuarem falando quando a língua experimenta um período de menor sistematicidade por ocasião da mudança. Na verdade, e isto é por eles ratificado, a língua – independentemente dos processos de variação e mudança – é permanentemente sistemática, desde que preservando sua heterogeneidade governada por regras variáveis, sendo essa a razão por que o sistema linguístico se mantém em funcionamento mesmo nos períodos de mudança linguística.

Dentre o exposto, os problemas empíricos de restrição (dos fatores condicionantes), de encaixamento e de implementação se constituirão foco de nossa pesquisa, já que objetivamos verificar quais os fatores condicionantes da variação *teu e seu* nas cartas de leitores de jornais de estados brasileiros, nos séculos XIX e XX.

1.4 CONCLUSÕES DO CAPÍTULO E ENCAMINHAMENTOS

Sumarizando, neste capítulo, versamos sobre as contribuições da teoria da variação e mudança mais pertinentes para a realização do nosso estudo, a saber, regras variáveis, bem como sobre os cinco problemas empíricos da variação e da mudança, com especial destaque para os elementos condicionadores da variação, nele situando o fenômeno linguístico a ser estudado – o possessivo de segunda pessoa singular *teu e seu* – à luz da perspectiva teórico-metodológica então exposta. Em sendo assim, se mostrará, por meio do emprego dessas variantes nas cartas de leitores de jornais brasileiros dos séculos XIX e XX, que os fatores influenciadores do uso encontram respaldo na heterogeneidade da língua, cujos reflexos podem se presentificar na escrita de textos.

Daremos especial destaque para os problemas de restrição, encaixamento e implementação, eleitos para orientar o controle da regra variável *teu e seu* aqui estudada. A restrição, por revelar os contextos linguísticos e extralinguísticos condicionadores da mudança linguística. O encaixamento, pelo fato de correlacionar uma mudança à outra, interferindo na totalidade do sistema linguístico, a exemplo da pronominalização de *você* no Português Brasileiro, quando impulsionou a geração da variável *teu e seu*. E a implementação, que,

nessa perspectiva, traz indicadores de tempo, espaço e comportamento social, mostrando que para se explicar as mudanças linguísticas deve se considerar a origem, a propagação e a realização dessas, segundo seu encaixamento na estrutura linguística e social.

Nesse sentido, serão observados os contextos (variáveis independentes) que condicionaram o uso de *teu e seu* na imprensa brasileira dos séculos XIX e XX. Já em relação ao problema do encaixamento, observaremos como a mudança, correlacionada aos possessivos de segunda pessoa, está encaixada no sistema pronominal do PB e no sistema extralinguístico, tomando por base os diferentes usos desses pronomes nas correspondências de cada estado pesquisado, como reflexo das relações sociais estabelecidas entre os interlocutores. Quanto à implementação, será observado o processo de evolução dos pronomes de segunda pessoa no curso dos séculos e nas diferentes regiões. No próximo capítulo serão abordadas essas questões.

CAPÍTULO 2 - O SISTEMA PRONOMINAL NO PORTUGUÊS BRASILEIRO

INTRODUÇÃO

Este capítulo situará o fenômeno linguístico a ser estudado – o possessivo de segunda pessoa singular *teu e seu* – à luz da perspectiva teórico-metodológica exposta no capítulo anterior, bem como na perspectiva histórico-normativa.

Estruturado em três partes, se fará, em princípio, uma recuperação histórico-linguística em relação à construção do conceito de pronome na perspectiva da tradição e, por extensão, uma revisão dos paradigmas e definições vigentes na gramática normativa em relação a alguns aspectos do sistema pronominal, com destaque para os pronomes possessivos em português, na interface com os estudos mais recentes acerca do tema. Nosso objetivo é oferecer um panorama do processo de variação em relação à regra variável mencionada, tomando por base o contexto da reorganização por que passou o paradigma pronominal do português com a inserção de *você* no quadro dos pronomes pessoais e a consequente repercussão desse processo no uso dos referidos possessivos nas cartas de leitores de jornais escritas nos séculos XIX e XX.

2.1 O PRONOME NO CONTEXTO DA CONSTRUÇÃO METALINGUÍSTICA: O QUE (NOS) DIZ A TRADIÇÃO

Em se tratando de abordar o pronome possessivo como objeto de investigação deste estudo, procurou-se recuperar, ainda que brevemente, no tempo, a trajetória empreendida pelos pesquisadores sobre os estudos que tratam da construção do conceito de pronome e suas categorizações, luz da tradição discursivo-gramatical, para atualizá-la no discurso dos gramáticos na contemporaneidade.

Nessa perspectiva, tomando por base as gramáticas greco-latinas e portuguesas, vê-se que as categorias linguísticas entendidas como pronomes têm como fulcro a gênese e a evolução da metalinguagem no português e isso se deve ao processo de construção do conceito de gramaticização (RUMEU, 2008).

Segundo Aurox (1992 *apud* RUMEU, 2008), tal construção pressupõe a descrição e a instrumentação de uma língua, tendo como pilares básicos a gramática e o dicionário. Trata-se de um rótulo que tem na Antiguidade sua gênese, ainda prevalente na atualidade (RUMEU *op. cit.*). Significa que o rótulo de pronome remonta a uma época em que fazer gramática se

confundia com fazer arte, concepção essa que, para Rumeu (2008), ainda perdura nas gramáticas ocidentais contemporâneas.

Num trânsito entre o século II a.C ao século II d. C, chegando ao século XV e XVI, foram vários os questionamentos e as descrições gramaticais sobre o conceito de pronome e suas classificações, tendo como resposta os referenciais linguísticos que contêm tanto as perspectivas teóricas legitimadoras do discurso das gramáticas greco-latinas quanto do discurso da gramática portuguesa, expressiva de seus respectivos momentos históricos. A intenção foi investigar e registrar a permanência de conceitos, ou a semelhança entre traços conceituais em relação ao pronome. Noutros termos, o que se conserva, ou não, em relação a isso. Numa retomada sintética, a construção do conceito de pronome recupera, historicamente, as gramáticas greco-latinas, sob a ótica da herança clássica, tendo como cerne de sua constituição tanto os estudos linguísticos que privilegiam o latim (VARRÃO, século I a.C.; NEBRIJA, século XV; LAS BROZAS, século XVI), quanto o estudo linguístico sobre a sintaxe grega (APOLÔNIO DIÓSCOLO, século II d.C.) (RUMEU, 2008). Sintetizando esta seção, estamos cientes de que as definições de pronome e suas subcategorizações em pessoais (considerados primitivos), demonstrativos e possessivos (esses, derivados) é algo que perdura desde as reflexões linguísticas e filosóficas por parte dos estudiosos da língua grega. Trata-se de discussões que se configuram como bastante antigas, ainda que, paradoxalmente, tão atuais.

No que se refere à concepção de pronome – à luz da tradição greco-romana e de alguns gramáticos de Língua Portuguesa, em interface com as gramáticas da contemporaneidade – pode-se dizer que de fato existe uma confluência de ideias, pautadas na tradição discursivo-gramatical, quando o pronome é concebido como a palavra que substitui o nome. Bechara, Napoleão Mendes e Cunha têm a mesma concepção. Para Rumeu (2008), trata-se de resquícios da tradição clássica.

Em meio a esse contexto situam-se as próximas subseções, em que a segunda traz um panorama geral dos paradigmas e definições presentes nas gramáticas normativas, dessa feita em relação aos pronomes possessivos vinculados aos pronomes sujeito e a terceira nos oferece um panorama do sistema pronominal brasileiro na perspectiva da variação e da mudança, dessa feita apresentando um quadro com as novas formas de uso dos pronomes no Português Brasileiro. Igualmente se discorrerá sobre o processo de implementação do pronome *você* de segunda pessoa no sistema pronominal dos pessoais, salientando os ambientes favorecedores dessa ocorrência nos espaços funcionais próprios do pronome *tu*, a partir de estudos mais recentes na área.

2.2 PARADIGMAS E DEFINIÇÕES VIGENTES NAS GRAMÁTICAS TRADICIONAIS EM RELAÇÃO AOS PRONOMES EM PORTUGUÊS

O levantamento dos paradigmas expostos nas gramáticas de Almeida (1977), Bechara (2009) e Cunha e Cintra (2008) nos possibilita retomar os caminhos que delineiam o uso dos pronomes em português, nos quais se inserem os possessivos. A escolha por tais gramáticos se justifica pelo respeito e destaque a eles atribuídos no campo da tradição de estudos nesse campo do conhecimento. Nesse trajeto, vemos que a Gramática Tradicional (GT) define e prescreve regras categóricas em relação ao uso dos pronomes que compõem o sistema pronominal do português, divergindo das que conduzem o PB, conforme as quais o falante tem competência para reconhecer as diversas formas de comunicação delineada por quaisquer elementos linguísticos, desde que essa forma pronominal preserve seu referente. É o que ocorre com as variantes *teu* e *seu* neste estudo.

Nesse contexto, o pronome *seu*, como segunda pessoa inovadora, emerge sob um duplo indicativo, encerrando conceitos de uso conservador/inovador. Assim, quanto mais o *seu* se apresentar nos mesmos contextos que *teu*, deixará transparecer cada vez mais um uso de caráter inovador. É nesse sentido que se pode conceber um *seu* vinculado a *vossa mercê* (denotando mais polidez e menos intimidade), um *seu* referente a *você* (ainda mais polido e menos íntimo) e um *seu* referente a *você* (menos polido e mais íntimo), variante de *teu*.

Sobre os pronomes de tratamento, Almeida (1977) os definem como palavras ou expressões que substituem a terceira pessoa gramatical, a exemplo de *fulano*, *beltrano*, *a gente*, *você*, *vossa mercê*, *vossa excelência*, *vossa senhoria*, *sua senhoria*, *sua majestade*. A propósito, o autor recomenda, em cartas, a uniformidade de tratamento, segundo o pronome escolhido para se dirigir ao interlocutor. Caso o tratemos por *vós* os pronomes oblíquos devem corresponder a essa pessoa. Essa regra se estende aos possessivos: caso tratemos o interlocutor por *tu*, usaremos os oblíquos *te*, *ti*, *contigo* e, igualmente, os possessivos *teu/teus*, *tua/tuas*, *seu/seus*, *sua/suas*, conforme o exemplo: “... Não deves (*tu*) fazer com *teu* irmão o que não queres (*tu*) que *te* façam”, jamais *seu/ sua*, segundo o autor. Se o tratamento for *vossa senhoria*, *senhor*, *você*, empregaremos *o*, *lhe*, *seu*, *sua*.

Sobre o uso do possessivo *seu(s)/sua(s)* – geradores de dúvidas ou ambiguidade, quando na oração existe mais de uma terceira pessoa, o autor advoga que “se coloque a coisa possuída perto do possuidor, a exemplo de “Pedro foi à casa de *seu* mestre com o amigo” (p. 180), ou ainda que essa expressão seja modificada por meio do acréscimo de termos elucidativos, como “Pedro foi, com o amigo, à casa do mestre *deles*”.

Acerca do emprego de um pronome de tratamento como *você*, o *senhor*, a *senhora*, *Vossa Senhoria* (*V. S^a*), (*V.Exa.*), a recomendação é que se empregue o pronome possessivo correspondente à de terceira pessoa gramatical (*seu/sua/seus/suas*), “não nos deixando iludir pelo *vosso* que aparece em *Vossa Senhoria* e *Vossa Excelência*, assim como *Vossa Alteza* e *Vossa Majestade*, todos esses de terceira pessoa gramatical” (ALMEIDA, 1977, p. 180).

Sobre os pronomes de tratamento, Bechara os considera como formas substantivas de tratamento indireto de segunda pessoa, ou ainda formas pronominais de tratamento que levam o verbo para a terceira pessoa (*você/s* no tratamento familiar e o *Senhor/a Senhora* no tratamento cerimonioso). Conforme vemos, a abordagem de Bechara se assemelha à de Almeida, quando trata dos pronomes numa abordagem conservadora. Ele faz menção a *você* como uma forma usada hoje familiarmente, representando a redução da forma de reverência *vossa mercê*.

Sobre os pronomes possessivos, Bechara define como os que indicam a posse em referência às três pessoas do discurso e destaca alguns casos nos quais se insere a ambiguidade (dúvidas em relação ao possuidor, com a possibilidade de existir uma dupla referência) gerada pelo *seu* em alguns contextos, a exemplo de “José, Pedro levou o *seu* chapéu” (p. 181), sugerindo que o falante utilize a forma *dele* para evitar a confusão.

Algumas pontuações são feitas pelo gramático quanto à posição do pronome no sintagma nominal em relação ao substantivo, qual seja a de que, no geral, esse pronome antecede o nome. Porém o possessivo pode vir posposto em alguns casos específicos: quando se trata de estilo solene, em prosa ou em verso, em nome de pessoas ou em graus de parentesco denotando carinho, quando o substantivo vier desacompanhado de artigo definido. O autor registra os diferentes sentidos do possessivo dependendo da posição no sintagma, a exemplo de *minhas saudades/saudades minhas*; *suas notícias/notícias suas*; *suas cartas/cartas suas*. Outro caso respeita ao emprego do possessivo em referência a um possuidor de sentido indefinido, expresso ou sugerido pelo significado da oração, em cujo caso se emprega, conforme o autor, o pronome *seu* de terceira pessoa (“*a gente* tem cá *suas* birras”). Caso o falante se inclua na expressão indefinida, o pronome vai para o plural (p. 185).

Em tratando do possessivo no contexto das expressões de tratamento – a exemplo de *Vossa Excelência*, *Vossa Senhoria*, *Vossa Majestade*, em que se emprega a forma possessiva de segunda pessoa – Bechara ressalta que a referência ao possuidor, nos dias atuais, se faz por meio da utilização de *seu/sua*, ou com o possessivo de terceira pessoa do singular: “*Vossa Excelência* não conseguiu realizar todos os *seus* propósitos” (p. 186). Para o autor, com o aparecimento de tais títulos honoríficos por volta dos séculos XIV e XV, havia a possibilidade

de alternância desse uso com *vosso/vossa*. O processo de variação estendeu-se até aproximadamente o século XVII, quando passaram a prevalecer as formas de terceira pessoa.

O levantamento feito na gramática de Cunha e Cintra (2008) mostra que o pronome desempenha, na oração, as funções exercidas pelos elementos nominais, razão por que ele tanto representa um substantivo quanto pode substituí-lo, determinando-lhe a extensão do significado. Os autores assim classificam o pronome: pessoais, possessivos, demonstrativos, relativos, interrogativos e indefinidos. A classificação nas três gramáticas pesquisadas é unânime.

Cunha e Cintra enumeram três critérios para caracterizar os pronomes pessoais:

1) Pela capacidade de indicar as pessoas no colóquio, ou as três pessoas gramaticais, caracterizam-se segundo o modelo que segue:

- a) quem fala = 1ª pessoa: eu (singular), nós (plural).
- b) com quem se fala = 2ª pessoa: tu (singular), vós (plural).
- c) de quem se fala = 3ª pessoa: ele, ela (singular), eles, elas (plural).

2) Por poderem representar, quando na terceira pessoa, uma forma nominal anteriormente expressa.

3) Por variarem de forma, conforme duas condições: segundo a função (retas e oblíquas) por eles exercidas na oração e a acentuação (formas tônicas e formas átonas) que recebem. Para os autores, os pronomes de tratamento também representam a pessoa com quem se fala e implicam o uso do verbo em terceira pessoa.

Eis o quadro de pronomes exposto por Cunha e Cintra (2008).

Quadro 1 - O Sistema Pronominal do Português

PRONOMES PESSOAIS RETOS			PRONOMES PESSOAIS OBLÍQUOS NÃO REFLEXIVOS	
			ÁTONOS	TÔNICOS
Singular	1ª pessoa 2ª pessoa 3ª pessoa	Eu Tu Ele, ela	Me Te O, a, lhe	Mim, comigo Te, contigo Ele, ela
Plural	1ª pessoa 2ª pessoa 3ª pessoa	Nós Vós Eles, elas	Nos Vos Os, as, lhes	Nós, conosco Vós, convosco Eles, elas

Sobre a extensão do emprego dos pronomes retos, os autores destacam a forma pronominal *vós* de cerimônia – para eles quase desaparecida da linguagem corrente do Brasil e de Portugal – quando se dirige a um público constitutivo de um auditório qualificado. Os

autores ainda se reportam ao *vós* com referência a uma só pessoa como tratamento de cerimônia em português antigo e clássico, empregando-se vez ou outra em linguagem literária de tom arcaizante, para expressar distância e apreço social. Para os autores, na linguagem poética essa forma de tratamento, aplicado na esfera da religiosidade, se alterna com *tu* desde o período medieval, sendo hoje predominante no português contemporâneo.

Na seção intitulada equívocos e incorreções acerca do emprego dos pronomes, Cunha e Cintra inserem os pessoais retos *ele/ela*, *eles/elas* na função de complemento objeto direto (a exemplo de *vi ele*, e *encontrei ela*), sob o argumento de que esse uso faz parte da fala vulgar e familiar do Brasil, embora as raízes de tal construção remontem aos escritos portugueses dos séculos XIII e XIV. Para os autores, esse uso, hoje, deve ser evitado.

Sobre os pronomes de tratamento, Cunha e Cintra dizem tratar-se de palavras e locuções que valem por verdadeiros pronomes pessoais, como *você*, *o senhor*, *Vossa Excelência*, designativas da pessoa a quem se fala, ou seja, segunda pessoa, porém com o verbo empregado em terceira pessoa.

Ao reportarem-se ao emprego de *tu*, os autores dizem que, no português europeu, esse pronome é empregado como forma própria da intimidade. Ocorre que dado o alargamento do seu uso, essa forma de tratamento do interlocutor tem ultrapassado os limites da intimidade, em consonância com uma intenção igualitária e/ou aproximativa. Esse uso se faz presente no sul do Brasil e em alguns estados da região Norte – não delimitados o suficiente – sendo substituído por *você* em quase todo o território brasileiro como forma de intimidade. Diga-se que “essa forma de tratamento é utilizada também de igual para igual e de superior para inferior” (CUNHA; CINTRA, 2008, p. 307). Esse valor é o único que lhe é atribuído no português europeu, considerando-se questões de idade, classe social e hierarquia, segundo Cunha e Cintra. Excepcionalmente – em camadas sociais mais altas – é que *você* é usado como forma carinhosa de intimidade.

Estreitamente ligados aos pronomes pessoais estão os possessivos; os pessoais denotando as pessoas gramaticais e os possessivos denotando aquilo que cabe ou pertence a essas pessoas, por essa razão lhes agregando valor quando acrescentam ideia de posse (p. 333). Nesse sentido, os possessivos denotam três séries de formas, segundo a pessoa a que se referem; cada forma, variando conforme o gênero e o número da coisa possuída, também varia conforme o número de pessoas expressas pelo possuidor. Isso é o que nos mostra o quadro abaixo.

Quadro 2 - Relação entre os pronomes pessoais e os possessivos (CUNHA; CINTRA, 2008)

UM POSSUIDOR			VÁRIOS POSSUIDORES	
1ª pessoa Eu masc./fem.	Meu/minha	Meus/minhas	Nosso/nossa	Nossos/nossas
2ª pessoa Tu masc./fem.	Teu/tua	Teus/tuas	Vosso/vossa	Vossos/vossas
3ª pessoa Ele/ela masc./fem.	Seu/sua	Seus/suas	Seu/sua	Seus/suas

Assim como os demais gramáticos consultados, Cunha e Cintra (2008) expõem sobre a posição do possessivo adjetivo (o que acompanha o substantivo) no sintagma. Em consonância com os demais, os autores dizem que no geral esses pronomes precedem o nome, podendo também vir pospostos, casos em que a alternância de colocações responde a/resulta de efeitos estilísticos. Em relação às formas *seu/sua/seus/suas* aplicáveis às terceiras pessoas do singular e do plural, essas terminam por gerar ambiguidade pelo fato de o possessivo concordar unicamente com o substantivo que denota o objeto possuído. A dúvida, então, se instala em relação ao possuidor. Eis que aí a dúvida é desfeita por meio do emprego da forma nominal *dele(s)/dela(s)*.

Na perspectiva do estudo sobre os valores do possessivo, Cunha e Cintra ressaltam que nem sempre esses pronomes expressam necessariamente ideia de posse ou de pertinência – real ou figurada, dada a multiplicidade de valores por eles assumidos, valores esses que se distanciam, às vezes, do significado original.

Nessa perspectiva, ainda prevalecem as formas tradicionais de uso em algum tempo do passado, mas que não refletem em nada uma norma culta falada e escrita hoje no Brasil e mesmo em Português, a começar pelos pronomes pessoais sujeito (eu, tu, ele, nós, vós, eles), ao lado dos quais caminham os pronomes pessoais objeto (o, a, lhe), ou os que desempenham a função sintática de objeto direto e indireto, bem como os pronomes possessivos, por sua vez associados aos pronomes sujeito. Como foi visto, de acordo com a gramática normativa, tais formas pronominais devem guardar coerência com seu par, de modo que suas correspondências não transgridam as suas prescrições, a exemplo do não emprego do pronome sujeito *ele* na função de objeto direto, ou o possessivo *seu* no papel de segunda pessoa do singular. Conforme o exposto, os quadros acima mencionados reúnem tais perspectivas.

Sumarizando o confronto entre as gramáticas normativas, registramos uma confluência entre as definições dos gramáticos em relação ao paradigma pronominal do português. Para efeito do nosso estudo, notadamente em relação aos possessivos, os gramáticos são unânimes em defini-los como aquele que indica ideia de posse segundo a pessoa gramatical a que se refere e em função da qual as referências são estabelecidas, cabendo-lhes por isso assumir duplo papel: o de indicar a coisa possuída e, outro, de indicar a pessoa gramatical possuidora, assim flexionando-se em gênero e número.

Significa que se tratarmos a pessoa com que falamos por *vós*, deveremos empregar, para indicar seres pertencentes a essa pessoa, os possessivos *vosso* (a), *vossos* (as); se a tratarmos por *tu*, deveremos empregar os possessivos *teu*, *tua*, *teus*, *tuas*. De acordo com tal perspectiva, não se deve “misturar” as formas de tratamento nos processos de comunicação, seja na fala, seja na escrita. Essa mesma recomendação é feita em relação ao emprego dos pronomes oblíquos. Por exemplo, à forma *te* corresponderá o possessivo *teu*; às formas *o*, *a*, *lhe* corresponderão as formas possessivas *seu*, *sua*, o que se estende também em relação às formas *Senhor*, *Vossa Senhoria* e *você*.

Outra observação feita em relação ao pronome possessivo, na ótica tradicional, respeita ao fato de ele se situar em referência a um possuidor de sentido indefinido. Significa que, se esse possessivo se reportar a uma pessoa de sentido indefinido, expresso ou sugerido pelo significado da oração, prevalecerá o emprego do pronome de terceira pessoa, como ocorre no seguinte trecho: “(...) É verdade que *a gente*, às vezes, tem cá as *suas* birras - disse ele com ar de quem queria” (BECHARA, 2009, p. 185). No entanto, se o falante se insere no termo ou na expressão indefinida, será empregado o possessivo de primeira pessoa do plural, conforme o exemplo “(...) *a gente* compreende como estas cousas acontecem em *nossas* vidas” (*op. cit.*, p. 185).

Sumarizando o levantamento feito, reafirma-se que as gramáticas tradicionais são unânimes em focar os possessivos na perspectiva funcional e morfossemântica, reunindo questões sobre: a) a concordância em relação ao substantivo; b) a posição do pronome adjetivo possessivo em relação ao nome; b) o emprego ambíguo do possessivo de terceira pessoa; d) o reforço dos possessivos; e) os valores dos possessivos; f) valores afetivos do possessivo; g) o *nosso* de modéstia e de majestade; h) o *vosso* de cerimônia; i) substantivação dos possessivos; j) o emprego dos possessivos pelo pronome oblíquo tônico. Ressalte-se, ainda, que Bechara registra outras questões, como as que respeitam ao emprego pessoal pelo possessivo, ao possessivo expresso por uma locução, e sobre a substituição do possessivo pelo artigo definido.

Em síntese, é importante dizer que ainda hoje as gramáticas normativas prescrevem uma correspondência estável e direta entre os pronomes sujeito e pronomes objeto, bem como com os possessivos, a exemplo de *tu/te/teu; vós/vos/vosso; ele(s)/o(s)/lhe(s)/seu; ela(s)/a(s)/lhe(s)/seu*. Não obstante as prescrições feitas pela gramática normativa, as “misturas” entre essas formas, como observamos em estudos retomados na próxima seção, e, muito especificamente no capítulo de análise desta dissertação, já se faziam presentes nas correspondências dos séculos XIX e XX, ainda se vendo, hoje, nas novas formas de comunicação tanto oficiais quanto nas cotidianas (MENON, 1995).

Uma das evidências, nesse aspecto, respeita a certas formas variantes de uso dos pronomes pessoais de segunda pessoa *tu/você* e *teu e seu*, conforme se verá na próxima seção. Para efeito dos objetivos deste trabalho, recuperaremos casos que focalizam o fenômeno da variação dos possessivos *teu e seu*, considerando que a posição inovadora do pronome *seu* associado a um *você* [- íntimo] e [- cortês] tem início com a sua coexistência, nos mesmos contextos funcionais, com a forma original *teu*.

Na subseção seguinte abordamos – conforme já dito – o sistema pronominal no português brasileiro, à luz da variação e mudança, mostrando o movimento desencadeado nesse paradigma, quando da arcaização de *vós* e o processo de gramaticalização de *você* e sua consequente inserção no quadro dos pessoais, em processo de variação com *tu*.

2.3 PANORAMA DO SISTEMA PRONOMINAL: O QUE NOS DIZEM OS ESTUDOS LINGÜÍSTICOS SOBRE O PB

2.3.1 Uma perspectiva diacrônica – a entrada do *você* e a reestruturação do sistema pronominal

A “revolução” causada no sistema pronominal do português brasileiro teve início pela evolução do sistema de representação das segundas pessoas do discurso, começando pela segunda pessoa do plural *vós*, forma essa menos marcada e em desuso tanto da fala quanto da escrita desde o século XVIII no português do Brasil. De acordo com Faraco (1996), até o século XIV usava-se essa forma tanto em referência a um interlocutor para designar a segunda pessoa do plural quanto quando havia um único interlocutor, desde que atendendo a critérios como posição hierárquica, nível social, ou questões relacionadas à idade. Essas eram as convenções sociais da época, as quais o falante tinha de seguir: empregar uma forma de tratamento respeitosa. O *vós*, portanto, retratava essa forma polida de tratar o interlocutor.

Já em relação a *tu*, adotava-se o uso – bastante marcado – entre iguais, ou de superior para inferior. Não se podia, assim, dirigir-se a um desconhecido com esse tratamento, sob pena de se violar a regra vigente na sociedade. Esse pronome, pois, tinha um valor bem específico, ao contrário de *vós*.

Com a completa arcaização de *vós* – por não mais atender à formalidade exigida pelo status social, dada a ampla extensão social de uso – outras formas nominais de tratamento foram inauguradas – a exemplo de *Vossa Mercê* – essa vinculada a uma das mais importantes instituições medievais, a saber, a que distribuía justiça e proteção real (FARACO, 1996).

Tendo em vista o valor expresso por essa forma de tratamento, e ante as modificações socioeconômicas, políticas e culturais que caracterizavam a sociedade portuguesa de então, *Vossa Mercê* passou a ser usada como forma de tratamento habitual não íntimo entre os nobres, ou entre iguais, que, por sua vez, impunham o mesmo tratamento por parte das pessoas cuja posição social era inferior. Esses, portanto, tanto tratavam os nobres quanto tratavam seus pares – servos, artesãos – da mesma forma que os nobres, entre si. Consequentemente *Vossa Mercê* se destituiu de seu valor honorífico, passando a ser empregada indistinta e expansivamente, assim deixando, definitivamente de ser atribuída ao rei, e desaparecendo dos textos das Cortes em 1490 (*op. cit.*)

Vossa Mercê – datada de 1331 – teve seu uso concomitante ao de *Vossa Senhoria*, essa associada ao poder feudal, à posse de vastas terras e ao advento da vassalagem. De acordo com os estudos de Faraco (1996), essa expressão era usada nas peças de Gil Vicente, ocorrendo principalmente entre personagens da baixa burguesia. Essa forma de tratamento, segundo o autor, apareceu numa única nota em um Decreto de 1597, “dizendo que tal forma poderia ser usada no fechamento de uma carta” (p. 62). Isso significa que ela guardava resquícios de respeito nos fins do século XVI, mas não honorífico. Na expansão de uso social dessa forma nominal, duas direções foram seguidas, norteadas por questões socioestilísticas. Uma, a que manteve sua integridade formal e seu valor como forma de tratamento relativamente respeitosa num estilo cuidado entre a pequena burguesia urbana (após o que se arcaíza entre os séculos XVII e XVIII, quando *você* já se tornava dominante); e a outra, por ocasião do processo de simplificação fonética, quando a forma assumiu a configuração *você/vocês* – uso corrente no PB – no tratamento de segunda pessoa do discurso, inclusive representada por *cê(s)*, em contextos informais.

Em Portugal, no final dos séculos XV e XVI, *Vossa Mercê* e *Vossa Senhoria* – a primeira revestida de um *status* inferior à segunda – eram vinculadas a diferentes camadas sociais. Em termos de formalidade, ambas as formas se opunham a *tu*, sendo *você* usado no

tratamento entre iguais não solidários, ainda de uso corrente em termos de formalidade. Manteve-se esse traço em Portugal visto que lá *tu* é ainda usado no uso corrente no tratamento íntimo e *você* usado no tratamento entre iguais não solidários ou mesmo no tratamento não solidário de um interlocutor de *status* social inferior.

No Brasil, a ampliação do uso de *você* (originária de *Vossa Mercê*) tem explicações na história de ocupação do país pelos colonos (século XVI), segmento oriundo dos aristocratas, entre cuja camada *Vossa Mercê* se disseminou generalizando-se. Nesse período, *vós* estava se arcaizando e *Vossa Mercê* passava por processo de simplificação fonética, experimentando registros diversos – *vosmecê*, *vossunce*, *vanssunce*, *mece*, *vance*, *vace*, *oce*, e *você*, hoje *cê* – implantados pelos caipiras do interior de São Paulo. Faraco registra que a forma *vós* não constava dessa variedade linguística, sendo o uso de *tu* muito raro. Em seu eventual emprego, a concordância do verbo se dava com a terceira pessoa. De fato, tomando por base o exposto, há como afirmar, com Faraco, que, já no início da ocupação do Brasil por Portugal, o interlocutor era tratado pelas diferentes formas variantes de *Vossa Mercê*. Na verdade, a essas formas de tratamento, no Brasil, respondiam o estabelecimento de relações próprias ou configuradoras de relações baseadas em uma divisão social de classe que demarcava nitidamente proprietários de terra e trabalhadores braçais, configurando a organização de uma sociedade sociopolítica e economicamente bem diversa da sociedade europeia.

Em síntese, recuperando a história social das formas de tratamento, vemos claramente como essas formas de tratar o interlocutor se conflitavam num contexto sócio-histórico, político, econômico e cultural hierarquicamente configurado. Conforme registra Faraco (*op. cit.*), nesse processo, é possível testemunhar um movimento contínuo de redistribuição social dessas formas, quando “sempre que uma delas começava a ter uso mais geral, escapando de um círculo restrito de usuários, estas a abandonavam por outra” (p. 61). E essa redistribuição se dava em função da dinâmica alteração que movia o caráter/valor honorífico dadas formas tratamentais, essas atreladas às modificações igualmente ocorridas na sociedade. Tanto é que *Vossa Excelência* era, no decreto de 1597, exclusivamente usada no tratamento dos netos do rei e daqueles a quem o soberano tratava por “excelência”. Outro exemplo é o caso desse emprego – no decreto de 1739 – em que tal forma era destinada ao tratamento de oficiais da alta administração, como ministro e embaixadores, sendo igualmente empregada aos arcebispos, e, ainda, às damas de honra do palácio (FARACO, 1996, p. 61).

Interessante ressaltar a justificativa – no próprio decreto – do uso dessa forma, ao invés de *Vossa Senhoria*. Segundo o teor do texto, *Senhoria* havia se espalhado com tanto excesso e vulgaridade que passou a confundir a ordem e perverter a distinção configuradora

dos tratamentos estimáveis. Na perspectiva do exposto insere-se o pensamento de WLH (2006), quando enfatizam a importância do papel que uma modificação social de uma forma linguística exerce na mudança. Certamente, todo esse processo de redistribuição das formas de tratamento em Portugal, ante os rearranjos sociais movidos pelas instâncias políticas e econômicas do país, teve repercussões gramaticais profundas devidas à introdução de novas formas de tratamento do interlocutor, refletindo-se nas diferentes formas de representação pronominal e sua correlação às conseqüentes formas verbais adotadas.

A incidência das repercussões sob o aspecto pronominal recaiu, sobretudo, nas formas pronominais sujeito, formas pronominais objeto – direto e indireto –, assim como os pronomes possessivos na sua associação aos pronomes sujeito. Em meio a esse contexto, destacamos, dentre outras, críticas feitas ao emprego do pronome *ele* na função de objeto direto (você tem visto Paulo? eu vi *ele* ontem).

Reiterando o que já foi mencionado neste trabalho, essas transformações verificadas no sistema pronominal, tanto na diacronia quanto na sincronia da língua, têm sido discutidas, descritas e analisadas por pesquisadores, cujos estudos têm contribuído significativamente para o avanço nas pesquisas nesse campo de conhecimento.

Especificamente sobre as formas de segunda pessoa, em “Retratos da mudança no sistema pronominal”, Lopes (2009) toma por base o tratamento carioca nas primeiras décadas do século XX, para mostrar a operacionalização da implementação de *você* nos espaços funcionais próprios do pronome “*tu*”. Para isso, parte de diferentes amostras de cartas pessoais do século XIX e primeira metade do século XX, a partir das quais desenvolve uma análise sobre a variação entre *tu* e *você* na posição de sujeito, tentando compreender os agentes causadores das mudanças, igualmente observando as motivações sócio pragmáticas determinadoras do então emprego dessas formas nos séculos XIX e XX.

Lopes (2009) mostra os resultados da pesquisa partindo de três conjuntos de cartas referentes a distintos períodos no tempo: fins do século XIX (1870/1890), cartas da família Antonio Felizardo Cupertino do Amaral, filho do Comendador Antonio Cupertino do Amaral e de Joana Cândida Melo do Amaral, nascido em 15/06/1852, no Rio de Janeiro. Vale salientar que Antonio Cupertino exerceu importante papel social, por ocasião de seu envolvimento na vida política do Império.

A segunda amostra das cartas é do início do século XX (1896/1926), reunindo documentação da família Affonso Pena /AN/RJ. As cartas circularam entre os anos de 1906 a 1909, entre 1898 a 1905 e entre 1896 a 1926.

O terceiro conjunto de cartas retratou o fim dos anos 30, sendo cartas particulares escritas por um casal de namorados: ele residente no subúrbio e ela na serra (Petrópolis).

Os resultados totais entre *tu/você* na posição de sujeito nas amostras relativas ao final do século XIX e início do século XX (cartas escritas por pessoas ilustres da sociedade da época) mostram que quase não há diferenças. Nelas, o uso de *tu*, na posição de sujeito, predominou no período analisado com percentuais próximos de 70% (67% no século XIX e 68% no início do século XX), o que revela diferentes comportamentos em relação ao preenchimento do sujeito. Segundo Lopes (2009), as amostras não revelaram dados de *tu* na condição de sujeito pleno, cabendo, portanto, categoricamente a *você* essa posição. Interessante notar que esse dado ratifica a posição de Lopes (2009) ao dizer que “a posição de sujeito foi a que mais favoreceu a entrada de *você* no quadro pronominal do PB” (p. 57), pois todos os dados de sujeito pleno encontrados na pesquisa referem-se a *você*.

Já os 100% de *tu* não preenchidos nas cartas das duas famílias pesquisadas corresponde, de alguma forma, à expectativa de tratar-se de uma língua “movidada por um parâmetro de sujeito nulo” (*op. cit.* p. 57). Aqui Lopes (2009) chama a atenção para a distribuição dos dados, tomando como base a relação remetente/destinatário, quando o *tu nulo* prevalece nas cartas escritas por remetentes masculinos enquanto *você* prevalece nos documentos escritos por mulheres.

As cartas destinadas a Antonio Cupertino (Século XIX) por seu amigo registram os maiores índices de *tu* (86%). Na família Penna (Século XIX e XX), o *tu nulo* igualmente é mais frequente nas cartas emitidas por homens: nas cartas do tio-sobrinho (40%) e pai-filho (32%).

Com base no exposto, a pesquisa mostrou que a proximidade e o compromisso afetivo entre remetente e destinatário, associados ao próprio teor da carta favorecem o uso do tratamento íntimo, configurando a existência de confiança nas relações interpessoais solidárias de então.

Outro dado interessante na pesquisa de Lopes é que nas cartas escritas por remetentes masculinos o emprego de *você* é raro, tendo esse seu uso restrito a cada intenção comunicativa. Já nas cartas cujos remetentes são femininos, dá-se um uso mais frequente da forma inovadora *você* na posição de sujeito. Além disso, a presença de marcas formais vinculadas a *tu* mostra uma menor uniformidade no tratamento, comparado às cartas masculinas; nessas, tanto a mescla no tratamento quanto a própria variação *tu/você* ocorrem de forma mais rara.

Em relação ao emprego de *você*, nas cartas das duas famílias, em fins do século XIX e início do XX, Lopes apresenta os resultados que seguem.

Por parte da família Cupertino (Século XIX), dos oito dados contabilizados como *você*, quatro (50%) configuram fórmulas fixas (captação de benevolência), ratificando o gênero textual carta. Essas fórmulas foram produzidas por Antonio para sua esposa, Elisa. Para Lopes (*op. cit.*) seria um uso convencionalizado pelo gênero.

Outro resultado considerável para o estudo foi o preenchimento do sujeito *você* raro na amostra – ainda que se tratasse de *você* – apresentando motivações discursivo-pragmáticas. De modo que como sujeito pleno nas cartas do final do século XIX, nas cartas em tela, esse pronome (*você*) não funcionava como concorrente/coocorrente do pronome *tu*, o que para Lopes (2009) significa um emprego pautado em uma intenção/propósito comunicativo, “funcionando, na maioria dos casos, como uma fórmula fixa e predeterminada de tratamento habitualizada pelo gênero carta” (KOCH, 2008, *apud* LOPES, 2009, p. 60).

Outro aspecto divergente encontrado nos resultados do estudo – considerando as duas amostras – é que nas amostras do século XIX o número de dados relativo ao sujeito nulo (mesmo com a presença de *você*) foi mais relevante em comparação com o que foi observado nas cartas da família Penna (séculos XIX e XX). Os indicadores mostram uma frequência relativamente próxima de sujeito nulo e pleno para *você* de 43% e 57%, respectivamente na amostra do século XIX para um preenchimento de 73% contra um não preenchimento de 27%, em relação ao pronome sujeito *você*, no início do século XX.

Em algumas cartas da família Cupertino registram-se sujeitos nulos de terceira pessoa, enquanto nas cartas familiares dos Pena os dados de não preenchimento relacionados a *você* surgem com maior frequência perto de sujeitos plenos.

Quanto à variação entre *você* pleno e *tu* nulo (família Penna, séculos XIX e XX), registra-se que as ocorrências se alternam numa mesma carta. Os resultados mostram que dos 19 dados de *você* preenchidos na posição de sujeito, 17 ocorrências se deram nas cartas escritas pela mãe de Afonsinho (Maria Guilhermina) e somente duas foram registradas nas cartas escritas por homens (tio e pai, respectivamente). Das nove cartas escritas pelo pai ao filho Affonsinho, somente uma delas registrou ocorrência de *você* como sujeito pleno, o mesmo se dando com as cartas do tio (Neca) ao sobrinho.

As 17 ocorrências de *você* como sujeito pleno, registradas nas cartas da mãe de Affonsinho, acusam o fato de que tal situação ocorre em contextos estruturais e funcionais que favorecem o preenchimento do sujeito quando se trata de sua inserção em orações subordinadas completivas, relativas ou adverbiais. Cumpre dizer que nas orações identificadas

o sujeito da oração principal diferia sempre da oração encaixada. No dizer de Duarte (2003, *apud* LOPES, 2009) o pronome *você* “ocorre preferencialmente para facilitar a acessibilidade do referente” (p. 63).

Do que ficou sobre a pesquisa de Lopes (2009), registra-se: a) um certo equilíbrio entre os indicadores do *tu nulo* e das frequências totais das formas variantes *tu/você* nas cartas; b) a afirmação no uso de *você* como pronome pessoal nos mesmos contextos favorecedores do uso de *tu*, assim concorrendo para que *você* se especializasse como pronome sujeito de segunda pessoa (HOPPER, 1991, *apud* LOPES, 2009). Esse fato reafirma a hipótese da incidência desse uso em cartas escritas por mulheres no início do século XX, quando das cartas de D. Guilhermina para seu filho, Affonsinho. Conforme Soto (2001, *apud* LOPES, 2009), “trata-se de um uso mais generalizado do que um pronome de poder e de solidariedade, uma vez que a forma inovadora *você* cada vez mais avança nos espaços funcionais típicos de *tu*”. A autora ratifica dizendo que a variação entre *você* e *tu*, presente em uma mesma missiva ocorreu com maior frequência nas cartas escritas por D. Guilhermina: para 10 dados de *tu*, 20 de *você*.

Para corroborar os resultados encontrados nas cartas escritas por familiares, pessoas ilustres da sociedade no século XIX e XX, conforme o exposto até então, Lopes (2009) traz mais uma pesquisa, porém com cartas de pessoas simples, do Rio de Janeiro, século XX, final dos anos 30. Dessa feita, os remetentes/destinatários são noivos, alfabetizados, porém com um status cultural mediano. O objetivo dessa pesquisa, como foi dito, era verificar se os resultados se compatibilizavam com o que foi constatado na pesquisa anterior tomando por objeto as cartas familiares; ou, se o que foi observado em fins dos séculos XIX e início do século XX é mantido na década de 30, sobretudo quanto à manutenção da escrita da forma inovadora *você* por parte das mulheres. Os resultados mostraram índices de equivalência na ocorrência dos dados constatados na pesquisa anterior. Vê-se também uma prevalência de *tu* (70%) sobre *você* (30%). Igualmente tem-se a polarização entre *tu nulo* e *você pleno*: o sujeito referente à segunda pessoa (*tu*) é marcado sobretudo na desinência verbal (60%), em relação à forma de referência indireta *você*, mais produtiva como sujeito pleno, contabilizando uma ocorrência percentual de 64%.

A diferença entre as pesquisas, apontada por esta última, foi que nas cartas o *tu* ocorre como sujeito pleno, contabilizando um percentual de 40% de frequência; não mais como sujeito nulo.

Particularizando a atuação linguística de ambos nas cartas, percebe-se que ele (Jaime, o noivo) utiliza mais o *tu* tanto como sujeito nulo (60%) quanto como pleno (84%), enquanto Maria (noiva) opta sobremaneira pelo uso inovador de *você* enquanto sujeito pleno.

No que respeita a *você*, as cartas de Jaime registraram uma equivalência no uso do sujeito nulo e pleno, o que foi confirmado pelos cinco casos de *você* preenchidos e seis não preenchidos, mostrando a existência de um favorecimento para o uso de *tu*.

Já em relação aos resultados fornecidos por Maria (noiva), os dados mostraram que apesar de certa simetria/equilíbrio entre o uso de *você* e *tu* nas cartas, predomina, de forma ligeira, uma preferência pela forma *você*, inovadora. Essa é a forma sujeito preenchida. Já nos casos do sujeito nulo, ela marca a segunda pessoa pela desinência verbal. Aqui se corrobora a hipótese de que as mulheres missivistas do Brasil, nos períodos estudados, de fato faziam mais uso de *você* do que de *tu*, nas correspondências pessoais. Para Lopes (2009) os resultados preliminares então descritos dizem de uma tendência na língua, por parte de seus usuários, a realizarem concordância verbal de *tu* com a terceira pessoa, ou até não concordarem. Isso ratifica o que já ocorre na fala dos centros urbanos do país, inclusive já constatado na fala urbana do Rio de Janeiro: um comportamento constatado na escrita de cartas da década de 30.

Sumarizando, o final do século XIX e início do século XX mostraram, pelas cartas pessoais de remetentes de diversas ordens socioculturais e econômicas, que o uso de *tu* é mais frequente que *você*, sobretudo quando de tratamento de igual para igual (maior intimidade), ainda que ao longo do processo os espaços para o uso de *você* comessem a se firmar como configuradores de maior neutralidade, de caráter menos invasivo, e contextos indeterminados.

Parcialmente considerando, segundo Lopes, *tu* ocorria preferencialmente *nulo* enquanto os indicadores apontavam *você* na forma de sujeito pleno (fins do século XIX e começo do XX). A partir dos anos 30 *tu* começa a surgir na posição de sujeito pleno, aparecendo igualmente, ainda que de forma restrita, sem concordância, em cartas de pessoas de cultura considerada mediana, ou seja, sem maiores envolvimento com os meios culturais e educacionais da época.

Lopes (2009) destaca as motivações sociopragmáticas como algo motivador do preenchimento do sujeito com *você* mesmo em se tratando de uma língua como a nossa: de sujeito nulo.

A autora ainda mostra, pela pesquisa, os diversos trânsitos de *você* no espaço linguístico: utilizado para destinatários e contextos específicos; pode marcar contraste ou

individualização e como tal atenuam pedidos e ordens, aí ocorrendo sob a forma estrutura fixa típica do gênero carta (final do século XIX).

Nos moldes estruturais, *você* pleno ocorria em contextos em que o sujeito da oração subordinada se diferencia do sujeito da oração matriz, assim facilitando a acessibilidade referencial.

Um dado interessante é o fato de que as cartas femininas revelaram de forma bastante tímida que *você* ocupava os espaços funcionais de *tu*.

Com esse panorama tem-se de fato uma visão do que se já passava no contexto do PB, no final do século XIX e começo do século XX.

Os resultados aqui expostos respaldam as afirmações de Lopes (2009), quando dizem que a perda da marca desinencial de segunda pessoa, em grande parte das regiões brasileiras onde ainda se emprega *tu*, pode ter se dado como decorrência da generalização de *você* no sistema pronominal do PB, ficando a cargo das formas linguísticas *tu* e *você* o reconhecimento da pessoa verbal, visto que hoje o verbo praticamente já não responde a essa exigência.

Em igual medida com a teoria do *encaixamento linguístico* (WLH, 1968, LABOV, 1972), Souza e Coelho (2013) irão apontar a entrada do *você* no estado de Santa Catarina como um resultado de fenômenos linguísticos anteriores, como o enfraquecimento da morfologia verbal e o preenchimento do sujeito pronominal, visto que *tu* apresentará uma maior produtividade associado a um sujeito nulo.

Ainda sobre os estudos realizados sobre o tratamento de segunda pessoa, a partir da variação *tu/você* em âmbito do PB, no Rio Grande do Norte, Martins e Moura (2013) nos apresentam um estudo sobre a influência do contexto morfossintático na implementação desses pronomes em cartas particulares do Rio Grande do Norte no século XX, nos períodos entre 1910 a 1990, chamando a atenção para os diferentes contextos favorecedores do uso de *você* como pronome sujeito.

Na totalidade dos dados – considerando as 146 cartas analisadas – foram contabilizadas 1.412 ocorrências relacionadas a *tu* e *você*. Em termos percentuais, 69% são associadas a *você* e 31% ao *tu*. No condicionamento do *você*, se mostraram relevantes o período de escrita das cartas, o contexto morfossintático, as formas verbo-pronominais antecedentes ao dado coletado, e o universo discursivo das cartas.

Precisamente em relação ao contexto morfossintático como variável controlada, os resultados mostraram uma distribuição equilibrada: o sujeito pleno ratificando esse contexto sob o percentual de 98%, apresentando um peso relativo de 0,95; as formas verbais

imperativas constituídas de sujeito nulo, 92%, com peso relativo de 0,93, e o complemento preposicionado com um percentual de 94%, e peso relativo de 0,81%.

Em relação às formas associadas ao pronome *tu* – formas essas inibidoras do favorecimento ao uso de formas associadas ao *você* – os resultados apontaram uma presença ainda significativa: os possessivos (62%, e peso relativo 0,28); as formas verbais nulas não imperativas (39%, e peso relativo igualmente de 0,28%); os dativos apresentando um percentual de 62% e peso relativo de 0,16%.

A pesquisa mostra que existe, nas cartas norte-rio-grandenses das duas primeiras décadas do século XX (1916 a 1925), elevada frequência de uso de *você*, contabilizando um percentual de 98%. Igualmente revela que nas cartas de uma única informante feminina constante da amostra (1946 a 1972) o uso de *tu* é quase categórico. Já nas cartas da última década do século XX as formas associadas à forma inovadora *você*, em contextos com sujeitos plenos e com complementos preposicionados, já estão implementadas. Nesse sentido, Martins e Moura (2013) chamam a atenção para as significativas evidências de que as formas do pronome *tu*, em contextos com complementos não preposicionados – seja acusativo, seja dativo – também estão implementadas em um sistema com uso quase categórico de *você*.

A partir dos resultados da análise de três conjuntos de cartas pessoais escritas por autores norte-rio-grandenses, correspondentes a três períodos, os autores vão mostrar que contextos favorecem, nessas cartas, o uso de *você*. E os autores apresentam uma primeira hipótese dizendo que ao longo do século XVIII até ao século XX, tem se apresentado um quadro cujas sentenças, dotadas de sujeito preenchido, e complemento preposicionado oblíquo favorecem o uso das formas de *você* em cartas particulares escritas no Brasil ao longo dos séculos XVIII a XX.

A fim de situar o estudo, os autores trazem alguns resultados, a exemplo dos que nos são apresentados por Rumeu (2008). Em seu estudo sobre cartas pessoais oitocentistas e novecentistas, ela mostra que o pronome *você* foi o mais produtivo nas construções com sujeito pleno, contabilizando 53% dos casos num universo de 24 ocorrências de 45 dados. Tal resultado concorre para ratificar a hipótese de que o PB, século XIX, se caracterizava como uma língua de sujeito nulo. Nesse século se inicia seu processo de mudança, com o maior uso do preenchimento do sujeito a partir do século XX. Para a autora, nas cartas do fim do século XIX e início do século XX o *tu* aparece associado ao sujeito nulo enquanto *você* tende a aparecer como sujeito pronominal pleno.

2.3.2 Considerando a reestruturação do sistema pronominal, algumas notas sobre o quadro dos pronomes e a norma culta no PB

Em artigo sobre o papel da sociolinguística na descrição da gramática da escrita contemporânea, Duarte (2013) nos traz algumas reflexões sobre a gramática que surge como resultado do conflito entre o que se fala e o que se aprende na escola, mostrando que a distância entre essas duas modalidades da língua tem se mostrado bem menor quando os profissionais da escrita, como os jornalistas, já incorporaram traços da gramática do português do Brasil.

Sem ignorar que a escrita preserva seu lado conservador – embora reconhecendo e admitindo que fala e escrita não podem ser colocados em polos opostos – o que a autora pleiteia é mostrar que as diferenças não se devem a tal fato (o que é da fala e o que é da escrita). Para Duarte (2013), existe uma contradição entre o que o aluno adquire quando exposto aos dados no processo de aquisição da língua, e as regras que lhe são repassadas pela escola. Nesse sentido, a autora se reporta a Kato (2005), ao dizer que a contradição gera a produção de uma escrita que traduz:

Uma combinação de traços da Língua-1 (ou língua primeira, língua materna) e da gramática da língua-alvo, gerando o aparecimento de estruturas que não fazem parte nem de uma nem de outra gramática: trata-se de uma terceira gramática. (KATO, 2005 *apud* DUARTE 2013, p. 118).

De acordo com a autora, o que separa a fala das normas prescritas/determinadas pela escola no processo de ensino da escrita padrão no Brasil “ultrapassa tanto as questões relativas à maior ou menor formalidade ou ao grau de planejamento do texto escrito quanto o caráter naturalmente mais conservador da escrita” (*op. cit.*). Para mostrar como as formas ausentes da L-1 são recuperadas ou “aprendidas” como formas inovadoras pela escrita – igualmente apontando outros traços que surgem como um subproduto do descompasso entre o que se fala e o que se ensina na escola – Duarte (2013) delinea um quadro pronominal atual na fala e na escrita, ressaltando o caráter geral da descrição e dos comentários sobre variação diatópica dada a complexidade do quadro, sobretudo tendo em vista localidades fronteiriças.

A autora descreve um quadro, mostrando os pronomes extintos na fala e na escrita – todo o paradigma de *vós* (ainda que, segundo ela, em regiões isoladas não seja improvável encontrar uma ou outra ocorrência), bem como os pronomes de uso mais restrito a certos grupos sociais ou mesmo em extinção na fala espontânea – os sublinhados, e, finalmente, os

pronomes que fazem parte da língua oral e da escrita – os não grifados. As formas inovadoras, que já compõem o quadro pronominal e começam a se implementar na escrita, encontram-se em itálico e negrito.

Quadro 3 - Pronomes pessoais no Português Brasileiro – fala e escrita

Pessoa	Número	Formas Tônicas	Formas átonas na fala e na escrita			Formas tônicas oblíquas na fala e na escrita
		Nom.	Acus.	Dat.	Indef.	Formas nominativas em função acusativa e oblíqua ^o
P1	sg.	Eu	Me	Me		mim, comigo
	pl.	<u>nós</u>, <i>a gente</i>	<u>Nos</u>	<u>Nos</u>		<u>nós, conosco</u> <i>a gente</i>^o
P2	sg.	tu, você	te, <i>lhe</i>, <u>o, a</u>, se	te, <i>lhe</i>		ti, contigo <i>você</i> ^o , <u>si, consigo</u> , <i>você mesmo</i>
	pl.	<i>vós</i>, você<i>s</i>	<i>vós</i>, <u>os,as</u>, se	<i>Vós</i> <u>Lhes</u>		<i>vós, convoseo</i> <i>você<i>s</i></i> ^o , <i>você<i>s</i> mesmos</i>
P3	sg.	ele, ela	<u>o, a</u>, se	<u>Lhe</u>	<u>se</u>	<u>si, consigo</u> <i>ele</i> ^o , <i>ela</i> ^o <i>ele(a) mesmo(a)</i>
	pl.	eles, elas	<u>os,as</u>, se	<u>Lhes</u>		<u>si, consigo</u> <i>eles</i> ^o , <i>elas</i> ^o , <i>, eles(as) mesmos(as)</i>

Conforme a descrição feita pela autora:

[...] apenas a primeira pessoa do singular se mantém inalterada. A primeira do plural apresenta, na fala, preferencialmente o pronome **a gente** (OMENA, 1986; MENON, 1994, 1996; LOPES, 1999, 2003, entre muitos outros), tanto para o nominativo quanto para o acusativo (*ele viu a gente*), dativo (*ele deu o livro pra gente*), oblíquo (*ele vai com a gente*), enquanto as formas grifadas – o nominativo **nós**, o clítico **nos** e os oblíquos **nós, conosco** - (*ele nos viu, ele nos deu o livro, ele confia em nós, ele vai conosco*) ficam restritos à escrita ou à fala mais conservadora (seja de indivíduos mais velhos seja em regiões mais isoladas), que ainda mantêm o pronome *nós* em variação com *a gente* (DUARTE, 2013, p. 120).

Fica restrita a alguns estados, a distribuição complementar *tu – você* (segunda pessoa do singular); entretanto, no Brasil, a variação *tu/você* é mais geral. Em relação ao tratamento na região Sul, constata-se uma ampla gama de registros que atestam a convivência dos dois pronomes – sobretudo no Rio Grande do Sul e Santa Catarina – prevalecendo, tanto em São Paulo quanto no Paraná, o uso de *você* (FARACO, 1996; MENON, 1997; MENON; LOREGIAN-PENKAL, 2002; AMARAL, 2003, entre outros (*apud* DUARTE, 2003)).

Outro caso de convivência *tu/você* ocorre na região Sudeste – notadamente no Rio de Janeiro – (cf. SILVA, 2005; LOPES *et al.* 2009; LOPES; CAVALCANTE, 2011, entre outros). A forma *você* parece predominar nos demais estados dessa região.

Já no Nordeste, os relatos dão conta de que as duas formas *tu/você* coexistem em grande parte dos estados que compõem a região, à exceção de Salvador, em que o uso de *você* é sistemático. Já não é o caso do interior do estado, onde se registra a variação *tu/você*.

Segundo Duarte (2013), as informações dão conta de que na região Norte registra-se o uso variável de *tu/você*, enquanto na região Centro-Oeste prevalece o emprego de *você*. A autora chama a atenção para o fato de que o emprego de *tu*, seja em situação de complementaridade, seja em contexto de variação com *você*, está sempre seguido da forma verbal com desinência zero.

Os pronomes átonos (ou clíticos) de segunda pessoa que se combinam com essas formas são *o te* e *lhe*, tanto em função acusativa quanto dativa (este último com uma distribuição regional bastante interessante, competindo com *te* em função acusativa – *eu te vi/ eu lhe vi*); o reflexivo *se* (ou *te*) está também sujeito a variação diatópica: Minas, São Paulo, Paraná revelam um uso muito reduzido do reflexivo (D’ALBUQUERQUE, 1984; ASSIS, 1988; ROCHA, 1999), que é ainda bastante produtivo no Nordeste e em outros estados do Sul e Sudeste; o clítico acusativo *o* para referência à segunda pessoa parece praticamente extinto na fala; é substituído por *te*, *lhe* e *você*; quanto aos oblíquos, parece que *ti* e *contigo* (não reflexivos – *eu trouxe pra ti / quero falar contigo*) continuam nas regiões em que *tu* faz parte do paradigma, mas a forma *você* (*eu trouxe pra você / quero falar com você*) é, sem dúvida, a escolhida nas regiões que se limitam a *você* nominativo; as formas reflexivas *si* e *consigo* são substituídas por *você mesmo* (*você tem que pensar em você mesmo*); na segunda pessoa do plural a forma pronominal por excelência para todas as funções é *vocês* (*eu vi vocês – gosto de vocês – vou com vocês – façam isso vocês mesmos, vocês têm de cuidar de vocês mesmos*), sendo cada vez menos frequente a forma de tratamento – *o senhor / a senhora* entre os mais jovens, mas é bom não esquecer que o contínuo *rural – urbano*, além de outros fatores sociais, tem importante efeito na manutenção dessa forma.

Sobre essa variação, já em fins do século XIX, verifica-se a ocorrência, ainda que tímida, da coexistência de ambas as formas em referência a um mesmo interlocutor (BARCIA, 2004). Já na primeira metade do século XX, o emprego de *você* passa a suplantiar o uso de *tu*, o que é atestado nas amostras de peças teatrais cariocas produzidas ao longo dos séculos XIX e XX (DUARTE, 1993). No final desse século, entretanto, a forma *tu* retorna ao cenário linguístico carioca, porém destituída da forma verbal flexionada na segunda pessoa do singular.

A propósito, atente-se no fato de que o processo de gramaticalização da expressão nominal *Vossa Mercê* > *Você* traz implicações de ordem semântica, sem prejuízo, entretanto, de suas propriedades originais no que respeita à assunção da nova classe, ou mudança categorial: o pronome. Na verdade, ela não perde por inteiro seus traços originais formais nem assume, em termos definitivos, as propriedades da nova classe (LOPES [1999], 2003). Em se tratando da forma nominal citada, isso concorre para gerar uma incompatibilidade entre as propriedades semânticas e discursivas, quando insiste a permanência da especificidade original de terceira pessoa.

E nesse aspecto ocorre, invariavelmente, o processo de pronominalização de *você*, cuja origem, nominal, evoluiu para pronominal – configurando a mudança de um item lexical – *mercê* – em princípio forma de tratamento cerimonioso, que evoluiu para pronome de tratamento, terminando como pronome de segunda pessoa, *você*. Como se vê, a forma pronominal “*você*” destitui-se do *status* de pronome de tratamento, morfologicamente de terceira pessoa, e assume a configuração de pronome pessoal de segunda pessoa. Já gramaticalizada, foi incorporada ao sistema dos pronomes pessoais ao lado de *tu* independentemente da concordância em relação à forma verbal correspondente.

Igualmente ao que ocorrera a *você*, se deu em relação à forma nominal *a gente*, também inserida no quadro de pronomes pessoais como uma forma gramaticalizada, concorrendo com as formas *nós* e *eu*, daí resultando, para a segunda pessoa do singular, a alternância *tu/você* e para a primeira pessoa do plural *nós/a gente*.

Pelo que se percebe, registram-se, à luz da Sociolinguística, formas consideradas variantes, cuja valoração social e estilística confere-lhes o estatuto de marcadores. É o caso dos pronomes pessoais de segunda pessoa *tu* (usado para interlocutor íntimo/familiar) e *você* (interlocutor desconhecido; mais distante,) como dos possessivos de segunda pessoa *teu* (usado entre pessoas íntimas/familiares) e *seu* (usado entre pessoas desconhecidas e menos familiares). São formas que concorrem diferentemente em determinados registros: enquanto

as formas *tu/teu* são aplicadas a situações mais informais, *você/seu* são usados em situações de maior grau de formalidade, a depender da comunidade de fala.

Detendo-nos no fenômeno da variação e mudança, aplicado ao sistema dos possessivos em português, nesse contexto, constata-se que a introdução das formas *você* (de segunda pessoa) e *a gente* (de primeira pessoa), no Português Brasileiro (PB), terminam por condicionar o encaixamento de mudança, ou melhor, dizendo, mudanças em cadeia (GÖRSKI; COELHO, 2009), ocasionando a migração das formas oblíquas de terceira pessoa (*o, a, lhe, se*) e das possessivas *seu(s), sua(s)* operada pelo pronome *você*. Portanto, a variação no quadro dos possessivos da segunda pessoa reflete um processo mais amplo de reestruturação do quadro pronominal do PB desencadeado pela inserção de *você* no sistema pronominal, forma essa oriunda da forma de tratamento *Vossa Mercê*, que funcionava como estratégia de tratamento cortês. No século XIX *você* se distancia da forma que *lhe* deu origem (perdendo, portanto a carga pragmática de cortesia), então iniciando-se o processo de variação *tu ~ você*, ocasião em que esse pronome se insere no quadro pronominal do PB. O quadro que segue mostra os usos pronominais atuais no PB, considerados pela gramática normativa como *mistura de tratamento*, cujo emprego se faz presente tanto na oralidade quanto em escritas informais, sendo a expressão possessiva de *você* marcada.

Quadro 4 - Paradigma dos pronomes pessoais e possessivos em uso no PB

PRONOMES PESSOAIS	POSSESSIVOS
Eu	Meu/minha
Tu/você	<i>Teu/tua/seu/sua /de tu/de você</i>
Ele/ela	<i>Seu/sua / dele(a)</i>
Nós/a gente	Nosso(a) / da gente
Vocês	<i>Seu(s)/sua(s) / de vocês</i>
Eles/elas	<i>Seu(s)/sua(s) /deles(as)</i>

Conforme mostra o quadro, ainda foram introduzidas as formas *de você* e *de tu*, cujo uso já se faz presente hoje, não apenas na fala de crianças ou de processo de aprendizagem do português, mas igualmente de pessoas adultas, muito provavelmente formas associadas à fala de pessoas com baixa escolaridade.

Especificamente em relação às formas de representação possessiva de segunda pessoa do singular, registra-se *seu/sua/teu/tua/de você/ de tu*. E Silva e Arduin (2004) nos apresentam exemplos que confirmam a variação *teu e seu* de acordo com o novo paradigma

pronominal dos possessivos no PB, considerando que a regra variável trabalha com a noção de mesmo valor de verdade, num mesmo contexto.

[...] Essa aqui é *tua*; tia, esse aqui é não sei quem, não sei mais quem", aí ficou naquele rolo: que um queria quando eu era pequena, mas a Maria não quis dar. (SCFLPO3L184) "Essa aqui é *sua* tia, esse aqui é não sei quem, não sei mais quem", aí ficou naquele rolo: que um queria quando eu era pequena, mas a Maria não quis dar (p. 119).

Referindo-se aos processos de variação no contexto do sistema pronominal atual do PB, as autoras ressaltam as formas pronominais ainda em competição, como *tu/você*; *nós/a gente*; *teu e seu*, enquanto a mudança *vós/vocês* já se consolidou na língua. Como decorrência do encaixamento das novas formas pronominais no quadro de pronomes pessoais, os possessivos *seu/sua* passaram a se referir aos pronomes *você/ele(s)(as)*. No que respeita à intercambialidade das formas possessivas de segunda pessoa, essas se mantêm fiéis ao significado referencial, razão por que são consideradas variantes de uma mesma variável (SILVA; ARDUIN, 2004).

O encaixamento é observado quando da correlação entre o fenômeno da mudança e a estrutura social, constituída por fatores sociais, ou extralinguísticos, como grupos socioeconômicos, idade, sexo, faixa etária, localização geográfica, etnia etc. Nesse sentido, mais do que mostrar a motivação social da mudança linguística, o linguista deve mostrar o grau de correlação entre a estrutura linguística e a sociedade, revelando o peso que essa correlação tem sobre o sistema linguístico abstrato. Isso significa ter claro como determinada variação se caracteriza no contexto das propriedades da língua, aí verificando seu status positivo e ou negativo nesse contexto, bem como o grau de comprometimento do fenômeno variável dentro do sistema, determinando se as formas variantes concorrentes estão se encaminhando para a mudança no sentido do avanço, da inovação, ou do recuo. Eis um caso de encaixamento na estrutura linguística e social.

Outros tipos de encaixamento também ocorrem, conforme os que se desencadeiam por influência de certos campos da gramática, gerando mudanças em outras esferas dessa mesma gramática, configurando “um espelhamento interno das línguas”, ou reações em cadeia.

Um exemplo cabal do que foi dito respeita à entrada dos pronomes *você* e *a gente* no sistema e a conseqüente alteração no padrão de flexões verbais no PB, por ocasião da concordância com as formas verbais da terceira pessoa do singular. Dado o sincretismo de forma que passa a vigorar se estabelece, na língua, a tendência ao preenchimento do sujeito pronominal. Instalam-se também mudanças no sistema pronominal, com a entrada de *você(s)*

em referência a segunda pessoa do discurso, que se reflete em outros setores do sistema interno da língua, a exemplo do que ocorreu com a realização das formas pronominais de terceira pessoa dos possessivos – *seu/sua; seus/suas*, as quais passam a assumir configuração de segunda pessoa, convivendo com *teu/tua; teus/tuas*, formas essas originais. Assim as formas de terceira pessoa são representadas pelos genitivos *dele/dela; deles/delas*.

Como se vê,

A entrada dos pronomes *você* e *a gente* no PB não afetou apenas o paradigma pronominal de sujeito e a concordância verbal (...). Essas inovações provocaram uma espécie de mudança em cadeia que afetou também os outros subsistemas pronominais – dos clíticos e dos possessivos. Configura-se, desse modo, o que Labov chama de “encaixamento estrutural” (SILVA; ARDUIN, 2004, p. 99).

2.4 CONCLUSÕES DO CAPÍTULO E ENCAMINHAMENTOS

Conforme foi visto, este capítulo reuniu três subseções, complementares entre si. Seu objetivo foi fornecer uma visão do percurso histórico-normativo clássico de construção do conceito de pronome, para situá-lo na perspectiva discursivo-gramatical de caráter contemporâneo; isto foi feito por meio do levantamento desse conceito, e seus desdobramentos (respectivas classificações e caracterizações) nas gramáticas tradicionais, verificando-se que a tradição ainda hoje se faz presente nas gramáticas, quando seus conteúdos são dispostos por meio de definições, nomenclaturas e regras prescritivas abstratas, distantes das formas efetivas de uso da língua.

Na sequência, colocamos tais constatações na interface com o que nos apresenta o Português Brasileiro, tomando por base os rearranjos feitos no sistema pronominal do português, com a entrada da forma gramaticalizada *você* (ao lado de *a gente*), e suas repercussões nos paradigmas dos pronomes pessoais (retos e oblíquos), bem como no dos possessivos.

Vimos que as mudanças se deram na forma de realização do oblíquo, quando os pronomes *o, a lhe* passam da terceira para a segunda pessoa, e o objeto indireto assume a forma preposicionada *de você*, além de outras. Quanto aos possessivos, as mudanças se focam na forma de sua realização, quando as formas de terceira pessoa ascendem à de segunda, como consequência da inserção de *você* no paradigma pronominal e sua consequente variação com *tu*.

No próximo capítulo, discorreremos sobre a metodologia da dissertação ora apresentada, mostrando os caminhos tomados pela pesquisa, caminhos esses mediados por grupos de fatores eleitos para controlar nossa variável dependente. Partimos da hipótese de que as inovações ocorridas no quadro de pronomes, no PB, definem o uso dos pronomes possessivos nos contextos das relações entre interlocutores nas cartas de leitores analisadas, em resposta ao processo de variação das formas *tu/você* e a consequente implementação dessa última, em meio à qual se insere – ou não – a consequente implementação da forma pronominal *seu* de segunda pessoa.

CAPÍTULO 3 - PERCURSO METODOLÓGICO DA PESQUISA

INTRODUÇÃO

Objetiva-se, com este capítulo, mostrar os caminhos empíricos empreendidos na realização da pesquisa, segundo os grupos de fatores eleitos para controlar a regra variável *teu e seu* (variável dependente) objeto do estudo em cartas de leitores da imprensa brasileira dos séculos XIX e XX. Como se trata de um trabalho envolvendo *corpus*, inauguramos o capítulo com a seção que retoma o conceito de carta enquanto gênero textual aplicado à carta de leitor de jornal, contextualizando características, modalidades e demais formatos em relação ao conteúdo por elas veiculados. Apresentamos, em seguida, os lugares (localidades) pesquisados e o tempo (período) em que se situa a pesquisa, esses representados pelos séculos XIX e XX. Igualmente, faz parte do capítulo a exposição e o delineamento dos grupos de fatores utilizados na categorização dos dados da pesquisa – ou o envelope de variação, esses descritos segundo as hipóteses que nortearam sua eleição.

3.1 CARACTERIZANDO O PROCEDIMENTO

De natureza quantitativa, a metodologia de pesquisa da Teoria da Variação e da Mudança Linguística (LABOV, 2008 [1972]) utiliza dados que refletem o uso da língua em um contexto social heterogêneo. Nesse sentido, no âmbito do estudo da variação e da mudança linguística, a variação opera por meio das variantes linguísticas, formas estas representativas de significados referenciais iguais (ou quase) para realizações diversas.

O princípio básico de análise linguística, nessa perspectiva teórico-metodológica, é reconhecer e tratar a língua em sua heterogeneidade, sendo que nela se deve buscar e compreender a estrutura e o funcionamento do sistema. Portanto, é essa heterogeneidade que possibilita a análise e a descrição do uso das variáveis por parte dos indivíduos.

Metodologicamente, para efeito deste estudo, descrevemos e explicamos o processo de variação e mudança dos possessivos de segunda pessoa *teu e seu* utilizando o controle de grupos de fatores extralinguísticos (estados e períodos) e linguísticos (nesses identificando os que mais influenciam a escolha de uma e/ou de outra variante), com ênfase na variável independente que controla o *pronomes sujeito na totalidade da carta*. Esse contexto, em particular, nos mostra que a regularidade da variação é sistemática, sendo essa regulada por regras variáveis e não categóricas.

Nessa ótica, as observações são embasadas em instrumental de natureza estatística e utilizam-se de resultados amparados por programas utilizados na área, como o Goldvarb (cf. ROBINSON; LAWRENCE, TAGLIAMONTE, 2001), muito embora, dado o número reduzido de dados, apresentemos apenas uma análise do percentual, tendo em vista a possibilidade de geração de knockouts devido ao grande número de células vazias.

De caráter empírico, portanto, o levantamento de dados teve como suporte jornais de quatro estados brasileiros, a saber, Rio Grande do Norte (RN), Rio de Janeiro (RJ), Bahia (BA) e Santa Catarina (SC) e como instrumento de coleta as cartas de leitores dos séculos XIX e XX. Em termos quantitativos, o número de cartas, ou correspondências atingiu a totalidade de 451 cartas, assim dispostas: 25 cartas correspondentes ao estado do Rio Grande do Norte, 104 cartas correspondentes ao estado do Rio de Janeiro, 172 cartas correspondentes ao estado da Bahia e 179 cartas correspondentes ao estado de Santa Catarina. Dentre as 451 cartas foram categorizadas, logo utilizadas na análise, 94 cartas, por registrarem a presença do fenômeno investigado, representado pela alternância das variantes *teu* e *seu*. O quadro que segue apresenta a descrição do *cópus*.

Quadro 5 - Quantitativo das cartas de leitores de jornais brasileiros: séculos XIX e XX

Número de Cartas - 451															
ESTADOS	RN			RJ				BA				SC			
SÉCULO	XIX II	XX I	XX II	XIX I	XIX II	XX I	XX II	XIX I	XIX II	XX- I	XX- II	XIX I	XIX II	XX- I	XX- II
Nº DE CARTAS	07	13	05	18	16	07	63	19	61	54	38	11	43	11	85
TOTAL GERAL	25 CARTAS			104 CARTAS				172 CARTAS				179 CARTAS			
Total de Cartas nas quais foram encontrados Possessivos de Segunda Pessoa <i>Teu/Seu</i>	07			21				36				28			
Total Geral Utilizadas	94 Cartas														

Em relação ao Rio Grande do Norte, das 25 cartas constitutivas do corpus, 5 foram utilizadas na pesquisa por apresentarem o fenômeno, acusando 3 ocorrências dos possessivos *seu* e *sua* na posição inovadora. Quanto aos possessivos *teu* e *tua*, o corpus não apresentou nenhum caso.

Em relação a Santa Catarina, no período correspondente ao século XIX.1, das 11 cartas constitutivas do corpus, 7 cartas foram usadas, apresentando 14 ocorrências do fenômeno – *seu/sua*, *seus/suas* em posição inovadora. Quanto ao uso do possessivo de segunda pessoa na posição original *teu/tua/teus/tuas* a ocorrência foi zero. No período XIX.2, foram contabilizadas 43 cartas, das quais 6 foram utilizadas, registrando 9 ocorrências do possessivo *seu/sua*, *seus/suas* em posição inovadora, e 10 ocorrências do possessivo *teu/teus*, *tua/tuas* na posição original.

No período concernente ao século XX.1, das 11 cartas usadas na pesquisa, 3 registraram 9 ocorrências de *seu*, */sua*, *seus/suas*, e zero ocorrência do possessivo em sua função original.

No período correspondente ao século XX.2, das 85 cartas constitutivas do corpus, 6 foram categorizadas, registrando 12 ocorrências de *seu/sua*, *seus/suas* e 18 ocorrências do possessivo *teu/tua*, *teus/tuas*.

Em relação à Bahia, no período relativo a XIX.1, foram registradas 19 cartas, das quais 6 foram utilizadas, contabilizando 6 ocorrências *seu/sua*, *seus/suas* e nenhuma ocorrência do possessivo em sua posição original *teu/tua*. No período relativo a XIX.2 foram contabilizadas 61 cartas, das quais 15 foram utilizadas, registrando 22 ocorrências de *seu/sua*, *seus/suas* e nenhuma do possessivo *teu/tua*. No século XX.1, das 55 cartas contabilizadas, 8 foram utilizadas, registrando 24 ocorrências do possessivo *seu/sua*, *seus/suas*, e 14 casos do possessivo *teu/tua*, *teus/tuas*.

No século XX.2, a Bahia contabilizou 38 cartas das quais 5 foram categorizadas, registrando 28 ocorrências do possessivo *seu/sua*, *seus/suas* na posição inovadora e 1 caso do possessivo *teu*.

Já no Rio de Janeiro, no século XIX.1, das 18 cartas contabilizadas 11 foram categorizadas, acusando 37 ocorrências de *seu/sua*, *seus/suas* em contraposição a zero ocorrência do possessivo na posição original *teu/tua*. No século XIX.2, foram levantadas 16 cartas, das quais 2 foram categorizadas, registrando 4 ocorrências do possessivo *seu/sua*, *seus/suas*. Os possessivos *teu/tua* não foram encontrados nessas cartas. No século XX.2 foram levantadas 7 cartas. Dessas, 4 foram utilizadas para análise, acusando a presença de 7 ocorrências de *seu/sua*, *seus/suas* e nenhuma ocorrência de *teu*. Nesse mesmo estado, no

século XX.2, contabilizou-se um total de 62 cartas de leitores, das quais 5 foram utilizadas, registrando 10 ocorrências *seu/sua*, *seus/suas* em contraposição a zero ocorrência de *teu*.

Nossa investigação, vinculada ao projeto de história do português brasileiro no Rio Grande do Norte, retrata uma análise na perspectiva quantitativa e qualitativa, realizada por meio da coleta, descrição, tabulação e interpretação de um *corpus* de conteúdo documental coletado na plataforma do *Corpora Mínimo Nacional Impresso do Projeto para a História do Português Brasileiro – PHPB*³.

O percurso metodológico pressupôs:

- a) a delimitação do fenômeno linguístico variável, ou a realização do pronome possessivo de segunda pessoa do singular *teu* e a variante *seu* (variável dependente).
- b) a eleição das variáveis independentes, delimitadas pelos seguintes elementos:
 - 1) traço de número do possessivo;
 - 2) traço de gênero do possessivo;
 - 3) pronome sujeito na totalidade da carta;
 - 4) animacidade do sintagma possessivo;
 - 5) posição do possessivo em relação ao nome;
 - 6) artigo definido no sintagma possessivo;
 - 7) tipo de sintagma;
 - 8) contração do determinante com a preposição;
 - 9) período
 - 10) localidade. Nosso objetivo primeiro é apontar os fatores internos (linguísticos) e externos (extralinguísticos) que exercem influência sobre o uso de uma ou outra variante na escrita da imprensa brasileira dos séculos XIX e XX veiculada em cartas de leitores.

3.2 A CARTA E AS CARTAS DE LEITORES DE JORNAIS BRASILEIROS: A PROPÓSITO DO GÊNERO

Fazer uso de cartas de leitores de jornal como fonte documental para a pesquisa empírica supõe considerar esse gênero textual em sua natureza e função, no conjunto dos demais recursos utilizados como fonte de pesquisa no campo de conhecimento em questão, qual seja o campo da Sociolinguística ou da Sociolinguística Histórica.

³ Os textos podem ser acessados em <<https://sites.google.com/site/corporaphpb>>

Estudos como o de Silva (2005) apontam para a necessidade de se reconhecer que a carta de leitor se configura como um gênero extremamente abrangente, com um amplo espaço de abertura para o trânsito de múltiplas formas de comunicação. Nesse sentido, vale a intenção comunicativa, ou o propósito comunicativo de cada leitor, quais sejam, dentre outros, uma reivindicação, um pedido, uma reclamação, a expressão de uma reclamação, configurando-se inclusive como diferentes em sua tipologia textual, sendo ora argumentativos, ora descritivos, ora narrativos, senão mesclando-se em alguns momentos.

Nesse contexto, há igualmente de se considerar o suporte que dá sustentação a esse tipo de correspondência – qual seja o jornal impresso –, cujo formato concorre para viabilizar a circulação de tal gênero.

Considerada em suas flexíveis possibilidades de expressão, o gênero carta em geral, e, em particular, carta de leitor oportuniza a identificação e o reconhecimento de formas linguísticas em processo de variação e mudança, notadamente quando permite que se transite entre temas espontâneos. Trata-se de uma unidade comunicativa à qual, considerada em sua perspectiva diacrônica, são inerentes elementos/traços denotadores de espaço e tempo, condicionados e determinados por aspectos sócio-históricos e culturais, dentre os quais se evidenciam alguns de caráter externo, como data, cabeçalho e assinatura, além de expressões formulaicas frequentes nas seções iniciais e finais (LOPES, 2009). No que respeita às estratégias de tratamento, os estudos mostram que não basta atrelá-las às relações de poder entre locutor/interlocutor, ou ainda considerá-las em nível de distância ou proximidade comunicativa, podendo essas, na verdade, serem condicionadas e/ou determinadas por diferentes tradições textuais, cujos usos impõem peculiaridades inerentes a cada cultura.

Notadamente em relação às cartas de leitores do século XIX, essas configuravam um caráter opinativo, trazendo em si a tentativa de formar a opinião pública, tendo em vista tratar-se de uma atividade comunicativa de aparente interação social, em que os leitores/emissores utilizavam a imprensa para socializar suas concepções sobre a dinâmica da sociedade em que estavam inseridos.

Sob o aspecto das contribuições aos estudos linguísticos, na perspectiva da variação e da mudança na língua, as cartas mostravam/mostram toda a dinâmica que moveu/move o uso da língua, cujos reflexos se presentificam nas formas de tratamento atreladas à cada – e particular – realidade sócio-histórica. Aí reside uma das funções sociais desse gênero textual, pelo qual a sociedade toma conhecimento dos fatos demarcadores dos cenários políticos. Isso justifica um satisfatório acesso à compreensão do meio social, retratando igualmente contextos sociopolíticos definidos em seu tempo e espaço; é nesse sentido que as cartas

servem às motivações sociais: dependendo do momento histórico de suas escritas, prevalece a tônica desse momento, a exemplo de debates políticos em período de modernização, o que se estende às transformações culturais. Em meio a tal contexto, emergem novos padrões de comportamentos linguísticos, retratando novas projeções para a sociedade, forjadas nas diversas instâncias do cotidiano. Desse modo, as correspondências abrem espaço para debates e discussões políticas, críticas, acertos de conta, sugestões, dentre outros.

Na verdade, vários são os registros que podem ser feitos em relação ao teor das cartas estudadas, segundo os objetivos e intenções comunicativas, em meio às quais aquelas que buscavam tornar públicas questões intimistas, de caráter particular, ou questões vinculadas a interesses públicos, política, economia, saúde, educação, questões sobre gestões de ordem pública, e outras. Na verdade, a carta de leitor apresenta uma ampla condição de uso por parte do remetente, servindo também para veicular notícias, denúncias; defender ideias, revelar as últimas ocorrências no mundo político, social, econômico e cultural, como já foi visto. Outro aspecto interessante nessas cartas é que elas também serviam para tratar de questões relativas à prestação de contas, cobranças, defesa de calúnias levantadas por pessoas da sociedade, abrindo possibilidade, também para elogiar e denunciar. Interessante registrar uma inovação típica desse gênero em relação à marca do destinatário, quando o leitor passa a substituir a expressão “Sr. redator” por títulos inteiros, a fim de situar o teor da carta a ser abordado.

Interessante também é a possibilidade de ocorrência de réplicas e tréplicas pelas correspondências, quando alguns emissores enviavam seu texto ao jornal, e, após certo tempo, surgia a resposta, fosse sob a forma de concordância (solidariedade), fosse sob a forma de contestação e/ou rechaço, ou crítica. Numa análise mais textual-discursiva, Silva (2005) afirma que o jornal, como recurso de interação entre interlocutores, materializa um espaço de troca de correspondências, de cartas, de discursos que, de fato, denotam falas de indivíduos devidamente definidos histórica, econômica, política e socioculturalmente.

Sumarizando, as cartas de leitores que serviram de fonte de dados para pesquisa aqui realizada mostram a diversidade de momentos históricos de crescimento, de novos empreendimentos industriais a aquisição de novos recursos e equipamentos urbanos, bem como outros aspectos favorecedores da melhoria de vida de seu contingente populacional.

Paradoxalmente, esses momentos históricos trazem em si o seu contrário: as angústias, as insatisfações, as queixas, as reclamações, as denúncias e outras demonstrações de sentimentos. Eis que aí emergem, nas cartas, a incidência de pedidos, solicitações, requisições, imposições, comunicados, reclamações, retratações, justificativas, críticas, reflexões e/ou ainda sugestões.

No geral, os assuntos e temáticas dessas são praticamente comuns às cartas de leitores de jornais brasileiros dos séculos XIX e XX, sendo a queixa o mais recorrente deles. A maioria dessas queixas é de cunho político, havendo também algumas de cunho pessoal e outras relativas a empregos em órgãos públicos. Nas correspondências do século XX, é bem patente o registro de assuntos relacionados à educação e ao ensino, de um modo geral, abordando-se inclusive o Novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa. Ao lado dessas, outras temáticas são abordadas nas cartas de leitor aqui analisadas, a saber: publicações a pedido, abaixo-assinados, querelas individuais, brigas de família, denúncias, solicitação de votos, reivindicação de melhorias de serviços de utilidade pública, propaganda político-partidária, elogios (publicização de atos “heroicos” de outrem), agradecimentos, questões relativas a valores axiológicos, convites para missas, questões relativas a universidades, falta de censura dos cinemas.

Tomando por base diferentes estudos variacionistas sobre o uso dos possessivos em corpora – de fala e de escrita – variados, a exemplo de Lopes e Duarte (2003), Arduin e Coelho (2006), Chaves (2006), Duarte (2009) entre outros, registra-se que o contexto relativo aos séculos estudados aqui manifesto nas cartas de leitores contribuiu significativamente para o processo de evolução dos fenômenos linguísticos e em especial dos possessivos.

Diante do exposto, passa-se à exposição dos grupos de fatores eleitos para controlar o processo de variação e mudança dos possessivos de segunda pessoa *seu* e *teu* nas cartas de leitores de jornais dos estados brasileiros, nos séculos XIX e XX.

3.3 O ENVELOPE DE VARIAÇÃO

Com base nos pressupostos de Labov (2008 [1972]) e WLH (1968), partimos da hipótese de que nossa variável dependente constituída pelas variantes *teu* e *seu* exercem a mesma função linguística, em função das interações estabelecidas no contexto da comunicação: interações que expressam, dentre outros, poder e solidariedade, cortesia, formalidade/informalidade.

Desse modo, as características linguísticas por nós pesquisadas têm como elementos de análise os pronomes possessivos de segunda pessoa do singular *teu* e *seu*, conforme os exemplos que seguem:

(1) Prevejo a impressão que ha de causar | em **TEU** espirito esta brevissima e suscin-|ta narração; pois estou convencido dos (...) sentimentos de bom brasileiro que | és, não obstante o teu exilio voluntario. *O Aldeão dos Pinheiros*. (Santa Catarina, 1863).

(2) *Minha discintina Rosa Beatriz*: V. exa. o **SEU** primeiro artigo, ao | que parece preocupa-se mais ou| de todo, com um dos agentes pó-|derosos do desenvolvimento do| corpo humano- a hygiene. Thales. (Rio Grande do Norte, 1910).

Cumpre dizer que foram identificadas, no corpus analisado, cartas em que tanto o possessivo *seu/sua*, *seus/suas* apontava para uma situação de ambiguidade – em que o pronome poderia estar associado à segunda ou à terceira pessoa – ou de genericidade. Esses casos não foram computados na análise dos dados.

A situação de ambiguidade, gerada na fala e podendo se estender à escrita, traduz o reflexo das mudanças ocorridas no quadro dos pronomes pessoais, com o processo de encaixamento, levando tais possessivos a se referirem tanto à segunda quanto à terceira pessoa, singular e plural. Tal ambiguidade é desfeita quando, em ambientes ambíguos, os falantes se utilizam da forma genitiva *dele(a)/s*, *de você (s)*, assim clarificando o enunciado.

(3) Sr. Redactor Quando assumi o exercicio do car-| go de inspector da thesouraria provin-|cial o *Senhor tent.coronel Urbano Gon- |dim fallou-me para pagar os| vencimentos d'essa professora, **SUA** filha, dizendo -[.] logo que só lhe servia | o pagamento íntegral. José Alves da Silva. (Rio Grande do Norte, 1877).*

(4) **Esclarecimento || Senhor Diretor:** || Em virtude de uma nota publicada | na seção "**Informação Geral**" da edi- | ção de O ESTADO do último do- | mingó, dia 12/10/ 1980, devo esclare- | cer o seguinte: || 1.º) Nunca fui líder da antiga *União Democrática Nacional* | em Bom Retiro, mesmo porque | quando atingi a idade de votar (época | em que normalmente desperta o inte- | resse da política), já tinham sido ex- | tintos os antigos partidos. || 2.º) Nunca pretendi ou manifestei | interesse em concorrer ao cargo de | vice-prefeito. || 3.º) Por outro lado, falando em | nome de meu pai (Flares Figueiredo | de Oliveira), este sim foi antigo líder | da *União Democrática Nacional*, e para o caso de meu nome | ter sido confundido com o **dele**, devo | esclarecer que o mesmo igualmente | não pretende, como também, não | manifestou interesse em ser cãndi- | dato a vice-prefeito, em qualquer | chapa, nas próximas eleições. || Certo de **SEU** atendimento na publi- | cação deste esclarecimento, desde já | obrigado. Flares Cesar de Oliveira - || Bom Retiro. || N.R. - O ESTADO obteve esta in- | formação do *senhor Jaime Carvalhos* | "Toco"povo. (Santa Catarina, 1980)

Já a situação de genericidade remete a uma indeterminação do referente, quando o leitor não define a quem está se reportando. Geralmente esse discurso se dá “no vazio” e

configura um comentário, um questionamento, um “recado”, uma crítica, uma queixa, ou ainda um deboche.

(5) Os moradores de muitas ruas e | logradouros de Blumenau, estão convivendo com ratos, | moscas e diversos tipos de insetos, porque nestes locais a | coleta do lixo é feita raramente, às vezes o caminhão do | lixo fica semanas e semanas sem aparecer, e quando os | moradores residem perto de algum córrego, este torna-se | depósito de todo o lixo caseiro, que em consequência, | quando chove, cria os maiores problemas para a popu- | lação. (...) Quando é que o (sic) lixo de | Blumenau vai ser recolhido satisfatoriamente? Pois é muito | chato você sentar-se à mesa e o mau cheiro e as moscas | provenientes do lixo, estragarem o **SEU** apetite. Além disso | temos que preservar a saúde de nossos filhos, que parece | que é uma coisa que os responsáveis pela limpeza pública | não se preocupam. Aqui na Glória, muitas transver- | sais nao (sic) são favorecidas por esse serviço, e como muita | gente reside próximo a um córrego, este tornou-se um ver- | dadeiro lixão, proliferando ratos e outros bichos que depois | invadem as nossas casas. Vamos conservar o nome de | Blumenau de "Cidade Jardim", antes que a chamem de | um nome mais feio. José Everaldo Silveira. Blumenau. (Santa Catarina, 1983).

3.3.1 As variáveis independentes estruturais

Tomando por referência os estudos sobre o sistema dos pronomes no PB, conforme Capítulo 2 – partimos da hipótese geral de que o uso das variantes *teu e seu* esteja condicionado a fatores de ordem interna, a saber:

- traço de número do possessivo (em relação ao traço de número do nome);
- traço de gênero do possessivo (em relação ao traço de gênero do nome);
- pronome na posição de sujeito na totalidade da carta;
- animacidade do sintagma possessivo;
- posição do possessivo em relação ao nome;
- artigo definido no sintagma possessivo;
- tipo de sintagma;
- contração do determinante com a preposição.

Passemos ao detalhamento desses fatores.

3.3.1.1 Traço de número do possessivo

Observamos que, ao analisar os pronomes possessivos de segunda pessoa do singular, pode haver relação entre o uso das variantes estudadas e o traço de número – singular como

em (6), ou plural como em (7) - do nome a ele relacionado. Vejamos exemplos de categorização dos possessivos em relação ao número do nome possuído:

(6) Senhor Editor | De parando no **SEU** número 26, de 7 do cor- | rente com hum artigo que ainda me diz | respeito, mandado inserir pelo meu, já por | mim conhecido, amigo, instigando-me para | que declare qual a coisinha, além dos fogue- | tes, pela qual mais me perseguio o Senhor Doutor | Severo Amorim do Valle, rezolvi occupar-lhe | os typos mais esta vez para dár huma ex- | plicação ao meu amigo. (Santa Catarina, 1850).

(7) **UMA CARTA** | [Izabel] A| aurora morena dos **TEUS** lindos| olhos, despertou a minha líra| emudecida pela amargura e pelo| pranto. DE JOÃO FEIRENSE (Bahia, 1944).

3.3.1.2 Traço de gênero do possessivo

O traço de gênero do nome relacionado ao possessivo de segunda pessoa – masculino, como em (8) ou feminino, como em (9) – pode ser relevante para determinar o uso de uma ou outra variante. Os exemplos abaixo mostram o possessivo de segunda categorizado conforme essa variável:

(8) **Ilustríssimo Senhor** || **Otto Neitsch**|**Director tecnico da IRESA** || **NESTA** | Pelo presente reitero o meu pedido contido em minha carta de 15 do andante. *Insisto terminantemente*, que *Vossa Senhoria* permute os | objectos do **SEU** uso do meu Gabinete Attenciosamente | **C. Renaux** (Santa Catarina, 1937).

(9) **Mensagem à Centenária “Vitória”**| Avante Vitória!!| Não desanimeis na marcha da nova trilha em busca| de novo século que ora se inicia, mesmo enfrentando| novos obstáculos, saltando e pulando tantas e já| conhecidas trincheiras, mas desfraldando sempre, de| parada em parada **TUA** gloriosa bandeira e executando| o Hino da Vitória!!| Feira de Santana, 26 de julho de 1973.|| **JUVÊNCIO PEDREIRA**| (Bahia, 1973).

3.3.1.3 Pronome na posição de sujeito na totalidade da carta

O grupo de fatores vinculado a essa variável nos dirá a forma de tratamento que o leitor/remetente utilizará para dirigir-se ao interlocutor/destinatário, podendo esse ser tratado nas cartas:

- a) por *tu*, quando será reconhecido pelo sujeito pleno, como em (10), ou recuperado pela morfologia verbal, casos em que o sujeito seja nulo, como em (11), segundo segue.

(10) **JOAQUIM GOMES DE OLIVEIRA PAIVA.** || SONETO. || (...) Se accorda-lhe a Memoria **TUA**, infinda! . . . || **TU** honraste a Patria nossa, cara! || Honraste o Brazil e a Estrella bella || Da nossa amena Sancta Catharina! || *Francisco* de Paulicéa Marques de Carvalho (Santa Catarina, 1882).

(11) Bacharel em Direito formado pe- | la U. B.) || **Luiz O. B. Neiva** || Acirema, minha irmã: (...) Segue dignamente a car- | reira que abraçaste com tanto or- | gulho e não te esqueças de que | **TEU** irmão é sobretudo (...) ami- | go, mas que não exitará em lan- | çar sôbre ti as responsabilidades | por atos indignamente construi- | dos. || (Santa Catarina, 1959).

- b) por *vós*, quando será reconhecido, e/ou recuperado pela morfologia verbal nos casos de sujeitos nulos, como em (12) e (13):

(12) *Senhor Redactor* || Rogo-lhe o obsequio de fazer transmittir por via do **SEU** interessante jornal a presente carta (...). E *vós*, oh! maliciosissimos Hypo- | critas, que bem conheceis esta verda- | de!.. Famintos Lobos, coberto com | peles de Ovelhas!.. Se não receaes a | Luz, deixai as Trevas!.. Fallai cla- | ro, e desmascarai-vos!.. (Bahia, 1830).

(13) Illmo. Sr. Redactor:|-Não sei se lestes o que so-|bre o alistamento eleitoral|deste município, ultimamen-|te escreveu para o “Diario|de Natal” o dr. Phelippe| Guerra, não há muito ainda|um dos mais ardorosos cabos de guerra de nosso partido|Si o fizestes, certo surprehen|deuvos profundamente o mo-|do pelo qual aquelle dr. affirma| estar se procedendo aos| trabalhos eleitoraes neste| município, modo esse que| demasiado o sabeis, destô| completamente das praticas| liberaes que temos seguido| sempre (...). Menos prevenção, Sr. Dr.|| Sabe melhor que ninguém|que jamais me pareceram|honestos os meios violentos e| as ostentações de poderio,| preferindo sempre em todas|as ocasiões recommendar-|me pela calma e reflexão de|que se revestem todos os|meus actos. Jamais procurei|alardear valimento político. S. s. deu-me um conselho, de-|vo retribuir lhe: Fique man-|so. Não ponha as **SUAS** dis-|cutiveis luzes a serviço de |causas, como esta, e[.]mple-|tamente inglórias!|| Ferreira Pinto (Rio Grande do Norte, 1906).

- c) por *você*, quando as reconhecemos pelo sujeito pleno, como segue em (14):

(14) AO SENHOR JOSÉ LEÃO DU- | TRA — SEU JOAQUIM DA | COSTA DA SERRA || Mafra, 6 de outubro de | 1959. Meu cáro Leão Dutra: (...) como são | exatamente aquêles atribu- | tos inerêntes à brava gente | mineira, linhagem a que **Você** | pertence e a qual vem de | honrar sobremaneira com | êsse proceder de agora, que | muito o enaltece. || (...) E fiquemos por aqui, meu | cáro, no aguardo do que es- | tá por vir. || Guarde Você a certeza de | que neste torrão catarinen- | se há gente da melhor casta, | sempre pronta a separar o | joio do trigo, sempre capaz | e fazer justiça. (...) Com a renovação do meu | abraço, extensivo à Edinha, | fico esperando notícias **SUAS**. || Cordialmente || Francisco Furtado Maia. (Santa Catarina, 1959).

d) por *senhor (a)*, reconhecidos pelo sujeito pleno, conforme abaixo em (15):

(15) (Senhor Editor. || Estava disposto a não responder ao *Senhor* | do Conciliador de 3 deste mês; por que | com anônimos, o melhor proceder hé | desprezar, mais como me tributa tantos | imerecidos elogios, não quero ser in- | grato; por consequência desejo com uzura | pagar semelhante dívida de gratidão, pa- | ra o que valho-me do sei veículo. Saiba | **Senhor** que os factos que enunciei no re- | cinto da Assemblêa Provincial sobre os | Commandantes Superiores são verdadeiros | e a não cuidar assim desafio-o a que me pro- | vê o contrario. Não concebo o que quer o *Senhor* quan- | do roga as illustradas Comissoens de | Constituição e Justiça civil queirão fazer valer | os poderes que tem para legislar sobre o | commando superior da Guarda Nacional. | Coitado do *Senhor*; toquei-lhe na ferida, e | por isso havia piza-la: (...) Basta por agora, e com minha uzual | franca, sou *Senhor* Editor. || **SEU** assignante e constante leitor || Manoel José de Oliveira. (Bahia, 1850).

e) por *Vossa Mercê / Vossa Senhoria / Vossa Excelência*, reconhecidos pelo sujeito pleno, conforme, respectivamente, em (16), (17) e (18):

(16) Para que o mundo inteiro saiba da | sobeja rasão que eu tive para divorciar-me | perpetuamente de meo marido o Senhor | José Januario de Lima; queira **Vossa mercê** | por me faser o favor inserir na **SUA** folha | a seguinte copia da Sentença que obtive | a meo favor na Rellação Ecclesiastica da | Cidade da Bahia. Mariana de Senhorinha de São José. (Bahia, 1832).

(17) CARTA DE HUM ELEITOR DO RIO DIRIGIDA A OUTRO. || O Senhor Hollanda ao contrario está habilitado para fazer ao nosso Paiz este | grande serviço. por tanto, desprese vossa senhoria to - | das as intrigas, co quem o partido opposto trabalha por desacreditar o (...) rival; e faça- | me a honra de diser de partilha esta minha | opinião, e se ligado a **Vossa Senhoria** por huma [ilegível] thia fundada nas melhores rasões, tãobem me passo crêr pertencendo á **SUA** opinião politica | na questão aqui tratada, honra esta que | muito apreciará quem tem a satisfação de confessar-se || De Vossa Senhoria || Affetuoso Venerador e Criador || O Eleitor do Rio (Rio de Janeiro, 1838).

(18) A Sua Exelência o SeNhoR José Clemente Pereira || He necessario, ou | que Vossa Excelência considere este povo sem sentimen- | tos de nacionalidade, sem patriotismo, e sem | dignidade, ou que Vossa Excelência se julgue revestido | de qualidades que não tem para pretender| offuscar o merito dos homens distinctos ligados | ao paiz por muitos titulos, e não por espirito | de especulação, e de interesse, como **Vossa Excelência** | dominado pelo espirito de especulação não he | huma pessoa desconhecida, e obscura no paiz, | cujas intrigas se percão na confusão das massas, | pelo contrario toda a **SUA** vida he publica, e bem | conhecida, e hum nome odioso aos homens | de bem, e amigos do paiz, e de (...) institui- | ções, acompanha a Vossa Excelência por toda parte. || De Vossa Excelência o mais humilde servo, e admirador || Philo (Rio de Janeiro, 1838).

- f) por alguma das formas pronominais – *Você*, como em (19); *Senhor(a)*, como em (20) e *Vossa Mercê*, como em (21), retomadas pelo morfema zero, em cartas em que o pronome não aparece lexicalizado:

(19) Ziraldo, || É inútil dizer que o admiro co- | mo um dos melhores humoristas do | país. Aliás, você deve ter certeza | disso depois de tantos anos de su- | cessos consecutivos. Por isso mes- | mo| foi maior ainda a decepção que | produziram em mim – e tenho cer- | teza que em muitos – as **SUAS** char- | ges dos dias 29 e 30 de janeiro (Rio de Janeiro, 1979).

(20) **Combate ao anal-fabetismo** (...) Li, com surpresa, dignissi-|mas professoras Regina Andra-|de Serra e Rita Pereira do Va-|le, a carta que as **senhoras** me| dirigiram, por intermedio do| conceituado periodico “Folha do Norte” (...) Porem, cabia ás senhoras te-|rem um pouquinho de pacien-|cia e aguardarem a justiça do| exm. snr. Prefeito (...) Não abandonem **SEUS** alunos, | amigos e irmãos; e aguardem| o dia 19 de Abril, quando terão| a grande satisfação de lêr o| Decreto-lei assinado pelo bene-|merito Governador desta cida-|de, amparando as senhoras, por| ser um ato de inteira Justiça.| | VICENTE DOS REIS| (Bahia, 1941).

(21)*** Não posso dar palha a bestas || Nem a burros semelhantes. || Quando porém sempre se quizesse | dizer alguma cousa para conten[t]ar aos Lei- | tores cobiçosos, como eu, dos Pedacinhos | do **SEU** Iris , parece-me, Senhor Editor, | que a publicação daquelle bellissimo sone- | to descrevendo o Poeta do Brejo, e que foi | acolhido com tanto entusiasmo, seria tam- | bem uma resposta de mão chêia ao tal Se- | nhor, q[u]e tantos desejos tem de ver immor- | talisar (...) nome em pic[t]orescos quartetos | Senhor Editor, si *Vossa Mercê* se dignar inserir es- | tas toscas idéias, muito obrigado lhe ficará, | e mais ainda si for de graça, || Um amante do Iris. (Santa Catarina, 1850).

- g) Há, ainda, cartas em que se podem constatar mesclas de tratamento: (i) entre *tu* e *vós*, como em (22); (ii) entre *você* e *vossa mercê*, como em (23); e (iii) entre *você* e *vós*, como em (24), respectivamente.

(22) **A grande Idéa.** || *Ao convicto abolicionista João Lopes F. Filho* || Na guerra da abolição || De quem insiste revel || Cada pensar é um combate, || Cada combate um laurel. || Santos Lostada. || Vesuvica, adamastorea, tumida, nilonica, || Terrivel, hymalaica, é essa idéa homerica, || Que occupa a vossa mente, dynamica, wernerica, || Onde o pensar escuma peor que a onda jonica. || Maiúscula, gigantesca, liparica, plutonica, || É esa força máscula, temível e genserica, || Com que **tomais** aos hombros uma empreza espherica, || Colmo o nordéste a folha, aa aza gran, tufonica. || E já que indomito **segues**, n'uma conquista herculea, || E elevas o **TEU** nome á amplidão cerulea || Ao estridulo da turb que te abençõa extactico! . . . || E já que hoje se trata do abolicionismo, || A pés nós calcaremos o vil anachronismo || Para abraças fanaticos idéa tão sympathica. || Virgilio Varzea. || (Desterro, Santa Catarina, 10 de Junho de 1883).

(23) *Senhor Editor do – Correio da Tarde. Se **Vossa mercê** | fosse Camara Municipal, e soubesse que **SEU** | Contador tinha uma pedreira acobertada com | outro nome, que essa pedreira fornecia pedra | para a Camara (...) | que tinha de infernar essas contas para que fos-|sem pagas, o que **faria**? || O Somnambulo || (Do Correio da Tarde número 623) (Rio de Janeiro, 1850).*

(24) *Senhor Redactor || Rogo-lhe o obsequio de fazer transmittir por via do **SEU** interessante jornal a presente carta, aos Escrevinha- | dores dos papeis incendiarios desta Cor- | te, no que muito me obrigará. || (...) Desgraçado Brasil! **Voe misero!** | Que seria de ti, se os desacisados | Campioens da mal entendida liberdade | te dominassem, e regessem?... Tu | serias por certo hum verdadeiroThea- | tro de horroriveis Tragedias; imitando | essas destroçadas Republicas, que ten- | do sacodido o jugo da (...) antiga Me- | tropole, se tem arrojado á mais des- | truidora Anarchia!... || E **vós**, oh! maliciosissimos Hypo- | critas, que bem conheceis esta verda- | de!.. Famintos Lobos, coberto com | peles de Ovelhas!.. Se não receaes a | Luz, deixai as Trevas!.. Fallai cla- | ro, e desmascarai-vos!.. (Bahia, 1830).*

3.3.1.4 Animacidade do sintagma possessivo

Em relação a essa variável, verificaremos se a animacidade do termo possuído – se [(+ animado, + humano), como em (25); se [+ animado, - humano], como (26) ou se [Inanimado], como em (27) – é relevante para o uso das variantes em estudo. Vejamos exemplos de pronomes desses fatores, respectivamente:

(25) (...) E você, Antoninho, no final de| contas, nada tem de temível. Sei| que o fogo da **SUA** musa não é| capaz de provocar incendios...| Deixe, portanto, o verso.|| Dia traz dia, e você tomará a| dianteira de todos os prosistas| feirenses, cauzando inveja aos| Palmas Cavalães aqui da terra.| (Bahia, 1942) Com um grande abraço|| José de Sá.|

(26) Amigo do Coração || Que he isto? Assim corre a sua ruina? males inevitaveis da guer- | ra civil? | *Você*que he a só authoridade | legitima desta Provincia não ousa oppôr- | se as arbitrariedades de hum Governo intruso; as mais escandalosas arbitra- | riedades? Vão Officiaes fazer prizões | nocturnas a Cidadãos honrados; expul- | são a funcionarios empregados por *Sua* | *Majestade Imperial*; são exactos executores das ordens | d’esse Bachá: e será isso de mando seu, | ou já esses Officiaes não conhecem a | subordinação, não tem obediencia? No | 1.º caso como he possivel que perdidos | repentinamente **SEUS** estímulos de brio |(...) (Rio de Janeiro, 1824).

(27) Caro Sr. Editor do Jornal Folha do Norte e nobre advogado Dr. Hugo Navarro || Saudações!|| (...) De quem foi a idéia de mudar o itinerário da Procissão de| Fogaréus?|| Espero sinceramente que a mudança ocorrida no itinerário da| referida procissão não prejudique a mesma nos próximos anos.|| É uma tristeza constatarmos que “ tudo aqui muda rapidamen-|te...” É como **o caro Sr.** termina o **SEU** Editorial, com muita prosperida-|de: “Mas, nem sempre para a melhor”.|| Finalizo com um abraço fraterno.|| ”.|| Finalizo com um abraço fraterno.|| José Alves| Profº. Nivel 1| (Bahia, 1997).

3.3.1.5 Posição do possessivo em relação ao nome

Essa variável é utilizada para o controle da posição do possessivo em relação ao nome do sintagma nominal, mostrando em que medida sua colocação/distribuição no sintagma exerce influência no uso do possessivo de segunda pessoa. Para isto, observa-se se a ocorrência se dá na posição anterior ou posterior ao nome. Conforme sabemos, existe, entre os possessivos, uma diferença semântica, a depender dessa distribuição. Ainda que se registre essa diferença de significado, o controle dessa variável nos diz a influência que a posição exerce no uso de uma e/ou de outra variante.

Essa variável foi assim representada: a) pré-nominal, como em (28); b) pós-nominal (29); c) elipse (30) e d) predicativo (31).

a) Vejamos exemplos de cada categoria:

(28) 1.^a Carta de um aldeão á seu | amigo João das Antas mo-|rador na ilha das – Araras – || Aldêa dos Pinheiros 1 de Janeiro de | 1863. (...) Prevejo a impressão que ha de causar | em **TEU** espirito esta brevissima e suscin-|ta narração; pois estou convencido dos (...) sentimentos de bom brasileiro que | és, não obstante o teu exilio voluntario. *O Aldeão dos Pinheiros*. (Santa Catarina, 1863).

(29) Vereador Messias Gonzaga.| Lute Dom Quixote de La Câmara, lute com cuidado.| Não é uma comparação é uma lembrança. Um xará **SEU**, Mes-|sias, que lutava pelos humildes e oprimidos tentaram calar há| 2.000 anos. || Um abraço fraterno.|| Miguel de Cervantes| (Bahia, 1997).

(30) (...) aproveito | esta oportunidade, em que para ahi se-|gue o amigo Xico guedelhado (insigne | patriota, que diz precisar mudar de áres | para vêr se recupera a saude que de | tempos a esta parte não a tem bôa), pa-|ra dar-te noticias minhas e de algumas | occurencias notaveis que por cá se tem | dado, e desde já te peço que não te es-|queças de enviar-me as **TUAS**, logo que | tenhas occasião; pois terás ainda pre-|sente a maneira affectuosa com que | sempre te tratei, por conhecer que és | um amigo sincero e leal (...) *O Aldeão dos Pinheiros*. (Santa Catarina, 1863).

(31) Ao Senhor | Otto Neitsch | Director technico || Creio que vou de encontro aos sentimentos de Vossa Senhoria quan-|do eu, pela presente portaria, recomendo e peço a Vossa Senhoria, enquanto | durar a lastimavel desintelligencia entre nos, que d'ora avante procu-| re desempenhar os afazeres pendentos, cada um por si, em salas dif-| ferentes, Vossa Senhoria na sua sala technica e eu em nossa antiga de despa-chos. || Assim sendo, solicito de Vossa Senhoria a fineza de evacuar essa sal[a] | retirando della tudo o que é **SEU**, deixando a mesa de trabalho v[a]|zia, porem com as chaves respectivas. || Attenciosamente || Carlos Renaux || Brusque, 18 de setembro de 1937. (Santa Catarina, 1937).

3.3.1.6 Artigo definido no sintagma possessivo

A presença do artigo no sintagma possessivo pode ser significativa para o uso de nossas variantes. Tal variável foi representada como presente, como em (32) e/ou ausente, como em (33).

a) Vejamos os exemplos:

(32) 1.^a Carta de um aldeão á seu | amigo João das Antas mo-|rador na ilha das – Araras – || Aldêa dos Pinheiros 1 de Janeiro de | 1863. (...) Talvez ainda nos vejamos unidos empu-|nhando as armas, para rapellir os pira-|tas de nossas plagas. E o que me res-|ponderás á isto?.. || Adeos, meu amigo; tenho sido assaz | prolixo, cumpre terminar por hoje. || Saude e venturas te deseja o || **TEU** grato amigo *O Aldeão dos Pinheiros*. (Santa Catarina, 1863).

(33) AO SENHOR JOSÉ LEÃO DU- | TRA — SEU JOAQUIM DA | COSTA DA SERRA || Mafra, 6 de outubro de | 1959. || Meu cáro Leão Dutra: A Justiça, a Imprensa e | o Rádio, serão armas sufi- | cientes para a defesa que | nós outros, **SEUS** amigos, pro- | moveremos Guarde **Você** a certeza de | que neste torrão catarinen- | se há gente da melhor casta (...) || Cordialmente || *Francisco Furtado Maia*. (Santa Catarina, 1959).

3.3.1.7 Tipo de sintagma

O tipo de sintagma no qual o possessivo está inserido também pode determinar o uso dos possessivos de segunda pessoa do singular. Categorizamos essa variável como nominal, como segue, em (34) e/ou preposicionado (35).

a) Eis os exemplos:

(34) A' MINHA DISTINCTA FREGUESIA E AO PUBLICO EM GERAL | O seguinte: te-| nho verificado em toda a parte por onde tenho andado, diversos| individuos pouco escrupulosos, falsificando escandalosamente os | **SEUS** productos, Bartholomeu Teixeira Lima (Bahia, 1929).

(35) Prezado Jornalista Antonio Neves. Peço-lhe encareci-|damente, meu distinto jornalista, que divul-|gue, para conhecimento de SEUS inúmeros lei-|tores, o conteúdo deste. Iraci Schmidlin. || Executora do Convênio MEC/FENAME || Fesc/Udesc (Santa Catarina, 1983).

3.3.1.8 Contração do determinante com a preposição

Do mesmo modo, nosso objetivo é verificar se a presença, como em (36) ou a ausência como em (37), da contração do determinante com a preposição nos sintagmas preposicionados favorece o uso do possessivo *teu* ou do possessivo *seu*.

(36) Bacharel em Direito formado pe- | la U. B.) || **Luiz O. B. Neiva** || Acirema, minha irmã: (...) Dá | o que tens de melhor do **TEU** sa- | ber às causas públicas, lembrando- | te de que também fazes parte de | uma coletividade e que da (...) decisão dependerá muitas vêzes o | bem estar social. (Santa Catarina, 1959)

(37) Messias Gonzaga. | Ignore esta| posição na mesa, deram-lhe apenas porque precisamos de **SEU**| voto. Esta é uma “tavola redonda” sem cabeceira. Um abraço fraterno. || Miguel de Cervantes| (Bahia, 1997).

3.3.2 As variáveis independentes extralinguísticas

Para uma análise mais detalhada sobre a variação dos pronomes possessivos de segunda pessoa do singular, faz-se necessário verificar, além da influência dos fatores internos – linguísticos – a influência dos fatores externos – extralinguísticos. Para efeito desta pesquisa, verificamos a relevância dos fatores localidade e período no uso das variantes. Cabe salientar que variáveis extralinguísticas comumente levadas em conta em pesquisas de cunho variacionista, como escolaridade e classe social, não foram contabilizadas, considerando que tais informações não são recuperáveis no universo do *corpus* trabalhado.

3.3.2.1 Localidade

Conforme já dito, o universo da nossa pesquisa considerou os estados do Rio Grande do Norte (RN), Bahia (BA), Rio de Janeiro (RJ) e Santa Catarina (SC). O número de cartas foi se estabeleceu segundo o constante no site do PHPB, dentre as quais, vale dizer, foram selecionadas as cartas que apresentaram as variantes *teu* e *seu/ tua e sua* a serem estudadas. Tanto é que do total geral de cartas manuseadas, levantamos um arquivo significativo de cartas que apresentam o possessivo *seu* na posição original, outras em que não se registraram ocorrência nenhuma de possessivo. Passemos ao detalhamento dos jornais dos diferentes estados considerados.

I - Rio Grande do Norte

Em relação a esse estado, o *corpus* é constituído de cartas de leitores de jornais publicadas na segunda metade do século XIX e na primeira e segunda metades do século XX. As temáticas dessas cartas versam sobre os mais diferentes assuntos, ainda que o foco repouse

sobre questões de ordem política, aí se destacando as brigas, desavenças, críticas, ressalvas e retratações.

Os principais jornais circulantes no estado do Rio Grande do Norte, nesse período, eram *A República*, *O Caixeiro*, *O Brado Conservador*, *A Ordem* e *a Tribuna do Norte*, todos eles consultados para a análise empreendida nesta pesquisa. Cumpre salientar que, dentre o *corpus* trabalhado, o Rio Grande do Norte é o único que não apresenta cartas referentes à primeira metade do século XIX.

Na segunda metade do século XIX - notadamente de 12 de outubro de 1877 a 24 de maio de 1893 – totalizam 07 cartas, e no século XX (de 1901 a 1957), totalizam 18 cartas, sendo 13 da primeira metade do século e 05 da segunda metade. Para efeito didático, seguindo a metodologia do projeto PHPB, essas cartas foram demarcadas pelas datas correspondentes à primeira metade do século XX, 12 de fevereiro de 1901 a 03 de fevereiro de 1950, e segunda metade do mesmo século, precisamente de 04 de fevereiro de 1957 a 02 de junho do mesmo ano.

II - Rio de Janeiro

O *corpus* referente ao Rio de Janeiro constitui-se de 34 cartas de leitores de jornais escritas no século XIX, tendo como eixo temático questões relacionadas a críticas, queixumes e bajulações na imprensa brasileira, caracterizando um espaço e tempo histórico e social configuradores de decisões políticas. Dessas, 18 pertencem à primeira metade do século - precisamente datada de 22 de junho de 1822 a 14 de março de 1850 - e 16 correspondem à segunda metade do século -, sendo datadas de 15 de janeiro de 1853 até 16 de julho de 1889. No século XX, o *corpus* contabilizou 07 cartas correspondentes à primeira metade e 63 cartas correspondentes à segunda metade, assim totalizando 104 cartas.

III - Bahia

O *corpus* referente a esse estado foi extraído do Arquivo Público da Bahia, e está disponível, assim como os demais, na página *online* do Projeto PHPB. Esses jornais igualmente se apresentam numa diversidade, a saber, *Gazeta da Bahia*, *Recopilador Cachoeirense*, *Gazeta da Sociedade de Agricultura, Comércio e Indústria da Província da Bahia*, *Diário da Bahia*, *Echo Sant' de Amarense*, *Jornal de Notícias*, *O Monitor*, *Echo Popular*, *Jornal Faísca* e *O Município*. No geral, no *corpus* contabiliza-se um total de 172

cartas, das quais 19 pertencem à primeira metade e 61 pertencem à segunda metade do século XIX. Em relação ao século XX, registra-se um total de 93 cartas, das quais 55 pertencem à primeira metade e 38 à segunda metade.

Ao longo dos dois séculos, a natureza das cartas varia entre indignação, defesa, solicitação, retratação, denúncia, pedido, determinação, protestos, doutrinações, súplica, indignação, queixas, gratidão e retratação.

IV - Santa Catarina

Os jornais que compõem esse *corpus* pertencem à Biblioteca Pública do Estado de Santa Catarina e foram coletados pelo Centro de Comunicação e Expressão da Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC, por meio do Projeto para a História do Português Brasileiro/PHPB – Equipe Santa Catarina.

O *corpus* igualmente se apresenta numa diversidade, a saber, *Novo Iris*, *O Argos*, *O Despertador*, *A Regeneração*, *O Conciliador*, *Jornal do Commercio*, *A República*, *Jornal Republica*, *Jornal Legalidade*, *Jornal O Estado*, *Diário da Tarde*, *Jornal O Albor*, *A Nação*, *Imprensa Nova*, *Jornal de Santa Catarina*, *O Rebate* e *Brusque*. No geral, no *corpus* contabiliza-se um total de 150 cartas, das quais 11 pertencem à primeira metade e 43 pertencem à segunda do século XIX. Em relação ao século XX, registra-se um total de 99 cartas, das quais 11 pertencem a primeira e 85 à segunda metade do século.

Dentre outras constatações, registramos, nessas cartas, rixas entre jornais – segundo a abordagem do tema ou assuntos veiculados no jornal – disputa entre eles, tom sarcástico, irônico, debochado. Igualmente, os leitores intercambiavam notícias sobre saúde (internações, altas de hospitais, recuperações, convalescenças, óbitos). Também fazia parte do repertório dos temas cartas de agradecimento e reconhecimento aos médicos da época, pela recuperação da saúde de parentes; cartas em que se expunham casos de agressão não apenas psicológica, mas física, entre autoridades representativas da sociedade (promotores, tabeliães); cartas-réplica, a exemplo de uma intitulada “Resposta pede resposta”, configurando arengas entre os que ostentavam o poder.

3.3.2.2 Período

Para efeito de esclarecimento, o período contemplado pelo estudo respeita ao século XIX – primeira e segunda metades, de 1800 a 1850 e de 1850 a 1900 respectivamente; e ao século XIX – primeira e segunda metades, de 1900 a 1950 e de 1950 a 2000, respectivamente.

Com essa variável, buscamos verificar se a época em que as cartas foram publicadas se constitui em contexto influenciador no uso das variantes *teu* e *seu*. Para sumarizar, a categorização dos períodos considerados na análise, segundo o arquivo de especificação, obedeceu à seguinte sequência: **1** - XIX.1: de 1801 a 1850; **2** - XIX.2: de 1850 a 1900; **3** - XX.1: de 1900 a 1950 e **4** - XX.2: de 1950 a 2000.

3.4 CONCLUSÕES DO CAPÍTULO E ENCAMINHAMENTOS

Partimos para a análise dos dados com a hipótese de que as temáticas das cartas devem influenciar as relações de tratamento, no que respeita às relações de poder e solidariedade. No nosso caso, ainda que não controlemos tais relações, consideramos que a fonte de dados do nosso estudo – cartas de leitores – configura um gênero textual em que explicitamente cenas enunciativas estabelecem relações entre aquele que escreve, o remetente, o leitor de um jornal, e seu destinatário, o redator – em dados séculos e localidades – respectivamente, séculos XIX e XX, no Rio Grande do Norte, Bahia, Rio de Janeiro e Santa Catarina. Esse fato deve estar associado ao uso dos possessivos *seu* e *teu* nas cartas, no sentido de favorecer o uso de formas pronominais mais polidas, cortesês; menos íntimas, mais formais e/ou menos formais - ou o pronome possessivo *seu* associado a um pronome *Você* ainda atrelado a traços de cortesia, tais quais as formas *Vossa Mercê* ou *Vossa Senhoria*.

O controle das variáveis aqui expostas nos possibilitou o confronto das ocorrências de uso das variantes *teu* e *seu* nas cartas de leitores de jornais, revelando sua consequente produtividade, de acordo com cada grupo de fatores considerado.

Com o *corpus* e as variáveis definidas, passa-se, no próximo capítulo, à análise dos dados.

CAPÍTULO 4 - DESCRIÇÃO E ANÁLISE DOS RESULTADOS

INTRODUÇÃO

Partindo do princípio de que um estudo sociolinguístico configura-se como uma descrição de dado fenômeno linguístico variável, tendo como amparo uma perspectiva teórico-metodológica, apresentam-se, neste capítulo, a descrição e a análise do fenômeno variável eleito como objeto de pesquisa desta dissertação – os pronomes possessivos de segunda pessoa do singular *teu e seu* em cartas de leitores de jornais brasileiros dos séculos XIX e XX.

Considerando a diversidade de universos investigados – os estados do Rio Grande do Norte, Bahia, Rio de Janeiro e Santa Catarina – descreve-se e analisa-se, aqui o processo de variação no uso de tais pronomes, à luz dos fatores linguísticos e extralinguísticos influenciadores desse processo, a fim de verificar o uso das variantes por cada comunidade linguística do *corpus* eleito para o estudo. Noutros termos, o objetivo é mostrar a(s) influência(s) exercida(s) por cada fator interno e externo ao sistema linguístico, em relação a uma e/ou outra variante. Eis que assim se coloca nossa regra variável, sob a hipótese geral de que o uso da variante *seu* no curso dos séculos XIX e XX reflete o movimento de implementação da forma pronominal *Você* no paradigma pronominal de segunda pessoa do singular do Português Brasileiro, cuja concorrência com *tu* influenciou a covariação com o possessivo *teu*.

Nosso envelope de variação, portanto, conforme descrito no terceiro capítulo, é composto da regra variável constituída das variantes *teu e seu* – nossa variável dependente e onze variáveis independentes – nove linguísticas e duas extralinguísticas.

Passemos a apresentação e descrição dos resultados.

4.1 VARIÁVEIS INDEPENDENTES LINGUÍSTICAS

Encontramos nas 451 cartas de leitores analisadas um total de 214 ocorrências dos possessivos de segunda pessoa do singular em análise, dos quais 18 (84%) correspondem ao pronome *seu* e 34 (15%) correspondem ao pronome possessivo *teu*⁴. É importante registrar

⁴ Sintagmas com traço [- animado], dos quais 155 (85%) estão associados ao *seu* e 27 (14%) ao *teu*; e 32 com traços [+animado; + humano], 27 (84%) de *seu* e 5 (15%) de *teu*. Quanto à variável *presença do artigo*, dos 135 casos encontrados, 115 (85%) se fizeram presente no sintagma com *seu* e 20 (14%) com *teu*. Dentre 85 casos de ausência, 72 (84%) foram com *seu* e 13 (15%) com *teu*.

que o baixo número de possessivos encontrado está, muito provavelmente, correlacionado à natureza do *corpus*. As cartas de leitores, *locus* em que se materializam relatos, queixas, pedidos, declarações, comunicações etc. diversos, não configuram um ambiente em que o diálogo - ambiente em que as formas de segunda pessoa são favorecidas - esteja presente.

Passemos aos resultados referentes às variáveis linguísticas.

4.2 A VARIAÇÃO NO UNIVERSO DAS VARIÁVEIS LINGUÍSTICAS

Sobre as variáveis linguísticas *traço de número do possessivo* (em relação ao traço de número do nome), *traço de gênero do possessivo* (em relação ao traço do nome), *a presença do artigo*, e *animacidade do sintagma possessivo*, a distribuição das frequências de uso de *seu* e *teu* se mostraram bastante equilibradas, motivo pelo qual não detalharemos aqui os resultados em tabelas⁵.

Em relação à variável *pronome na posição de sujeito na totalidade da carta*, os resultados estão listados na Tabela 1 a seguir:

Tabela 1 - Percentual de *seu* e *teu* em relação à variável Pronome na posição de sujeito na totalidade da carta

Pronome sujeito	Seu
Tu	0/30 – 0%
Vós	1/2 – 50%
Você	49/49 – 100%
Senhor(a)	12/12 – 100%
Vossa Mercê/Vossa Excelência/Vossa Senhoria	70/70 – 100%
Formas nulas	8/8 – 100%
Mescla: Tu/Você/Senhor(a)/Vossa Mercê	2/4 – 50%
TOTAL	158/186 – 84%

Conforme mostram os resultados acima, dentre os trinta casos em que a forma *tu* foi pronome sujeito na totalidade da carta, não se verificou ocorrência do pronome possessivo

⁵ Na verdade, no universo de 451 cartas de leitores que compõem o *corpus mínimo comum* impresso dos estados de Santa Catarina, Rio de Janeiro, Bahia e Rio Grande do Norte em apenas 94 cartas foram encontradas ocorrências dos possessivos de segunda pessoa do singular *teu* e *seu*.

Em relação à variável *traço de número do possessivo*, dos 180 casos com os possessivos com traço de número plural, 155 (86%) são ocorrências do pronome *seu* e 27 ocorrências de 25 (13%) do pronome *teu*; dos 34 casos com traço de número plural, 27 (79%) são de *seu* e 7 (20%) de *teu*. Em relação ao *traço de gênero do possessivo*, foram encontrados 131 casos com traço masculino, dos quais 111 (84%) estão associados ao pronome *seu* e 20 (15%) ao pronome *teu*; e 83 com traço feminino, 71 (85%) associados ao *seu* e 12 (14%) ao *teu*. Em relação à variável *animacidade do sintagma possessivo*, encontramos 182.

seu. Isso significa que a totalidade dos casos em que o pronome *teu* foi utilizado, estava associado ao pronome *tu* na função de sujeito, conforme exemplo em (38).

(38) Bacharel em Direito formado pe- | la U. B.) || **Luiz O. B. Neiva** ||
Acirema, minha irmã: (...) Dá | o que tens de melhor do **TEU** sa- | ber às
causas públicas, lembrando- | te de que também fazes parte de | uma
coletividade e que da (...) decisão dependerá muitas vêzes o | bem estar
social. (Santa Catarina, 1959).

Já em relação às cartas em que o uso de *você* é categórico na posição de sujeito, encontramos quarenta e nove ocorrências, todas associadas ao pronome *seu*, conforme mostra o exemplo (39) que segue.

(39) AO SENHOR JOSÉ LEÃO DU- | TRA — SEU JOAQUIM DA |
COSTA DA SERRA || Mafra, 6 de outubro de | 1959. Meu cáro Leão Dutra:
nós outros, (...) amigos, pro- | moveremos em **SEU** favor || E fiquemos por
aqui, meu | cáro, no aguardo do que es- | tá por vir. || Guarde Você a certeza
de | que neste torrão catarinen- | se há gente da melhor casta, | sempre pronta
a separar o | joio do trigo, sempre capaz | e fazer justiça, || Cordialmente ||
Francisco Furtado Maia. (Santa Catarina, 1959).

É importante registrar que o uso categórico de *seu* em cartas de uso exclusivo de *você* pode estar correlacionado ao uso de um *você* com traços [+ polidez] e [+cortesia], em consonância com a forma *Vossa Mercê*. Em se tratando das formas de tratamento, a noção de cortesia se fará sempre presente. No que respeita às estratégias utilizadas para essas formas, estudos mostram que não basta atrelá-las às relações de poder entre locutor/interlocutor, ou ainda considerá-las em nível de distância ou proximidade comunicativa; na verdade, essas estratégias também são influenciadas pelas tradições discursivas, no que respeita às diferentes tradições textuais, cujos usos chegam a ser determinados por imposição das peculiaridades inerentes a cada cultura.

Conforme a diversidade de objetivos e intenções a serem atingidos, o gênero Carta de leitor seleciona seu tema-objeto variando entre um agradecimento, uma recomendação, uma reclamação, realização de críticas, formulação de opiniões, e sugestão de reflexões, o que demanda uma forma de interação mais respeitosa de tratamento. Nesse sentido, acreditamos que o inovador *você* nas cartas objeto de análise desta dissertação está ainda associado a uma tradição – manifesta nas cartas de leitores de jornais brasileiros dos séculos XIX e XX – em que um tratamento mais cerimonioso, mais cortês é requerido.

Em relação à forma pronominal *vós*, encontramos apenas um caso de ocorrência do possessivo *suas*, em um contexto com o pronome nulo no qual a forma *vós* está marcada na morfologia do verbo, conforme o que segue.

(40) Illmo. Sr. Redactor: (...).||- Illmo. Sr. Redactor:|-Não sei se **lestes** o que so-|bre o alistamento eleitoral|deste município, ultimamen-|te escreveu para o “Diario|de Natal” o dr. Phelippe| Guerra, não há muito ainda|um dos mais ardorosos cabos de guerra de nosso partido|Si **o fizestes**, certo surprehen|deu**vos** profundamente o mo-|do pelo qual aquelle dr. affirma| estar se procedendo aos| trabalhos eleitoraes neste| município, modo esse que| demasiado o **sabeis**, destô| completamente das praticas| liberaes que temos seguido| sempre (...). Menos prevenção, Sr. Dr. sabe melhor que ninguém|que jamais me pareceram|honestos os meios violentos e| as ostentações de poderio,| preferindo sempre em todas|as ocasiões recommendar-|me pela calma e reflexão de|que se revestem todos os|meus actos. Jamais procurei|alardear valimento político. S. s. deu-me um conselho, de-|vo retribuir lhe ; Fique man-|so. não ponha as **SUAS** dis-|cutiveis luzes a serviço do|causas, como esta, e[.]mple-|tamente inglórias! || Ferreira Pinto (Rio Grande do Norte, 1906).

Do mesmo modo, quando na totalidade da carta apenas o pronome *o senhor/a senhora* é utilizado, encontramos 12 ocorrências com possessivos de segunda pessoa e todas com o pronome *seu*, conforme exemplo (41) a seguir.

(41) **Escreve o leitor**| Feira de Santana, 07 de abril de 1997|| Caro Sr. Editor do Jornal Folha do Norte e nobre advogado Dr. Hugo| Navarro || Saudações!|| Parabéns! Pelo **SEU** Editorial- “A Procissão de Fogaréus”-| É bom notar o que o **Sr.** Disse que:|| - “As transformações sofridas por Feira de Santana têm sido| profundas, radicais. Tudo aqui muito rapidamente. Habitos, costumes,| trajetos, crenças, aspectos e concertos. Mas, nem sempre, para melhor”.|| No mais, tenho uma pergunta para fazer ao (...): De quem foi a idéia de mudar o itinerário da Procissão de| Fogaréus?|| Espero sinceramente que a mudança acorrida no itinerário da| referida procissão não prejudique a mesma nos próximos anos.|| É uma tristeza constatarmos que “ tudo aqui muda rapidamen-|te...” (Jornal “Folha do Norte”, pag. 2 em 05/04/97).|| José Alves| Profº. Nivel 1| (Bahia, 1997).

Em referência a cartas com os pronomes sujeitos *Vossa Mercê/Vossa Excelência/Vossa Senhoria* na totalidade das cartas, foram encontrados 70 casos de possessivos de segunda pessoa, contabilizando um percentual de 100% associados ao possessivo *seu* conforme mostram os exemplos em (42), em (43) e em (44).

Tal resultado confirma um grau de formalidade na relação de interação entre leitor e redator nas cartas analisadas, sendo esse *seu* de segunda pessoa vinculado a uma forma tratamental que carrega traços de mais cortesia, haja vista associar-se igualmente a um *Vossa*

Mercê. Cabe dizer, ainda, que, dos pronomes sujeitos observados nas cartas, as formas *Vossa Mercê/Vossa Excelência* e *Vossa Senhoria* são de longe as mais recorrentes.

(42) Minha disctinta Rosa Beatriz: **V. exa.** noSEU primeiro artigo, ao | que parece preocupa-se mais ou| de todo, com um dos agentes pó-|derosos do desenvolvimento do| corpo humano- a hygiene. Thales. (Rio Grande do Norte, 1910).

(43) Senhor Editor. || Li o (...) Novo Iiris (sic) — número 5, q[u]e bem | elaborado o achei as cousas da n[os]sa | terra, e muito especialmente quando, com | toda a dignidade rebate as perfidas insi- | nuações do Conciliador (que antes se de- | verá chamar Dezorganizador), lançadas | sobr[e] [a] nossa Assembléa Provincial (...) E cá do retiro on- | de vivo, peço-lhe que se não esqueça de | continuar a sientificar a justiceira Admi- | nistração do Excelentíssimo Senhor Doutor Coutinho, | dos males que soffre a nossa bella Provin- | cia, causados pelo Conciliador e mais sucia; | males que tenho a convicção de principia- | rem a ser reparados, quando me dizem ter | elle muito a peito governar com a gran[de] | maioria da Provincia, e estar em harmonia | com a Assembléa Provincial; e até mes- | mo por que **Vossa Mercê** prometteo ao publico, | de em outra ocasião tornar a dizer algu- | mas palavras sobre o assumpto: com o que | muito obrigará **SEO** assignante. || O Solitario. (Santa Catarina, 1850).

(44) Ao Senhor | Otto Neitsch | Director technico || Creio que vou de encontro aos sentimentos de *Vossa Senhoria* quan-|do eu, pela presente portaria, recomendo e peço a *Vossa Senhoria*, emquanto | durar a lastimavel desintelligencia entre nos, que d'ora avante procu-| re desempenhar os afazeres pendentes, cada um por si, em salas dif-| ferentes, **Vossa Senhoria** na **SUA** sala technica e eu em nossa antiga de despa-chos. || Attenciosamente || Carlos Renaux || (Santa Catarina, 1937).

Quanto às formas nulas que podem estar associadas aos pronomes *Você*, o *Senhor/a Senhora*, *Vossa Mercê* e outros, os resultados evidenciaram uma frequência de 8 casos, na sua totalidade associados ao pronome *seu*, contabilizando um percentual de 100%. Segue abaixo exemplo da associação entre uma forma nula e o possessivo *seu*.

(45) || *Senhor Redactor* || *Senhor Redactor* || **Queira** por bondade (...) e a favor | da Humanidade opprimida trancrever | no **SEU** Jornal, o seguinte = Abuza-se da Liberdade da Im- | prensa em 4.º grau infamando, ou in- | juriando o Congresso Nacional, ou o | Chefe do Poder Executivo. (Rio de Janeiro, 1822).

Do mesmo modo, baixa foi a frequência de casos em que houve a mistura de formas pronominais na função de sujeito na totalidade da carta. Encontramos apenas 4 ocorrências, em que 2 estão associadas ao pronome *seu*, contabilizando um percentual de 50%, conforme mostram os exemplos em (46) e (47).

(46) Senhor Redactor || Rogo-lhe o obsequio de fazer transmittir por via do **SEU** interessante jornal a presente carta, aos Escrevinha- | dores dos papeis incendiarios desta Cor- | te, no que muito me obrigará. || (...) Desgraçado Brasil! **Voe** misero! | Que seria de **ti**, se os desacisados | Campioens da mal entendida liberdade | te dominassem, e regessem?... **Tu** | serias por certo hum verdadeiroThea- | tro de horroriveis Tragedias; imitando | essas destroçadas Republicas, que ten- | do sacodido o jugo da (...) antiga Me- | tropole, se tem arrojado á mais des- | truidora Anarchia!.... || E vós, oh! maliciosissimos Hypo- | critas, que bem conheceis esta verda- | de!.. Famintos Lobos, coberto com | peles de Ovelhas!.. Se não receaes a | Luz, deixai as Trevas!.. Fallai cla- | ro, e desmascarai-vos!.. (Bahia, 1830).

(47) A grande Idéa. || Ao convicto abolicionista João Lopes F. Filho || (...) | É esa força máscula, temivel e genserica, || Com que tomais aos hombros uma empreza espherica, || Colmo o nordéste a folha, aa aza gran, tufonica. || E já que indomito segues, n'uma conquista herculea, || E elevas o **TEU** nome á amplidão cerúlea (...) || Virgilio Varzea. || (Santa Catarina, 1883).

Em relação à variável estrutural independente configurada como *posição do possessivo em relação ao nome*, a tabela 2, a seguir, sistematiza os resultados.

Tabela 2 - Percentual de *seu* em relação à variável *Posição do possessivo em relação ao nome*

	Seu	Teu
Pré-nominal	178/209 – 85%	31/209 – 14%
Pós-nominal	4/5 – 80%	1/5 – 20%
Elipse	3/4 – 75%	1/4 – 25%
Predicativo	2/2 – 100%	–

Como podemos observar, a posição dos possessivos *seu* e *teu* em relação ao nome é de longe a pré-nominal: foram contabilizadas 209 ocorrências do possessivo de segunda pessoa do singular em posição pré-nominal, dos quais, 178 casos são do possessivo *seu*, contabilizando um percentual de 85%, e 31 casos do possessivo *teu*, totalizando um percentual de 14%. Seguem exemplos com *seu* (48) e *teu* (49), abaixo.

(48) Senhor Editor. || Li o **SEO** — **Novo Iris** (sic) — número 5, q[u]e bem | elaborado o achei as cousas da n[os]sa | terra, e muito especialmente quando, com | toda a dignidade rebate as perfidas insi- | nuações do Conciliador (que antes se de- | verá chamar Dezorganizador), lançadas | sobr[e] [a] nossa Assembléa Provincial Renegado dé cava[c]o; e entao | a Vossa Mercê toca pôr-lhe os miolos ao Sol, em | raz[ã]o de haver materia va- | la para isso, | tirada de oito meses de estragos, que nos | ficarao do deploravel tempor[a]l do anno passado. | (...)|| Se **Vossa Mercê**, Senhor Editor, se quizer dar ao | trabalho de ler o tal número 37, ahi vê á co- | mo são g[e]ralmente tratados os Vereadores | das Camaras. (...) || O Solitario. (Santa Catarina, 1850).

(49) 1.^a Carta de um aldeão á seu | amigo João das Antas mo-|rador na ilha das – Araras – || Aldêa dos Pinheiros 1 de Janeiro de | 1863. (...) aproveito | esta oportunidade, em que para ahi se-|gue o amigo Xico guedelhado (insigne | patriota, que diz precisar mudar de áres | para vêr se recupera a saude que de | tempos a esta parte não a tem bôa), pa-|ra dar-**te** noticias minhas e de algumas | occurrencias notaveis que por cá se tem | dado, e desde já te peço que **não te** es-|queças de enviar-me **as TUAS**, logo que | tenhas occasião; pois terás ainda pre-|sente a maneira affectuosa com que | sempre te tratei, por conhecer que és | um amigo sincero e leal (...) *O Aldeão dos Pinheiros*. (Santa Catarina, 1863).

É interessante notar que dos poucos casos – 5 ocorrências – em que o possessivo está na posição pós-nominal dentro do sintagma, há 4 casos em que o pronome é *seu*, totalizando um percentual de 80%, e 1 ocorrências associadas ao *teu*, contabilizando um percentual de 20%, conforme exemplos em (50) e (51), a seguir:

(50) BAHIA, 2 DE AGOSTO DE 1929 - Ilustre amigo e paren-| te PAULO DA COSTA LIMA (...) Termino a presente, pedindo me recommendar aos **SEUS**, e en- |viando as minhas despedidas e lembranças.|| (...)Você, apesar deste (...) temperamento de ci-| dadão honesto, (...) **Bartholomeu Teixeira Lima**” (...) (Bahia, 1929).

(51) AO SENHOR JOSÉ LEÃO DU- | TRA — **SEU** JOAQUIM DA | COSTA DA SERRA || Mafra, 6 de outubro de | 1959. Meu cáro Leão Dutra: (...) como são | exatamente aquêles atribu- | tos inerêntes à brava gente | mineira, linhagem a que *Você* | pertence e a qual vem de | honrar sobremaneira com | êsse proceder de agora, que | muito o enaltece. || Com a renovação do meu | abraço, extensivo à Edinha, | fico esperando notícias **SUAS**. || Cordialmente || *Francisco Furtado Maia*. (Santa Catarina, 1959).

Quanto à ocorrência relacionada à elipse dentro do sintagma, foram verificadas 4 ocorrências, sendo 3 relacionadas ao *seu* e 1 ao *teu*. Conforme mostram os exemplos:

(52) **Prezado Jornalista Antonio Neves**. É bem possível que esta população | necessitada, que desejamos servir, não esteja | ainda suficientemente familiarizada com a | existência da recém-nascida Fename em Join-|ville, e esta é a nossa tarefa, a **SUA** e a minha no sentido de divulgar este trabalho destinado | a estimular o pequeno a crescer, através de | **SUA** formação educacional. Iraci Schmidlin. || Executora do Convênio MEC/FENAME || Fesc/Udesc | (Santa Catarina, 1983).

(53) **Ilustríssimo Senhor** || **Otto Neitsch**|**Director tecnico da IRESA** || **NESTA** *Insisto terminantemente*, que *Vossa Senhoria* permuta os | objectos do (...) uso do meu Gabinete ao **SEU**. || Attenciosamente | **C. Renaux** (Santa Catarina, 1937).

(54) (...) aproveito | esta oportunidade, em que para ahi se-|gue o amigo Xico guedelhado (insigne | patriota, que diz precisar mudar de áres | para vêr

se recupera a saude que de | tempos a esta parte não a tem bôa), pa-|ra dar-te noticias minhas e de algumas | occurrencias notaveis que por cá se tem | dado, e desde já te peço que não te es-|queças de enviar-me as **TUAS** (Santa Catarina, 1863).

Quanto à elipse dentro do sintagma com predicativo, foram verificadas 2 ocorrências (100%) todas associadas a *seu*, conforme o exemplo que segue.

(55) **Ao Senhor | Otto Neitsch|Director technicoda IRESA || NESTA |** (...) Assim sendo, solicito de *Vossa Senhoria* a fineza de evacuar essa sal[a] | retirando della tudo o que é **SEU**, deixando a mesa de trabalho v[a]|zia, porem com as chaves respectivas. || Attenciosamente || **Carlos Renaux |**. (Santa Catarina, 1937).

(56) Ilustríssimo Senhor || Otto Neitsch|Director tecnico da IRESA || NESTA Insisto ainda que a mesa de trabalho, onde até | então despachou fique livre e desimpedida de tudo que é **SEU**, - com | tanto que as respectivas chaves estejam nos seus logares. || Continuando *Vossa Senhoria* na obstrucção, inobediencia e correspon-|dencias clandestinas nos assumptos da Iresa *Vossa Senhoria* tem de contar com | consequencias menos agradaveis. || Attenciosamente | C. Renaux (Santa Catarina, 1937).

Em relação à **variável tipo de sintagma**, os resultados estão sistematizados na tabela 3, a seguir:

Tabela 3 - Percentual de *seu* e *teu* em relação à variável *tipo de sintagma*

	Seu	Teu
Sintagma Nominal	75/94 – 79%	19/94 – 20%
Sintagma Preposicionado	112/126 – 88%	14/126 – 11%

Foram contabilizados 94 casos de possessivos em Sintagmas nominais, dos quais 75 (79%) estão associados ao pronome *seu* e 19 (20%) ao pronome *teu*, conforme, respectivamente, exemplos (57) e (58).

(57) Sr. Redactor do “Brado Conserva-|dor”. (...) || B[.]ido dos conhecimentos e estilo| necessarios para escrever para o pu-| blico, tive todavia o audacioso arro-| jo de offerecer-me no sentido de for-| necer-lhe para serem estampadas nas | columnas do **SEU** bem conceituado | jornal as emergências dignas de men-|ção. Até breve || Vicente Maria da Costa Avelino (Rio Grande do Norte, 1877).

(58) Carta de um aldeão á seu | amigo João das Antas mo-|rador na ilha das – Araras – || Aldêa dos Pinheiros 1 de Janeiro de | 1863. (...) Agora, amigo, occuparei a **TUA** atten-|ção com o grande acontecimento que | teve lugar na còrte do Brazil, nos ulti-|mos dias do mez de Dezembro do anno | p. passado (...) O Aldeão dos Pinheiros (Santa Catarina, 1863).

Os dados encontrados na pesquisa mostram uma relação de maior equilíbrio nos sintagmas nominais, diferentemente do que ocorre com os sintagmas preposicionados, sugerindo mais recorrência com o possessivo *teu*. Em relação ao sintagma preposicionado, encontramos 126 ocorrências. Dessas, 112 estão associadas ao pronome *seu* (88%) e 14 ocorrências ao pronome *teu* contabilizando um percentual de (11%), conforme exemplos (59) e (60).

(59) Illmo. Snr. Redactor d'A Republica|| Para que o meu procedi|mento não possa ser inter|pretado á má parte, rogo a|V. S. que, pelas columnas do|SEU conceituado jornal, faça|publico a minha leal e de|senteressada adhesão no par|tido que obedece no Estado|á orientação e chefia do|exmo. Senador Pedro Velho. ||Movido por um sentimen|to de amor a esta bôn ter|ra, minha pátria adoptiva| e em cujo seio generoso fui| acolhido como se nella hou|vesse nascido, não posso re|cuzar a minha colaboração| política ao homem, já meu |amigo pessoal, que com tan|to lustre, esforço e abnega|ção, tem sabido zelar e de|fender os legítimos interesses| do Estado. ||Brejinho, 28 de fevereiro |de 1906. ||Antonio Fernandes Borges (Rio Grande do Norte, 1906).

(60) Carta de um aldeão á seu | amigo João das Antas mo-|rador na ilha das – Araras – || Aldêa dos Pinheiros 1 de Janeiro de | 1863. (...) Prevejo a impressão que ha de causar | em TEU espirito esta brevissima e suscin-|ta narração; pois estou convencido dos (...) sentimentos de bom brasileiro que | és, não obstante o teu exilio voluntario. O Aldeão dos Pinheiros (Santa Catarina, 1863).

São poucos os dados, o que não nos permite uma análise mais detalhada. No entanto, observa-se há uma leve tendência de o possessivo *seu* aparecer de forma mais equilibrada entre sintagmas nominais e preposicionados, diferentemente do possessivo *teu*.

Tabela 4 - Percentual de *seu* e *teu* em relação à variável *Contração do determinante com a preposição nos SP*

	Seu	Teu
Presença da contração	73/82 – 89%	9/82 – 10%
Ausência da contração	19/19 – 100%	0/19 – 0%

No que respeita a essa variável, dos 82 casos encontrados nas cartas, em relação à presença da contração, 73 (89%) foram acusadas com o *seu* no sintagma, e 9 (10%) com o possessivo *teu*. Em relação à ausência da contração, dos 19 casos encontrados, o *seu* contabilizou 100% das ocorrências. Conforme os resultados, a ausência da contração parece ser relevante no uso do *seu*.

4.2 A VARIACÃO NO UNIVERSO DAS VARIÁVEIS EXTRALINGUÍSTICAS

Passemos à descrição e à análise da distribuição das formas variantes nos diferentes períodos de publicação das cartas. Observemos os resultados sistematizados na tabela 5.

Tabela 5 - Percentual de *seu* e *teu* em relação à variável Período de publicação das cartas

Período	Seu
XIX.1	53/53 – 100%
XIX.2	39/48 – 81%
XX.1	42/56 – 75%
XX.2	50/59 – 84%

Considerando a primeira e segunda metades dos séculos XIX e XX, há um número bruto aparentemente equilibrado dos pronomes possessivos nos diferentes períodos – uma média de 50 dados por metade de século. Em relação à distribuição dos pronomes *teu* e *seu*, há que se observar que: (i) na primeira metade do século XIX não há ocorrências do pronome *teu*; (ii) o pronome *teu* aparece nas cartas da segunda metade do século XIX, e (iii) há um aumento na proporção de *teu* nas cartas da primeira metade do século XX – de 18% na segunda metade do século XIX para 25%.

A análise desses resultados traz em si a consideração do processo de variação em função da inserção de *você* no sistema pronominal do português brasileiro, refletindo a reorganização no sistema. Desse modo, cumpre lembrar que a forma *você* se inseriu nesse paradigma a partir do século XIX “com uma sensível intensificação do seu emprego como pronome e consolidou-se, ao longo do século XX, na principal estratégia de referência à segunda pessoa do discurso” (LOPES; MACHADO, 2005, p. 24). Observe-se que, quando considerados os dados na totalidade das cartas das quatro localidades, é na primeira metade do XX que atestamos um aumento no uso do possessivo *teu*.

Na esteira desse processo de mudança, a variável aqui analisada igualmente reflete características que dizem de resquícios das formas linguísticas *vossa mercê* e *você* no campo da cortesia. Nesse sentido, apresenta-se nas cartas um *seu* referente à *vossa mercê* carregando traços de mais cortesia e menos intimidade; um *seu* vinculado a um *você* ainda carregando traços de mais cortesia e menos intimidade e variando com *vós*; e um *seu* referente a *você*, dessa feita carregando traços de menos cortesia e mais intimidade, variando com o *teu*, portanto apresentando o mesmo valor referencial: segunda pessoa do singular do discurso, logo ocupando o mesmo contexto funcional.

Nesse contexto, conforme mostram os dados expostos na tabela 5 acima, a partir da segunda metade do século XIX já se verificam acentuadamente as diferenças de variação entre esses pronomes, quando na segunda metade do século XIX e no século XX o pronome *seu* apresenta um quantitativo extremamente prevalecente em relação ao variante *teu*, mostrando assim que, nas cartas analisadas, confirma-se a hipótese de que o tratamento adotado pelo leitor em relação ao redator configura um contexto de mais formalidade, de mais cortesia.

Observemos o cruzamento entre o período e a variável linguística pronome na posição de sujeito na totalidade da carta. Considerando a variante *seu*, esse resultado está sistematizado na tabela 6, no que segue.

Tabela 6 - Percentual do pronome *seu* vs *teu* considerando o cruzamento entre as variáveis Pronome na posição de sujeito na totalidade da carta e Período

	XIX. 1	XIX.2	XX. 1	XX. 2
Tu	-	0/8 - 0%	0/13 - 0%	0/9 - 0%
Vós	-	-	1/2 - 50%	-
Você	4/4 - 100%	-	18/18 - 100%	27/27 - 100%
Senhor(a)	-	8/8 - 100%	-	4/4 - 100%
Vossa Mercê Vossa Ex. Vossa Senhoria	33/33 - 100%	13/13 - 100%	12/12 - 100%	12/12 - 100%
Formas nulas	5/5 - 100%	2/2 - 100%	1/1 - 100%	-
Mescla	1/1 - 100%	0/1 - 0%	1/2 - 50%	-

Conforme os resultados encontrados em relação à frequência do pronome *seu* em oposição ao pronome *teu* nas cartas, considerando o cruzamento entre as variáveis *Pronome na posição de sujeito na totalidade da carta e Período*, observamos que

(1) Há um aparente equilíbrio no uso do pronome *tu* ao longo dos séculos, e quando esse pronome se faz presente na totalidade da carta, o único possessivo a ele correspondente, de segunda pessoa, é o *teu*;

(2) Quanto ao pronome *vós*, de dois casos de *seu*, um está a ele, relacionado, recuperado pela morfologia do verbo.

(3) Quanto à forma *você*, o cruzamento apontou um aumento significativo no uso desse pronome ao longo dos séculos: de (4) pronomes encontrados no século XIX 1, para (18) no século XX 1 e (27), no século XX 2. Tais dados corroboram o que outros estudos têm mostrado sobre a inserção de *você* no sistema pronominal do PB (cf. LOPES, 2009; LOPES;

DUARTE, 2003; MENON, 1995; [1996]; MARTINS; MOURA, 2013; SOUZA; COELHO, 2013; ARDUIN, 2005), ao mostrarem que de fato a forma *você* se inaugura no século XIX concorrendo com o *tu*, mas que adentra o século XX, substituindo-o.

É nesse século, pois, que *você* se consolida, sendo seu uso quase exclusivo por volta dos anos de 1920 e 1930, de acordo com Duarte (1993). Compatibilizando os resultados expostos, com a frequência de uso do possessivo *seu*, infere-se que o aumento do número de *você* na amostra não se aplica ao aumento do possessivo *seu*, tendo em vista que na segunda metade do século XIX a presença desse pronome já totalizava um percentual de 100% na amostra, assim permanecendo nos dados da segunda metade do século.

Tratando da variação dos possessivos de segunda pessoa *teu/seu*, Arduin (2005) já atribui à variação, no uso de uma ou de outra forma, as mudanças ocasionadas no sistema social, o que é acompanhado pelas pessoas mais velhas por serem mais formais. As situações comunicativas decidiriam esse uso (formal/informal, respeitoso/íntimo), segundo as relações de poder e de solidariedade, o que atesta que os falantes mais velhos tendem a optar pela forma de poder e formalidade *seu*.

No que tange aos resultados em relação à forma *senhor(a)* decorrente da frequência do pronome *seu* em oposição ao pronome *teu* nas cartas, considerando o cruzamento entre as variáveis *Pronome na posição de sujeito na totalidade da carta* e *Período*, todas as ocorrências se apresentam no padrão de 100%, assim distribuídas: século XIX.2 8/8 (100%) e XX.2 4/4 (100%). Como se percebe, houve diminuição na ocorrência desses pronomes, do século XIX.2 para o XX.2; entretanto, os resultados mostram uma forma de relação de 100% com um *seu* carregado de respeito e reverência, cortesia, aparentando uma relação pautada numa educação mais conservadora, mais formal, menos íntima.

(4) Quanto ao cruzamento entre os pronomes sujeitos *Vossa Excelência*, *Vossa Mercê*, *Vossa Senhoria* e o período, os resultados mostraram 100% de ocorrência nos períodos XIX.1, XIX.2, XX.1 e XX.2, respectivamente com os quantitativos em números de 33, 13, 12 e 12. Observe-se que a queda no número bruto de pronomes *Vossa Mercê* e outros na cartas da primeira metade do século XIX (33) para as cartas da segunda metade do séc. XX (12) mostra a inserção do *você*, em detrimento do *vossa mercê* e demais formas de tratamento a ela correlata; não obstante, o *seu* permanece sempre muito recorrente na amostra – sempre com 100%, parecendo mostrar que o *você* entra no contexto sociopragmático do *vossa mercê*, *vossa excelência*, *vossa senhoria*, o que não intervém e/ou influencia o dimensionamento para mais ou para menos em relação à presença/ao uso/ à ocorrência do possessivo *seu*.

Corroborando a perspectiva dessa forma tratamental, Souza e Coelho (2013) dizem que a forma *você* estaria associado a contextos mais formais, a interações com interlocutores desconhecidos ou não íntimos e a relações ditas *assimétricas ascendentes*, embora seja também encontrado frequentemente em relações *simétricas*. Por sua vez, Lopes e Duarte (2003), estudando peças teatrais brasileiras e portuguesas nos séculos XVIII e XIX, registram a forma pronominalizada *você* em uso tanto entre iguais populares – e, em proporção reduzida coexistindo com *tu* – quanto sendo empregado nas relações de superior para inferior. Já o uso da forma *vossa mercê* foi encontrada nas relações assimétricas de inferior para superior, emprego esse extensivo às formas nominais de tratamento *vossa excelência*, *vossa mercê*, *vossa senhoria*.

Marcotulio (2010), analisando cartas escritas pelo Marquês de Lavradio, em âmbito da esfera pública, constatou tratamentos mais cerimoniosos, dentre os quais o uso de *vossa mercê* à qual *você* está atrelada. Essa forma pronominal, ao lado de *vossa excelência* e *vossa senhoria*, *vós* e *tu* eram usadas a depender da distância social, do grau de intimidade, e da relação estabelecida entre os interlocutores. Em cartas oficiais e não oficiais escritas no Brasil do século XVIII e XIX, Rumeu (2004), pesquisando as formas tratamentais, observou que *você* assumiu um estágio intermediário de mudança categorial, traduzindo uma forma pronominal de tratamento ora com traços sintáticos próximos de *vossa mercê* quanto de *você* em sua forma mais plena. Esse pronome, ainda que inserido no PB, tem um caráter híbrido, para a autora, por ser utilizado ora como forma respeitosa, ora como tratamento íntimo, na correlação com *tu*. Sobre o uso de *você*, em referência a um estranho, Menon (1995) diz que mesmo sem denotar tanta formalidade, evitaria intimidade. Nesse sentido, a forma *seu* deve ficar em um estágio intermediário entre a formalidade de do(a) *senhor(a)* e a informalidade de *teu* (ARDUIN; COELHO, p. 188).

(5) Em relação ao sujeito nulo, verifica-se uma queda na amostra de 5 dados (100%) no século XIX 1 para 0 (zero) em XX 2. Esse resultado se confirma com os estudos que tentam identificar as diferenças sintáticas entre o PE e o PB, tomando por base a preferência, no PB, ao preenchimento do sujeito (DUARTE [1993], 1995). Na verdade, de acordo com os dados do estudo por ela realizado, vê-se que o PB – de uma língua de sujeito nulo – tornou-se, com as modificações ocorridas no sistema pronominal e as consequentes alterações em sua flexão verbal – uma língua de sujeito pleno. Essa constatação tem fundamento nas verificações feitas, por Duarte, sobre a utilização de sujeitos em sete peças de teatro populares escritas de 1845 a 1992, quando ela verificou uma diminuição paulatina no uso de nulos, passando esses de mais de 75% nas três primeiras peças a 26% na última. Para a autora, esse

incremento das formas plenas responde à impossibilidade de se identificar os nulos pelas desinências, uma vez que – como foi dito – essa mudança de preferência acompanhava uma redução do paradigma flexional do PB.

(6) Em se tratando de mescla, os resultados mostraram percentual de 100% no período equivalente ao XIX.1, com um quantitativo de 1 caso (100%), zero ocorrência no XIX.2, e 1 caso de 2 (50%) em variação no século XX. 2. Conforme se percebe, há uma mistura no uso dos pronomes na posição de sujeito apenas no século XIX. Observe-se um exemplo a seguir.

(61) Veja caro amigo, | parece até incrível! **VOCÊ**, apesar deste **TEU** temperamento de ci-| dadão honesto, incapaz de perseguir até o (...)proprio inimigo, | deve agir, contra esta penca de ambiciosos falsificadores.|| Faça sciente a meretissima Directoria de Saude Publica, a-| fim de fazer cessar este abuso; desta maneira prestará um grande| beneficio aos incautos que não conhecem as especiaes qualidades de| **SEUS**productos, e bebem, sem se acautelar dos grandes desarran-| jos que podem causar aos (...) estomagos, as taes garapas sordidas| e immundas com o nome de vinho de Jurubeba, vendidas pelos| falsos fabricantes||(Bahia, 1929)

A gramaticalização do *você* em posição de sujeito contribui para sua ascensão como pronome, logo concorrendo diretamente com o pronome *tu*, configurando uma igualdade pragmática, tendo em vista esses pronomes ocuparem os mesmos espaços funcionais. A covariação entre esses dois pronomes de segunda pessoa influenciou a variação entre os pronomes possessivos *seu/teu*. Por fim, com relação à ocorrência do *tu* e *você*, levando em consideração o período aqui estudado, recorreremos a Rumeu (2008), ao se reportar ao uso categórico das formas do paradigma de *tu* no século XIX, enquanto que no século XX já se registram formas alternantes dos dois paradigmas.

4.1.3 Localidade

Outra variável extralinguística constante deste estudo é a que respeita à localidade. Em relação a essa variável, os dados comprovaram os resultados apresentados na Tabela 7 a seguir.

Tabela 7 - Percentual do pronome *seu* em relação à variável Localidade

Localidade	Seu
Santa Catarina	45/64 – 70%
Rio de Janeiro	55/55 – 100%
Bahia	81/95 – 85%
Rio Grande do Norte	6/6 – 100%

Em relação ao estado do Rio Grande do Norte, foram poucos os possessivos de segunda pessoa encontrados. Foram apenas 06 casos (100%), todos com o pronome *seu*. Do mesmo modo, não encontramos o *teu* nas 55 ocorrências de possessivos de segunda pessoa nas cartas dos jornais do Rio de Janeiro. Apenas nas cartas de jornais baianos e catarinenses encontramos o possessivo *teu*, mesmo que sempre em menor número de ocorrência em relação ao *seu*: na Bahia, das 95 ocorrências, 81 (85%) são da forma *seu* e 14 com o possessivo *teu* (15%); em Santa Catarina o percentual de *teu* aumenta um pouco, ou seja, das 64 ocorrências, há 45 (70%) de *seu* e 18 (29%) de *teu*.

Na verdade, o *teu* encontrado em Santa Catarina responde ao fato de tratar-se de uma comunidade em que prevalece o uso de *tu*, enquanto nem no Rio de Janeiro nem no Rio Grande do Norte foi encontrada a forma *teu*, por constituírem localidades em que predomina o uso de *você*.

Seguem dois exemplos de cartas com o possessivo *teu* em cartas baianas e catarinenses.

(62) A grande Idéa. || Ao convicto abolicionista João Lopes F. Filho || (...) | É esa força máscula, temível e genserica, || Com que tomais aos hombros uma empreza espherica, || Colmo o nordéste a folha, aa aza gran, tufonica. || E já que indomito segues, n'uma conquista herculea, || E elevas o **TEU** nome á amplidão cerúlea (...) || Virgilio Varzea. || (Santa Catarina, 1883).

(63) Bacharel em Direito formado pe- | la U. B.) || Luiz O. B. Neiva || Acirema, minha irmã: || Recordo-me ainda dos tempos | em que juntos sentávamos à | mesa após o término da Hora do | Brasil, para nos dedicarmos a | nossos afazeres escolares. (...) não te esqueças de que | (...) irmão é sobretudo **TEU** ami- | go, mas que não exitará em lan- | çar sôbre ti as responsabilidades | por atos indignamente construi- | dos. (Bahia, 1959)

Não obstante a significativa diferença entre as formas variantes, o percentual que as cartas mostraram de uso do *teu*, em Santa Catarina, evidencia que o pronome *tu* continua vigorando nesse estado, conforme mostra a pesquisa realizada por Souza e Coelho (2013) sobre o sistema de tratamento nesse estado em cartas pessoais do século XIX e XX. Essas autoras apontam três contextos favorecedores para o uso de *você*, que são a utilização de formas verbais imperativas, a preferência por sujeitos expressos e a colocação de pronomes em posição de complemento acompanhados por preposição; que rivalizam com os ambientes morfossintáticos que favorecem a inserção do *tu*, que são o uso de formas verbais não imperativas, os pronomes em posição de complemento não acompanhados por preposição e os pronomes possessivos. Por fim, as autoras apresentam como resultados para o estudo dos pronomes no estado de Santa Catarina a afirmativa de que no período em questão os

catarinenses conviviam com uma gramática antiga e outra inovadora, prefigurando problemas de transição e encaixamento no PB.

Segundo as autoras, especificamente no século XIX, há um uso categórico do paradigma do pronome *tu* na posição de sujeito e de complemento, correlacionando-o com o domínio de sujeitos nulos. Com a entrada do *você* na posição de sujeito, no século XX, os dados da pesquisa delas vem comprovar o uso categórico das formas complementares dessa forma pronominal (*lhe*, *o/a*, *seu*, etc); igualmente, se dá em relação ao *tu*, na posição de sujeito, em relação ao uso majoritário de seus pronomes complementos. Na utilização do sujeito *misto* é que se realizarão as formas de complemento pertencentes aos dois paradigmas, o que leva as autoras a concluir que:

Os usos “misturados” de pronomes do paradigma de *tu* e de pronomes do paradigma de *você* no século XX nas posições de sujeito e de complemento podem ser pensados à luz do problema de transição, relacionado, entre outras preocupações, à transmissão e à expansão de contextos linguísticos de uso das formas em variação/mudança (SOUZA; COELHO, 2013, p. 17).

Em consonância com a teoria do *encaixamento linguístico* (WLH, 2006 [1968]; LABOV, 2008 [1972]), as autoras irão apontar a entrada do *você* como um resultado de outros fenômenos linguísticos anteriores, quais sejam: “(...) o enfraquecimento da morfologia verbal e o preenchimento do sujeito pronominal, indicando um movimento de mudança de uma língua de sujeito nulo para uma língua de sujeito expresso” (p. 17).

Por fim, a pesquisa acima citada nos orienta para a compreensão de que, em Santa Catarina, no período pesquisado (séculos XIX e XX) o *tu* permanece majoritário quando se trata de sujeito nulo; entretanto, a mistura das formas correspondentes aos dois paradigmas, segundo Souza e Coelho (2013), parece constituir a comprovação de duas gramáticas: uma antiga e outra inovadora, ambas relacionadas, respectivamente, ao paradigma de *tu* e de *você*.

Em se tratando da variação *tu/você* no estado do Rio Grande do Norte correspondente ao século XX, ao analisarem cartas particulares, Martins e Moura (2013) irão concluir que o universo dos contextos morfossintáticos influencia diretamente no processo de implementação do *você* como pronome de segunda pessoa dentro do Português Brasileiro, em consonância com os apontamentos de Rumeu (2008), Lopes (2009) e Lopes e Marcotulio (2011).

Ratificando Duarte (1993), Martins e Moura falarão em uma tendência mais expressiva para o preenchimento do sujeito na segunda metade do século XX, seguida pela

forma *você*; já o pronome *tu* manteve-se associado a um contexto de aparecimento do sujeito nulo.

Outra informação oferecida pelos autores é que diferentemente do quadro apresentado em estudos sobre a entrada do *você* na escrita carioca que identifica a década de 1930 como marco no aumento na frequência de uso do *você*, a escrita no Rio Grande do Norte parece apresentar já nas décadas de 1910 e 1920 um percentual muito elevado (quase categórico) de formas associadas ao inovador *você* (MARTINS; MOURA, 2013, p. 12). Tal informação é ratificada em nossa pesquisa pelos números apresentados na Tabela 5, quando da não ocorrência da forma *teu* nas cartas analisadas, referentes à segunda metade do século XX.

Tabela 8 - Cruzamento de dados relativos ao pronome sujeito na totalidade da carta vs Localidade

	RN	BA	RJ	SC
Tu	–	0/13 – 0%	–	0/17 – 0%
Vós	1/1 – 100%	0/1 – 0%	–	–
Você	–	34/34 – 100%	10/10 – 100%	5/5 – 100%
Senhor(a)	–	10/10 – 100%	–	2/2 – 100%
Vossa Mercê/ Vossa Ex./ Vossa Senhoria	1/1 – 100%	23/23 – 100%	27/27 – 100%	19/19 – 100%
Formas nulas	1/1 – 100%	–	3/3 – 100%	4/4 – 100%
Mescla	–	2/2 – 100%	–	0/2 – 0%

De acordo com os resultados, em Santa Catarina, a mescla do pronome na totalidade da carta no século XX.2 ocorre em perfeita consonância com o pronome possessivo *teu*, corroborando estudos que mostram que o *tu* é o pronome mais recorrente nessa localidade. No entanto, já se percebe um percentual significativo de *você* na Bahia (34 casos), em contraposição ao Rio de Janeiro (10 casos) e Santa Catarina (05 casos). Já no Rio Grande do Norte não se registraram casos de ocorrência.

Em relação ao pronome *vós*, o cruzamento mostrou ausência de registro nos estados de Santa Catarina, Rio de Janeiro e Bahia, e um único caso de ocorrência no estado do Rio Grande do Norte. No tocante às formas nulas, dois estados não possuem registro de casos, quais sejam: Bahia e Santa Catarina. Já os dois outros estados apresentaram 100% de ocorrência, sendo 02 casos comprovados para o Rio de Janeiro e 01 para o Rio Grande do Norte.

Quanto ao *Senhor/a*, não há registros nos estados do Rio Grande do Norte e Rio de Janeiro; na Bahia há 10 ocorrências, contabilizando 100% dos casos, e em Santa Catarina contabilizou-se igualmente 100%, em uma totalidade de 02 casos registrados.

O *vossa mercê, vossa senhoria, vossa excelência* aparecem de forma equilibrada nas diferentes regiões, apresentando poucos dados no Rio Grande do Norte. Quanto ao uso dos possessivos, nesse contexto, o estudo em questão mostra, pelo processo de interação leitor/redator, condicionada pelas formas possessivas tratamentais, que a variação geográfica – regional ou diatópica – parece ser uma variável importante na implementação do possessivo *seu*.

A tabela abaixo pretende mostrar as influências no comportamento da variante *teu e seu* como decorrência do cruzamento das variedades independentes extralinguísticas localidade *versus* período.

Tabela 9 - Percentual de *seu* em relação à variável Período vs Localidade

	RN	BA	RJ	SC
XIX.1	–	6/6 – 100%	35/35 – 100%	12/12 – 100%
XIX.2	3/3 – 100%	22/22 – 100%	3/3 – 100%	11/20 – 55%
XX.1	3/3 – 100%	26/65 – 14%	7/7 – 100%	9/10 – 90%
XX.2	–	27/27 – 100%	10/10 – 100%	13/22 – 59%

Quanto ao percentual de *seu* em relação à variante *Período versus Localidade*, a Bahia apresentou, na primeira metade do século XX, a presença do possessivo *teu* (14%) nas cartas, o que nos leva a deduzir que todos os dados de *teu*, nesse estado, estão restritos às cartas desse período, conforme o exemplo (64). Em Santa Catarina já na segunda metade do século XIX (cf. ex. 65) os dados comprovam a presença de *seu* nas cartas (55%). Por sua vez, todos os demais períodos registrarão a presença do *teu* (90% em XX.1 e 59% em XX.2, como mostram o exemplo (66).

Em relação ao Rio Grande do Norte, o período XIX.1, não apresentou resultado por não possuir dados para estudo referentes a esse período; entretanto, para o período de XIX.2, esse estado apresentou um registro de 3 casos, como em (67), abaixo. No período XX.1, igualmente se registrou um percentual de 100% para o registro de 03 casos. Já no período XX.2, o estado apresenta ausência de registro.

(64) UMA CARTA| [Izabel] Toda **TUA** aparênciã me pren-|deu e soube me inspirar o mais| ardente e apaixonado amôr. E,| tens sido, para mim, para todo| o meu anseio, a musa ímpar do| meu canto de bardo e menestrel.| A ti, que és sempre encantadora| e bôa, tenho voltado a minha fiel| estima. Tu

refutas a calúnia de se| dizer, vigentemente, que as| mulheres atuais são sempre,| todas élas, futeis e levianas!| Do meu coração ignívomo e ex-|tremoso, já te ofertei a ternu-|ra, e a afeição mais pura e mais| sincera. Has sido a companheira| terna das minhas tristes horas| de martírio e das minhas ho-|ras alegres de prazer. DE JOÃO FEIRENSE (Bahia, 1944).

(65) (...) Minha gente: penso que, nós | catarinense (de modo geral, incluindo aqui | todas as camadas sociais e profissões), temos o | dever de louvar, nestes tempos difíceis, a nossa | terra e a nossa gente. Vamos mostrar aos | amigos turistas nacionais e estrangeiros que | habitamos um estado diferente (lindo por natu- | reza e abençoado por Deus), composto por | pessoas trabalhadoras e hospitaleiras. || É hora de mostrar que, além da alta qualidade | dos produtos fabricados em Santa Catarina, em | nossas veias corre a tradição européia trazida | pelos imigrantes e apresentada através das | danças, do folclore e da comida típica dos | portugueses, alemães, italianos, austríacos, | japoneses, entre outros. É preciso mostrar e | divulgar que somos diferentes. Demonstre | sempre, em todas as oportunidades o **SEU** amor | por Santa Catarina. (Santa Catarina, 1992).

(66) Não | te julgues insubstituível e traba- | lha continuamente pela atualiza- | ção de teus conhecimentos. Dá | o que tens de melhor do teu sa- | ber às causas públicas, lembrando- | te de que também fazes parte de | uma coletividade e que da tua | decisão dependerá muitas vezes o | bem estar social. Muitos te obser- | vam e do **TEU** procedimento de- | penderá a glória do teu próprio | futuro. (Santa Catarina, 1992).

(67) Sr. Redactor do “Brado Conserva-|dor”. (...) || B[.]ido dos conhecimentos e estilo| necesarios para escrever para o pu-| blico, tive todavia o audacioso arro-| jo de oferecer-me no sentido de for-| necer-lhe para serem estampadas nas | columnas do **SEU** bem conceituado | jornal as emergências dignas de men-|ção Até breve || Vicente Maria da Costa Avelino. (Rio Grande do Norte, 1877).

No Rio de Janeiro, os resultados mostraram percentuais de 100% para os períodos XIX.1, XIX.2, XX.1 e XX.2, com os quantitativos de, respectivamente, 35 casos, 04 casos, 07 casos e 10 casos. Como se vê, houve um movimento oscilatório ao longo dos séculos, mostrando uma alternância significativa entre a primeira metade e a segunda metade do século XIX (de 35 dados encontrados passou-se a 03), e de 07 dados para 10 nas primeiras e segunda metades do século XX, respectivamente.

Temos assim os resultados de um processo que registra em que medida os séculos, em associação com os períodos, foram capazes de influenciar o uso do possessivo *seu* em processo de covariação com *teu*.

Os resultados da análise aqui empreendida confirmam que as repercussões gramaticais, fruto da invasão de novas formas gramaticalizadas, como *você* e *a gente* (CINTRA, 1972, *apud* LOPES, 2005) atingem diferentes níveis da língua, rearranjando o sistema pronominal do Português Brasileiro. Assim, toda mudança permanece correlacionada

a um processo de hierarquização cada vez maior na sociedade, seja como forma de manter uma grande flutuação em relação às formas de tratamento entre as pessoas da época - quando a sociedade tinha a necessidade de delimitar ainda mais os papéis sociais dos membros que a constituíam - seja atrelando a norma ao valor social das formas variantes.

Quanto ao uso dos possessivos, nesse contexto, o estudo em questão mostra, pelo processo de interação leitor/redator, condicionada pelas formas possessivas tratamentais, que a variação geográfica – regional ou diatópica – parece ser uma variável importante na implementação do possessivo *seu*.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A dissertação aqui em pauta teve como objeto de pesquisa o uso dos possessivos de segunda pessoa do singular *teu e seu* em cartas de leitores de jornais brasileiros, nos séculos XIX e XX, nos estados do Rio Grande do Norte, Rio de Janeiro, Bahia e Santa Catarina. As observações descritas e analisadas foram embasadas em instrumental de natureza estatística e se utilizaram de resultados amparados por programas utilizados na área, como o *GoldVarb* (cf. ROBINSON; LAWRENCE; TAGLIAMONTE, 2001). Esse recurso possibilita atrelar informações de ordem linguística a fatos de caráter social.

Na verdade, o foco de nossa análise no controle da regra variável constituída pelas variantes *teu e seu* mostrou uma estreita relação entre o uso dos possessivos e a variável linguística Pronome sujeito na totalidade da carta e as variáveis extralinguísticas Localidade e Período.

Em referência ao pronome na posição de sujeito na totalidade da carta, os resultados sugerem que, apesar de o processo de variação no quadro de possessivos de segunda pessoa do singular estar encaixado às mudanças ocorridas no sistema pronominal do PB, a alternância entre as formas *teu e seu* não está diretamente correlacionada à alternância entre os pronomes *tu e você* na posição de sujeito. Dos resultados apresentados destaca-se que (i) há uma significativa ocorrência do pronome possessivo *seu* nas cartas em oposição ao *teu*; (ii) em cartas com o pronome *tu* na posição de sujeito apenas o possessivo *teu* foi encontrado; e (iii) os demais contextos em que encontramos o possessivo *teu* estão associados ao pronome *vós* na posição de sujeito (uma ocorrência) e quando há mescla no uso de pronomes sujeitos (uma ocorrência).

O cruzamento entre os pronomes na totalidade das cartas e o Período mostrou que (i) há um aparente equilíbrio no uso do pronome *tu* ao longo da segunda metade do século XIX e do século XX; (ii) há um aumento significativo no uso do pronome *você* e uma queda no uso dos pronomes *Vossa mercê/vossa senhoria/ vossa excelência* ao longo dos séculos – e esse aumento parece não ser acompanhado por um aumento no uso do possessivo *seu* que aparece categórico em cartas com os tais pronomes nas cartas dos séculos XIX e XX; resultado que parece apontar para um comportamento diferenciado do pronome possessivo em relação ao pronome sujeito na diacronia do PB. Na verdade, percebe-se nas cartas do século XX um uso gramaticalizado de *você* revestido do aspecto semântico-pragmático de *vossa mercê*, portanto preservando traços de respeito e cortesia entre leitor e redator nas cartas publicadas nesse

período. Tal resultado mostra que o pronome *você* entra no espaço discursivo das formas de tratamento nas cartas de leitores do século XX.

No tocante à localidade (Tabela 7), os resultados, bastante significativos, apontam para uma expressiva diferença entre os estados analisados. Rio Grande do Norte e Rio de Janeiro apresentaram 100% de realização do possessivo *seu* nos dados encontrados; já em Santa Catarina e na Bahia o número de ocorrências para *teu*, considerando sua não ocorrência nos outros estados, é bastante significativo: respectivamente, 30% e 25% das ocorrências. Pode-se inferir que a utilização do pronome *tu* nessas localidades influencia na realização do possessivo *teu*.

Com base no exposto, deduz-se que os resultados alcançados mostraram que as cartas de leitores podem se constituir em materiais refratários à mudança, quando revelam a forma pronominal *você* ainda com resquícios de um *vossa mercê*, I no curso dos séculos XIX e XX; logo um *você* equivalente a uma forma de tratamento ainda muito marcada com traços de mais cortesia. Isso explica o porquê de não se encontrar variação *teu* e *seu*, o que certamente ocorreria com relação à variação *seu/vosso*, de onde se pode concluir que *você*, nas cartas, ainda não se configuraria como variante de *tu*. Nesse sentido, a variante *seu*, como forma de tratamento ao interlocutor/destinatário assume, nas cartas, um *status* mais cerimonioso, formal, polido, cortês, o que ratifica um tratamento numa abordagem de caráter mais pragmático.

Nesse sentido, reiterando o dito, convém ressaltar os diferentes caminhos assumidos pelo possessivo *seu* na diacronia do PB, que pode estar atrelado a um *você* concorrente de *tu*, ou estar vinculado a um *você* oriundo da forma nominal *vossa mercê*, carregando traços de reverência e cortesia, conforme o caso das cartas de leitores em tela neste estudo.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, N. M. de. *Gramática Metódica da Língua Portuguesa*. Ed. São Paulo: Saraiva, 1977.
- AMARAL, L. I. C. *A concordância verbal de segunda pessoa do singular em Pelotas e suas implicações linguísticas e sociais*. Tese (Doutorado) – UFRS, Rio Grande do Sul, 2003.
- ARDUIN, J. *A variação dos pronomes possessivos de segunda pessoa do singular teu e seu na região sul do Brasil*. Dissertação (Mestrado em Linguística) - Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2005.
- ARDUIN, J.; COELHO, I. L. A variação dos possessivos teu e seu e suas implicações. In: VANDRESEN, P. (Org.). *Variação, mudança e contato linguístico no Português da Região Sul*. Pelotas: EDUCAT, 2006.
- ASSIS, R. M. Variações linguísticas e suas implicações no ensino do vernáculo. *Ilha do desterro*, n. 20, Florianópolis: Editora da UFSC, 1988.
- AUROUX, S. *A revolução tecnológica da gramaticização*. Campinas, SP: Ed. Unicamp, 1992.
- BARCIA, L. R. A variação entre “tu”, “vossa mercê” e “você” em cartas de leitores de jornais oitocentistas brasileiros. *Anais do I Encontro da Pós-Graduação em Vernáculos*. Universidade Federal do Rio de Janeiro - Faculdade de Letras. Rio de Janeiro: EDUFRJ, 2004.
- BECHARA, E. *Moderna Gramática da Língua Portuguesa*. 37. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.
- BENTIVOGLIO, P. A variação nos estudos sintáticos. *Estudos linguísticos XIV*. Campinas, UNICAMP, 1987.
- CALLOU, D. M. I.; LOPES, C.R.S. Contribuições da sociolinguística para o ensino e a pesquisa: a Questão da variação e mudança linguística. *Revista do GELNE*, ano 5, n. 1 e 2, 2003.
- CALLOU, Dinah (Org.). *A norma brasileira em construção: cartas a Rui Barbosa (1866 a 1899)*. 1 ed. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 2011, p. 265-292.
- CHAVES, Elaine. *Implementação do pronome você: a contribuição das pistas gráficas*. Dissertação (Letras (Linguística)) - Faculdade de Letras da UFMG, Belo Horizonte, 2006.
- CINTRA, L. F. L. *Sobre Formas de Tratamento na Língua Portuguesa*. Lisboa: Livros Horizonte, 1972.
- CUNHA, C; CINTRA, L. *Nova gramática do português contemporâneo*. 5. ed. Rio de Janeiro: Lexikon, 2008.

D'ALBUQUERQUE, A. da C. R. C. A perda dos clíticos num dialeto mineiro. *Sociolinguística e ensino do vernáculo*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1984.

DUARTE, M. E. L. Confronto entre a abordagem tradicional e outras perspectivas: por que e como ensinar. In: VIEIRA, Sílvia Rodrigues; BRANDÃO, Sílvia Figueiredo (Org.). *Ensino de gramática: descrição e uso*. São Paulo: Contexto, 2009.

DUARTE, M. E. L. Do pronome nulo ao pronome pleno: a trajetória do sujeito no português do Brasil. In: ROBERTS, I.; KATO, M. A. (Org.). *Português Brasileiro: uma viagem diacrônica*. Campinas: Ed. da UNICAMP, 1993.

DUARTE, M. E. L. O papel da sociolinguística na descrição da gramática da escrita contemporânea. In: TAVARES e MARTINS (Orgs.) *Contribuições da Sociolinguística e da Linguística Histórica para o ensino de língua portuguesa*. Natal, RN: EDUFRN, 2013. (Coleção ciências da linguagem aplicada ao ensino; v. 5). 242 p.

DUARTE, M. E. L. A evolução na representação do sujeito pronominal em dois tempos. In: Paiva, M. C. & Duarte, M. E. L 2003 *Mudança Linguística em Tempo Real*. Rio de Janeiro: ContraCapa.

FARACO, C. A. Norma-padrão brasileira: desembaraçando alguns nós. In: BAGNO, M. (Org.). São Paulo: Parábola Editorial, 2002.

FARACO, C. A. O tratamento você em português: uma abordagem histórica. *Fragmenta*, Curitiba, n. 13, 1996.

GÖRSKI, E. M.; COELHO, I. L. *Variação linguística e ensino de gramática*. Working Papers em Linguística. Florianópolis, v.1, n. 10, jan./jun., 2009.

KATO, M. A. Aquisição e aprendizagem da língua materna: de um saber inconsciente para um saber metalinguístico. In: MORAES, J.; CABRAL, G. (Org.). *Investigações à linguagem: ensaios em homenagem a Leonor Scliar - Cabral*. Florianópolis: Mulher, 1999.

KATO, M. A. A gramática do letrado: questões para a teoria gramatical. In: MARQUES, M. A.; KOLLER, E. ; TEIXEIRA, J.; LEMOS, S. A. (Orgs)). *Ciências da linguagem: trinta anos de investigação e ensino*. Braga: CEHUM (U. do Minho), 2005, p. 131 – 145.

LABOV, W. *Padrões sociolinguísticos*. Trad. Marcos Bagno *et al.* São Paulo: Parábola Editorial, 2008 [1972].

LABOV, W. *Padrões sociolinguísticos*. São Paulo: Parábola Editorial, 2008 [1972]. (Tradução de M. Bagno; M. M. P. Scherre e C. R. Cardoso do original: *Sociolinguistic Patterns*. University of Pennsylvania Press, 1972).

LAVANDERA, B. Where does the sociolinguistic variable stop?, *Language in society*, 1978.

LOPES, C R. S.; *et al.* Sobre norma e tratamento em cartas a Rui Barbosa. In: AGUILERA, V. (Org.). *Para a história do português brasileiro*, v. 7. Londrina: Eduel, 2009.

LOPES, C R. S.; DUARTE, M. E. L. De “vossa mercê” a “você”: análise da pronominalização de nominais em peças brasileiras e portuguesas setecentistas e oitocentistas. In: BRANDÃO, S.F.; MOTA, M.A. (Org.). *Análise contrastiva de variedades do português: primeiros estudos*. Rio de Janeiro: In-fólio, 2005.

LOPES, C R. S.; MACHADO, A. C. M. Tradição e Inovação: indícios do sincretismo entre a segunda e a terceira pessoas nas cartas dos avós. In: SANTOS, C. R. (Org.). *A norma brasileira em construção: fatos linguísticos em cartas pessoais do século XIX*. Rio de Janeiro: UFRJ, Pós-Graduação em Letras Vernáculas, FAPERJ, 2008.

LOPES, C. R. dos S. Retratos da mudança no sistema pronominal: o tratamento carioca nas primeiras décadas do século XX. In: Arnaldo Cortina; Silvia Maria Gomes da Conceição Nasser. (Org.). *Sujeito e Linguagem: Séries Trilhas Linguísticas*. Araraquara: Cultura Acadêmica, v. 17, p. 47-74, 2009.

LOPES, C. R.; CAVALCANTE, S. R. de O. A cronologia do voçamento no português brasileiro: expansão de você - sujeito e retenção do clítico - te. *Revista Linguística*, Santiago de Chile, v. 25, p. 30-65, jun. 2011. Disponível em: <http://www.linguisticafal.org/25_linguistica_030_065.pdf>. Acesso em 2 jan. 2013.

LOPES, C. R. dos S.; MARCOTULIO, L. L. *O tratamento a Rui Barbosa*. In: BARBOSA, A. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 2011, v.2, p. 265-292.

LOPES, C. R. dos S.; DUARTE, M. E. L. “De ‘Vossa Mercê’ a ‘você’: a pronominalização de nominais nos séculos XVIII e XIX”. In: *ENCONTRO NACIONAL DA ANPOL*, 17. Boletim Informativo 31 da ANPOL - A Pós-Graduação em Letras e Linguística no Brasil: memórias e projeções. Gramado: UFRS, 2002.

LORENGIAN-PENKAL, L.; ÂNGELO, C. M. P. A reorganização do sistema pronominal do português do Brasil. *Guairacá-Guarapuava*, Paraná, n. 23, 2007.

LUCCHESI, D. *Sistema, mudança e linguagem: um percurso na história da linguística moderna*. São Paulo: Parábola Editorial, 2004.

MARCOTULIO, L. L. *Vossa Mercê bem sabe de onde vieste: um caso de gramaticalização na história do português*. Tese (Doutorado). Programa de Pós-Graduação de Letras Vernáculas. Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). 2012.

MARCOTULIO, L. L. *Língua e história: o 2º marquês do Lavradio e as estratégias linguísticas da escrita no Brasil Colonial*. Rio de Janeiro: Itaca, 2010.

MARTINS, M. A. *Entre estrutura, variação e mudança: uma análise sincrônica das construções com – se indeterminador no Português do Brasil*. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), 2005.

MARTINS, M. A.; MOURA; K. K. 2013. *A implementação do você em cartas pessoais norte-rio-grandenses do século XX*. Dissertação (Mestrado em Linguística) Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem – Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), 2013.

MENON, O. P. da S. A gente, eu, nós: sintomas de uma mudança em curso no Português do Brasil? In: *Anais do II ELFE – Encontro Nacional sobre Língua Falada e Escrita*. Maceió, 1997, p. 396-402.

MENON, O. P. da S. A indeterminação do sujeito no Português do Brasil: NURC – SP e VARSUL. In: Vandresen, P. (Org.). *Variação, mudança e contato linguístico no português da Região Sul*. Pelotas: EDUCAT, 2005.

MENON, O. P. da S.; LORENGIAN-PENKAL, L. Variação no indivíduo e na comunidade: tu/você no sul do Brasil. In: VANDRESEN, P. (Org.) *Variação e mudança no português falado na Região Sul*. Pelotas: Educar, Editora da Universidade Católica de Pelotas, 2002.

MENON, O. P. da S. *O sistema pronominal do português do Brasil*. Letras, Curitiba, n. 44, 91-106, Editora da UFPR, 1995.

ROBINSON, J.; LAWRENCE, H & TAGLIAMONTE, S. *GoldVarb 2001: a multivariate analysis application for Windows*. User's manual, 2001.

ROCHA, A. de F. *Clíticos reflexivos: uma variante sociolinguística na cidade de Ouro Preto*. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Letras/UFMG, Belo Horizonte, 1999.

RUMEU, M. C. de B. *A implementação do “você” no português brasileiro oitocentista e novecentista: Um estudo de painel*. Tese (Doutorado em Letras Vernáculas - Língua Portuguesa) - Programa de Pós-graduação em Letras Vernáculas. Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Rio de Janeiro, 2008.

RUMEU, M. C. de B. *Para uma história do Português no Brasil: formas pronominais e nominais de tratamento em cartas setecentistas e oitocentistas*. Dissertação em Língua Portuguesa. Rio de Janeiro, UFRJ, 2004.

SILVA, I.; ARDUIN, J. O recorte de regras variáveis: algumas reflexões. *Working Papers em Linguística*, UFSC, n. 8, 2004.

SILVA, V. L. P. *Gêneros e tipos de texto: problemas de superposição e segmentação*. Palestra apresentada no Programa de Pós-Graduação em Letras da UNESP- Araraquara, outubro de 2005.

SOUZA C. M. N.; COELHO, I. L. O sistema de tratamento em Santa Catarina: uma análise de cartas pessoais dos séculos XIX e XX. *Revista do GELNE*, v. 15, n. 1 e 2, 2013, p. 213-244.

SOUZA C. M. N.; COELHO, I. L. *O sistema de tratamento em Santa Catarina: uma análise de cartas pessoais dos séculos XIX e XX*, v. 15, n. 1 e 2, Universidade Federal de Santa Catarina, 2012.

WEINER, J.; LABOV, W. Constraints on the agentless passive. *Journal of Linguistics* 19:29-58. 1983 [1977].

WEINREICH, U.; LABOV, W.; HERZOG, M. *Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística*. Trad. Marcos Bagno. São Paulo: Parábola Editorial, 2006 [1968].